ROMANCES NACIONAES

A CAVEIRA
DA MARTYR

ROMANCE HISTORICO

EM SEGUIMENTO DA

FILHA DO REGICIDA

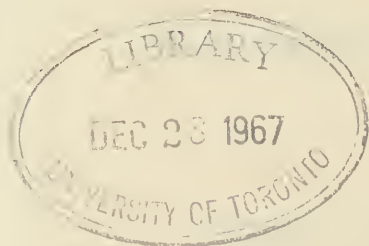
POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

TOMO PRIMEIRO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMP.ª
68—Praça de D. Pedro—68
1875

A propriedade d'esta obra, no Brazil, pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito d'aquelle imperio.

Typ. Editora — Praça de D. Pedro, 67

Preito á virtude do trabalho realçada pela grande moralidade de instrucção voluntaria

---

AO

Gabinete portuguez de leitura

NO

RIO DE JANEIRO

OFFERECE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PREFACIO

Entre os trinta e seis criados que, no 1.º de junho de 1834, embarcaram em Sines com o proscripto infante D. Miguel de Bragança, distinguia-se por nascimento e educação litteraria o moço da real camara, Fernando Luiz, sobrinho do tristemente famigerado desembargador Antonio José Guião.

O dedicado rapaz acompanhou o seu rei até á prova da indigencia, n'aquelles dias angustiosos em que o irmão de D. Pedro IV não tinha em Roma, como refere o visconde de Arlincourt, um baiocco *(10 réis) para comprar o leite do almoço.*

Quando o infante, apertado pela pobreza, despediu o maior numero de criados e dependentes, Fernando Luiz Guião dirigiu-se á Allemanha, ao passo que os seus compatriotas voltaram a Portugal.

O sobrinho do desembargador Guião tivera na patria o melhor tirocinio litterario d'aquelle tempo, cursando

humanidades com os padres do oratorio, e completando os estudos preparatorios no collegio dos Nobres.

Em Roma estudara as linguas italiana e franceza. O tão faccioso quanto intelligente arcebispo de Evora, D. fr. Fortunato de S. Boaventura, tambem emigrado, fizera-o seu amanuense. Da convivencia com este douto portuguez, ganhou Fernando farta sciencia, e mais que tudo o desprendimento e affoita confiança com que o homem, desvalido dos bens de fortuna, se aventura a julgar que toda a terra é patria, porque o saber é universal.

Animado, pois, pelos conselhos do sabio proselito de D. Miguel, foi Fernando Luiz procurar sua vida na Allemanha, como professor das linguas franceza, hespanhola, italiana e portugueza. Dizia-lhe o arcebispo que o estudo das linguas era prezado n'aquellas pensadoras nações em que as sciencias se alimentavam de fundas raizes, e os sabios timbravam em ser cosmopolitas, colhendo a historia de todos os paizes no seu proprio idioma.

Em 1837 annunciara-se Fernando Luiz Guião como professor de linguas em Berlim. Um dos seus primeiros discipulos, no idioma portuguez, succedeu ser um dos notaveis sabios d'aquella cidade. Chamava-se Leonardo Leopoldo Frisch, ministro protestante, e contava, ao tempo, idade superior aos cincoenta annos.

Maravilhou-se o mestre de alumno tão respeitavel por idade quanto pela gerarchia no sacerdocio, e perguntou-lhe como tão tarde se dedicava ao estudo de um idioma difficil.

Respondeu o clerigo que nunca tivera occasião de instruir-se com professor idoneo, nem lhe constava que

algum portuguez professasse em Allemanha a sua lingua. Accrescentou que desde tenros annos anhelára ardentemente estudal-a, não tanto pelo prazer de decifrar a famosa epopêa de Camões, que os seus conterraneos, desde Meinhard até Wilhelm von Thery, pareciam deslustrar, como principalmente para decifrar um segredo de familia.

Apesar da indefessa applicação do discipulo e do engenhoso methodo do professor, as delongas e as imprevistas difficuldades impacientavam Leonardo Frisch.

Poderia elle dispensar-se de conhecer o idioma, que alcunhava de docemente barbaro, e esclarecer o chamado «segredo de familia», confiando ao portuguez a traducção do volumoso manuscripto que dizia ter, mas não mostrava, em um cofre de pau santo; porém, o prussiano cohibia-se de expôr os papeis, receando que o mysterio involvesse deshonra para seus antepassados. Fernando conheceu o melindre, e soffreou a natural, mas descortez curiosidade.

Proseguiu o clerigo desveladamente no estudo; e, no termo de dois annos, conseguira traduzir, com exultações imaginaveis, o essencial do manuscripto. E crescia de ponto o seu contentamento á medida que a probidade de seu avô saía immaculada por entre as confusas peças de um processo criminal.

Convencido, portanto, da inculpabilidade do seu antepassado, chamou o mestre á confidencia do segredo de familia, dando-lhe o manuscripto para que elle o vertesse, tão litteralmente quanto podesse, para francez.

Antes, porém, da entrega, Leonardo Frisch abriu um cofre de tartaruga com ornatos de metal, tirou uma caveira, e disse:

— Aqui tem o segredo, que, n'este anno corrente, faz justamente um seculo que entrou na minha familia. Foi meu avô Josse Leopoldo Frisch que fechou esta caveira n'este cofre ha cem annos, contados desde 1739. Aqui tem a data, escripta n'este osso que chamam temporal.

— E foi escripta em Lisboa?! — atalhou o portuguez, admirado.

— Em Lisboa, certamente.

— Noto aqui outra inscripção no temporal *esquerdo... — observou Fernando, querendo decifral-a.*

— Sim, senhor: esta inscripção allemã diz

A Caveira da Martyr

O clerigo continuou:

— Dos papeis que o meu querido mestre vae traduzir não se inferem algumas miudezas que vou referir-lhe como proemio á tristissima tragedia. Meu bisavô João Leonardo Frisch, ministro da Reforma lutherana, foi um dos homens instruidos do seu seculo, na Allemanha. Nasceu em 1666, e aqui morreu em Berlim em 1743. Até aos quarenta e quatro annos viajou por França, Suissa, Turquia, Italia, Hollanda, Hespanha e Portugal. Casou aos cincoenta e tres, e teve um filho chamado Josse Frisch, que no vigor da mocidade foi a Portugal, movido por interesses das sciencias naturaes que cultivara distinctamente. Cheio de honestos brios, me honro em lhe apresentar n'este raio das minhas estantes, os livros que estes meus ascendentes publicaram. [1] *Meu avô, Josse Frisch, que provavelmente lavou com suas*

[1] Consulte os diccionarios bibliographicos de Bouillet, Brunet, etc. quem desejar conhecer os titulos das obras dos dois Frisch.

lagrimas esta caveira, consta da tradição que fôra novo, alegre e feliz para Lisboa, em 1730, e voltára á patria em 1739, encanecido, desfeito e envenenado pela paixão de uma saudade que nunca mais o deixou sorrir á esposa que lhe deram nem ao filho, que era meu pae, e muitas vezes me disse: «Eu nunca vi um lampejo de alegria no semblante de teu avô.» Minha avó, esposa d'este homem inconsolavel, morreu sem saber o que este cofre continha. Imaginava-se que o melancolico scismador, por demasia de cautella, fechára aqui alguns exemplares raros das suas investigações mineralogicas. Quanto aos papeis, só meu pae lhes deu valor, quando tentou debalde comprehendel-os, e acaso encontrou o appellido da nossa familia incravado n'estas paginas indecifraveis.

Não sei se elle teve modo de penetrar o segredo dos papeis e da caveira; a mim nunca m'o revelou; mas é mais de crer que a Berlim não viesse portuguez que o esclarecesse, nem elle solicitasse da sciencia alheia um esclarecimento, desairoso talvez, para seu pae.

. . . .

Fernando Luiz traduziu litteralmente para francez um longo processo-crime; e, ao mesmo tempo, com permissão do discipulo, extrahiu um traslado na sua lingua.

O emigrado portuguez, favorecido pelas liberalidades do sacerdote Leonardo Frisch, e pelo estipendio do incansavel professorado, conseguiu doutorar-se em medicina na universidade de Berlim. Habilitado a grangear na patria o pão independente da renuncia das suas crenças politicas, voltou a Lisboa em 1844. Por espaço de vinte e cinco annos exercitou a sciencia com tamanho

desinteresse que morreu pobre. Como a sua confiança nos aphorismos da arte era duvidosa, barateava os serviços, escrupulisando em encarecer-se além de um simples observador das forças da natureza. E por que não tinha familia, não deixou filhos que chorasse, nem que o chorassem. Que suave morte!

A sua livraria foi leiloada a beneficio de creados. Fui parte na pequena concorrencia de licitantes. Apregoou o leiloeiro um pacotilho de manuscriptos, cartonados e intitulados — A CAVEIRA.

Um dos licitantes, mais attento ao titulo, observou aos outros que, provavelmente, aquella papellada era uma descripção ostheologica da caveira, visto que o defuncto era medico. Esta observação depreciou em tanta maneira o lote que m'o adjudicaram por pouco mais do peso.

Assim adquiri eventualmente o processo de uma historia começada no REGICIDA, *sem a minima esperança de a concluir na* CAVEIRA DA MARTYR.

Este Prefacio *é o resumo das vinte laudas em que Fernando Luiz Guião relatara por miudo as tristezas do desterro e as alegrias do trabalho.*

INTRODUCÇÃO (*)

A viuva de Domingos Leite e de João da Veiga Cabral, já não tinha alma sensivel ás felicidades convencionaes d'esta vida. Recordações que lhe eram affronta, e saudades atormentadoras — a imagem terrivel do primeiro marido, e a imagem amada e deplorativa do segundo — fechavam-lhe em nuvem negra qual aurora de esperançoso contentamento. Nem as caricias de Angela, nem os amoraveis rogos de Francisco Mendes a demoveram de seguir o destino que a norteára a Portugal. O ermo, a soledade, a dôr sem distracção, morrer, emfim, alheia de amparos que suavisam o trance, era para Maria Isabel

(*) Abrange setenta annos a *Introducção.* Assignalaremos com traços ligeiros os vestigios da morte no decurso de tres gerações que se contam desde o regicida até á sua ultima descendente.

uma necessidade do coração, um sacrificio voluntario á redempção de suas culpas para com Domingos Leite, e ao seu immenso amor a João da Veiga Cabral. No entanto, se algum desafogo sentia ao cuidar que suas lagrimas eram vistas desde o seio da eternidade, com certeza não eram os olhos do primeiro marido os que lhe davam a recompensa da immolação.

Adorava a memoria do segundo esposo. Santa saudade! Homem mais digno d'esse culto não poderia dar-lhe o mundo outro. Elle tinha os segredos da sua vida maculada, desde que ella lh'os revelou, lembrando-se que uma vez, cega de paixão, não vira em si o labéo que a tornára infame aos olhos de seu primeiro marido. Tudo lhe desvendou, como se os dois cadaveres, que ella fizera, a estivessem accusando para envilecêl-a. Pintou-se ignobil e despresivel no deslumbramento em que a fascinara o rei; arguia-se menos, infamava-se menos por ter sido a cega victima do padre. João da Veiga Cabral explicava indulgentemente as duas cegueiras — primeiro a da innocencia, depois a da allucinação. Defendia-a de suas mesmas severidades. E, quando ella chorava remida pelo amor ardente das almas castigadas, o amante pedia-lhe de joelhos que o acceitasse como marido, não por amor da honra, mas por amor d'elle.

Nunca vira a ruga do arrependimento na fronte

do esposo, nem os tedios intermitentes da vida positiva, serena, sem os sustos que refinam o amor. Se ruins lembranças do passado a sobresaltavam, João da Veiga escutava-lhe o gemido recondito do coração; e, arrancando-a de si mesma, parece que a alma se lhe abria em novo manancial de ternuras. E por isso, a mulher impura, considerando-se depurada de suas nodoas na frágua d'aquelle amor generoso de todas as misericordias de um Deus, tambem se considerou digna de morrer na tristeza das mais honradas viuvas.

Angela, attribuindo a capricho de genio especial a insistencia da mãe, doeu-se da separação resistente a supplicas e caricias. O hebreu definiu mais psycologicamente a mysantropia de sua sogra. Até certo ponto, desde que viu frustrarem-se as meiguices da esposa no alivio de Maria Isabel, comprehendeu que as saudades de João da Veiga não bastava a mitigal-as o amor da filha de Domingos Leite. E notou ainda que sua sogra parecia ter remorsos de haver procurado nas doçuras maternaes impossivel distracção ás angustias de viuva.

Entrou, pois, no Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação, e occultando as passagens criminaveis da sua existencia, logrou estar seis annos desconhecida em uma congregação de mulheres conventuaes, onde por via de regra a curiosidade das

coisas mundanas raro cede o passo á indagação das divinas.

Mallogravam-se os cuidados da filha em rodeal-a de todas as regalias compativeis com o seu retiro. Maria Isabel acceitava apenas a satisfação de não ser despresada. Quanto a recursos, as joias de sua mãe asseguravam-lhe alguns annos de parca subsistencia, e dizia ella que, para o final da vida, reservava umas poucas moedas do soldo de seu marido.

Porém, não ha fiar-se a gente nos luctos perpetuos, nos heroismos do lento suicidio, quando são trinta e cinco os annos: e as cinzas de um cadaver affrouxam mas não apagam as faúlas que subitamente resaltam e nos entreluzem horisontes imprevistos.

Quem diria que uma creancinha, ao balbuciar a palavra *avó*, descondensaria de sobre o coração de Maria Isabel o mais espêsso da sua escuridade? Como póde o contacto de uma vida em começo com o peito glacial da viuva aquecer lá dentro uns embrioens de affectos desconhecidos? Não se explica plenamente o estremecido amor dos avós. Sabe-se que renasce a ternura que os pais tiveram aos filhos na infancia — ternura que esmorecêra a par e passo que os filhos se emanciparam das blandicias paternaes.

O certo é que a mãe de Angela, quando Jorge, seu neto, prefez tres annos, sahiu do Recolhimento

porque os Estatutos vedavam a entrada de crianças; e a regente, já cançada de quebrar a Regra a rogos da extremosa avó, lhe declarára não mais exceptual-a dos estylos da casa.

Voltou, por tanto, D. Maria para a companhia de sua filha, mantendo os habitos adquiridos no claustro, — o lucto, a oração, a tristeza exterior; mas lá do peito a dentro brincavam-lhe as santas alegrias de embalar no seio o seu neto, guardal-o no berço, e ganhar-lhe o amor com ciumes até da propria filha.

*
* *

Jorge nascera em 1660.

Quinze annos depois, frequentava jurisprudencia na Universidade de Coimbra.

Sua avó acompanhou-o durante a formatura.

Aos vinte e seis annos, Jorge Mendes Nobre era um dos mais famosos jurisconsultos do reino, já nobilitado, como seu pai, com o habito de Christo.

Eis aqui a descendencia do regicida em 1686, quarenta annos depois da sua morte. Maria Isabel ainda vivia quasi septuagenaria, com a memoria de suas desgraças atrophiada, pautando o regulamento higienico do seu passadio como quem deseja e tenciona durar muito.

Triste e estupido egoismo da velhice! Os infortunios são commoventes, ainda quando os grandes delictos se descontam nas paixões desatinadas. Com as mulheres cahidas desce ás vezes ao fundo da voragem uma luz, que lhes dá nimbo de martyres da sociedade que as abysma. Ha d'ellas, ahi mesmo, perdidas e admiradas, e, quantas vezes, amadas! Porém, se os annos — triste regeneração! — as restauraram para o respeito do mundo e amor dos netos, a memoria das suas desgraças é serôdia elegia que nos dá um involuntario sorriso ironico.

Percebo isto e não o explico bem.

O leitor, se o quer perceber melhor, contemple o retrato da George Sand de 1835 e o da George Sand de 1875. Depois leia o romance de ha quarenta annos, a *Lelia*, e o romance de hontem, *Monte-Revêche.* Aquella mulher de olhar sobranceiro, que transluz na pupilla accêsa o doce inferno do seu amor, que matava Mussets, e atirava as tranças negras e os escandalos da vida e os escandalos dos livros á cara da sociedade — assombra-me. Sinto que era forçoso saudal-a na morte como os luctadores ao Cezar, no circo. A outra, a Sand dos setenta annos, filtrada do iodo do mar, azotada da sadía cosinha da provincia, com a touca de dispenseira e os bandós espalmados nas fontes, esta, que faria rir a sã moral vingada, a mim faz-me chorar. Ah! as mulheres, que

deram vida e morte a muitos corações, deviam morrer cedo! — Que incalculavel expiação, ó Deus, se a velhice, que não tem esperança, tivesse saudade! O que seria a ante-camara da morte, se ahi deixasses, ó benigna Providencia, uma janella aberta para o passado!

O esquecimento é o primeiro beneficio da aniquilação. Maria Isabel, a mulher de Domingos Leite, a amada de D. João IV, a viuva do enforcado, a amante e esposa do gentil fidalgo de Bragança, aos sessenta e cinco annos, devia de estar esquecida... pois queria viver! Prelibaba as realisadas delicias de um bisneto. Não enxugava uma lagrima, não respondia a uma phrase, a uma reminiscencia das cinzas de ha trinta annos!

Não seria mais bella aquella mulher lavrada a vulto na tampa de um tumulo? A leitora de fino sentir não quizera antes que a poesia da morte lhe tirasse d'ante os olhos o espectaculo da velhice, que se resguarda dos nevoeiros e estófa de flanellas o peito, escadeado pela ressicação dos tecidos? Verdade é que a decrepidez da mulher, que triumphou a vida com as magias da formosura, com os filtros da perfidia, insinuando o amor como quem injecta mortaes venenos, é uma profunda lição que refrea os impetos da mocidade, — quando os não desenfrêa e lhes dá de espora no curto stadio dos prazeres.

Como quer que seja, a celebrada belleza da Traga-malhas, e a sua historia, na volta dos sessenta e nove annos, se não fossem uma desgraça inconsciente, seriam supplicio de sobra ás suas culpas.

Não nos deteremos a descrever-lhe a ultima phase da decomposição. Alli já não podia dar-se o morrer que espanta. Morta já ella estava na mais vivaz faculdade do vitalismo—a memoria. Seriam consternadores os seus paroxismos, se ella prolongasse um lanço de olhos pelo passado, e revelasse, nas lagrimas derradeiras, saudades ou remorsos. A filha e o hebreu é que choravam, recordando-se da vida d'aquella mulher, e entrevendo-lhe no rosto morto a formosura, a apagada estrella que tantas fatalidades influira.

Quando Maria Isabel morreu, (1694) já seu neto Jorge Mendes Nobre era lettrado insigne na côrte; excedia os trinta annos, e havia casado afortunadamente com a filha de outro rico lettrado, João Xavier Gomes, de familia israelita.

Jorge e seu pai eram suspeitos ao espirito da intolerancia catholica, bem que ouvissem missa quasi quotidiana na capella da casa. Verdade é que o advogado Mendes Nobre não imitava a christandade de seus pais, allegando negocios que lhe redusiam as praticas devotas, com mui grande magua sua. E, posto que não faltasse no templo em dias santifica-

dos, esta satisfação era diminuta para a critica, e principalmente para o santo-officio, a quem constava que Francisco Mendes, tres annos depois da morte do rei, repozera em Amsterdão os cabedaes que d'ali mandára vir para Portugal, quando calculou segura a sorte das familias israelitas protegidas pela côrte, em recompensa dos serviços feitos á indepencia da patria e conservação da dynastia. Porém, assim que viu a inquisição excommungar D. João IV morto, porque elle restituira aos filhos de alguns condemnados pela inquisição os bens de seus pais, Francisco Mendes transferiu os seus haveres a Hollanda, auferindo dos rendimentos o costeio da sua invejada abastança.

Menos cauto que seu pai, o eminente jurisconsulto era espiado, desde que ao santo officio chegou o vago boato de que elle tinha e lia livros prohibidos no *Index auctorum damnatae memoriae*, composto pelo jesuita Balthasar Alvares, e mandado imprimir em 1624, pelo inquisidor geral D. Fernando Martins Mascarenhas. Aggravava esta denuncia o crime de ter peregrinado terras de hereges, nomeadamente Flandres, convivendo com heresiarcas, comendo com elles, e praticando livremente ácerca dos dogmas da fé catholica.

Infelizmente, Jorge Mendes Nobre usava encarecer a sua fé christã, dispendendo-se em argumen-

tos contra os incredulos; mas a tibieza com que atacava as rasões dos huguenotes, parecia um proposito hostil á sua mesma opinião, se não era antes uma perigosa ironia.

Para bem averiguar o que fosse, o promotor do santo officio requereu contra o doutor Jorge Mendes, alcunhando-o de heresiarca e dogmatista. Em seguida, o alcaide recebeu o mandado de prisão, que se cumpriu no mez de fevereiro de 1701, quando o lettrado estava festejando o decimo quarto anniversario do seu primogenito Paulo Xavier.

O prezo orçava então pelos quarenta annos; Angela era ainda vigorosa; mas seu pai prefazia os setenta. Alanciado pelo terror da sorte de seu filho, Francisco Mendes soccorreu-se das pessoas poderosas na côrte, expondo os favores que prestára ao rei e ao reino; mas concluindo pouco ou nada quanto á orthodoxia do reo. (*) Pelo que, a sua afflicção

(*) Francisco Mendes debalde empregára todo seu valimento para, em 1664, salvar da morte seu tio Affonso Nobre, advogado em Villa Viçosa, onde fôra provedor da Misericordia e vereador. Tinha um filho e uma filha que, prezos tambem, foram compellidos a testemunharem contra seu pai. Este filho, no auto da fé, pediu ao pai que lhe perdoasse e o abençoasse. O penitenciado a fogo, respondeu: «Perdão vos dou por me trazerdes a este estado, para que Deus me perdôe; benção, não; porque não é meu filho quem confessou o que não fez, e sendo christão, disse que era judeu.» E morreu queimado Affonso Nobre por negativo na crença de Moisés.

de pai extremoso, offerecendo grosso dinheiro pela liberdade do filho, lhe enredava mais o processo e difficultava o perdão. O santo officio não costumava fazer transacções de tal natureza. Se os prezos eram ricos, a inquisição não carecia de os absolver para os espoliar.

Desde a hora em que lhe arrancaram dos braços o seu unico filho, o marido de Angela não teve mais o reparador descanço de uma noite. Nem a esposa nem o neto o distrahiam da lethargia em que se atrophiou desde que as portas dos amigos se fecharam ás inuteis supplicas. Em quanto pôde chorar, viu a esperança ao travez das lagrimas; porém, as lagrimas seccaram e a luz apagou-se-lhe nos olhos ao mesmo tempo. O infeliz expirou, cuidando que ouvia os gemidos do seu Jorge na tortura!... Que morte a d'aquelle ancião cheio de virtudes!

Jorge Mendes ignorava ainda, dois annos depois, que seu pai era fallecido e sepultado no seu carneiro de familia que mandára construir na egreja de Camarate, onde possuia uma quinta. O *Regimento da Inquisição* castigaria com grande rigor o guarda que noticiasse ao prezo que seu pai era morto. (Nota 1.ª *).

Entretanto, a situação de Jorge Mendes era de-

(*) As *Notas* são impressas no final do romance.

certo menos horrivel do que se afigurára a seu pai. Logo que foi preso e levado ao tribunal, confessou que tivera duvidas sobre certos dogmas da religião christã; depois que lêra alguns livros condemnados, os quaes estavam na meza dos inquisidores. Nomeou as pessoas com quem no estrangeiro praticára, e os apertos em que se vira para refutar a theologos lutheranos, attribuindo estas difficuldades á sua ignorancia d'elle, e não ao racionalismo dos contendores. Esta confissão, acompanhada de lagrimas e outros signaes de intimo arrependimento, favorecia o prezo com este artigo do *Regimento*, titulo 3.º intitulado *dos Confitentes*.

Porém, quando algum reo depois de prezo e accusado pela justiça, antes de lhe serem publicadas as testemunhas d'ella, confessar suas culpas e a confissão fôr muito satisfatoria pelos signaes que mostrar de sua conversão e arrependimento, e pela declaração das culpas e dos cumplices, que deu e descobriu; poderão os inquisidores não votar em pena de carcere e habito perpetuo, senão a arbitrio; e isto mesmo poderá ter logar no reo que posto que não mereça tanto favor pelo tempo, em que fez a confissão, comtudo o merecer pelo modo com que a fizer e pelos signaes que der de seu arrependimento e declaraçoens que fizer das culpas e culpados do mesmo crime.

Os requeridos signaes de conversão não podiam ser mais persuasivos. O reo, chorando pela esposa, pelo filho e por seus velhos pais, revelava angustias que os inquisidores poderiam suppor intenso pezar de haver duvidado da unidade das tres pessoas da Trindade santissima; e, convencidos e compadecidos, poderiam, em conformidade com a lei, mandal-o estudar melhor as santas theologias, e soltal-o do carcere sem penitencia grave; porém, o artigo 10 do mesmo titulo 3.º do *Regimento*, dizia:

Os heresiarcas e dogmatistas, posto que confessem antes de ser accusados pela justiça, sempre devem ser examinadas suas confissoens (que grammatica a d'esta santa gente!) *com maior advertencia, para que se veja se são verdadeiras, e os signaes que dão de sua conversão mostram estarem de todo appartados dos erros em que criam e que ensinavam: e, concorrendo estas circumstancias, serão recebidos com carcere e habito perpetuo, sem remissão e com reclusão, pelo tempo que parecer que convem para a sua instrucção na Fé... e com o habito penitencial levarão ao auto da Fé carocha com titulo de heresiarca ou dogmatista.*

Este artigo, por tanto, frustrou as lagrimas compungentes do advogado: e muitas deviam ser as que elle chorou, desde fevereiro de 1701 até setembro de 1703.

E, ao cabo de dois annos e sete mezes de carcere em que lhe era permittida a leitura dos Evangelhos e a pratica semanal com algum frade dominicano, e, melhor que tudo, a confissão mensal, com reserva da communhão, sahiu em fim Jorge Mendes Nobre com sambenito, no Auto da Fé, em 9 de setembro, a fim de abjurar em publico os seus erros, e vêr queimar os livros que o derrancaram. A sua contricção era notoria. Já por entre a multidão circulava um piedoso soneto que Jorge Mendes escrevêra em resposta de outro recheado de sandías injurias. (Nota 2.ª). O publico, a côrte e o tribunal, mostravam-se compadecidos do reo confitente, do sabio jurisconsulto, do filho do christão novo que tão liberalmente remira a honra de D. João IV infamada pelos crédores hollandezes. Augmentava a condolencia geral saber-se que Francisco Mendes perecera de paixão, e que a sua viuva era um raro espectaculo de desgraça e força. Pois não obstante este conjuncto de circumstancias, a sentença lida ao reo penitenciado, antes que o inquisidor o absolvesse e tocasse com a vara, continha estas durissimas penas:

Prohibição de advogar;
Prohibição de insignias de qualquer dignidade;
Confiscação de todos os bens;
Degredo por seis annos para a cidade de Miranda.

A aspereza d'esta sentença amacia-se bastantemente, se meditarmos que os inquisidores podiam queimal-o, se quizessem. Ao favor de o não queimarem, accresce a extraordinaria bem-querença de o aliviarem da pena de habito penitencial, podendo assim Jorge Mendes Nobre, desbalisado não só dos bens, mas até do officio por onde podia readquiril-os, pobre e desterrado, com mãe, esposa e filho, implorar em Miranda uma vestia de borel, visto que não poderia mendigar o habito de penitente, que a santa Inquisição costumava vender caro aos que forçadamente se haviam de fornecer dos seus armazens.

*
* *

A maior parte dos haveres de Jorge Mendes Nobre, como se disse, girava em Hollanda no tráfego mercantil, mediante o rico banqueiro de Lisboa, Manuel de Castro Guimarães. (*) Por tanto, o neto de Domingos Leite Pereira era rico, a salvo da inquisição.

Aconselharam-o em Miranda que fugisse para Amsterdão: era facil illudir ou comprar a vigilancia dos familiares do santo officio a quem incumbia ex-

(*) No palacio que foi dos condes de Almada, ás portas de Santo Antão, vive hoje o capitalista representante do banqueiro do seculo passado.

piar-lhe o degredo e a observancia do ritual catholico. Repelliu o conselho, receando perfidia, e, mais que tudo, os trabalhos de uma viagem sobresaltada para sua mãe que orçava por cincoenta e seis annos, e para sua mulher que insandecêra, quando ouviu tanger os sinos de S. Domingos a auto da fé, oito dias antes do espectaculo, um tanger compassado e lugubre como as badaladas da agonia.

Além d'isso, os seus dois filhos Paulo e Francisco, estudavam humanidades em Lisboa, no collegio da Cotovia, que era casa de Provação. Os padres da companhia de Jesus predispunham os dois mancebos, consoante a sua usual discrição, para vestirem o habito. Eram ambos bons alumnos, humildes e de mui devotos exteriores. O affecto dos jesuitas aos filhos do herege absolto promettia que a pena de degredo fosse commutada, mormente se elles fizessem os tres votos. Jorge Mendes confiava tambem na influencia da companhia, e não impugnava a propensão dos filhos. A prizão de dois annos, as calamidades domesticas, o terror do futuro e as tristezas do desterro anniquilaram-lhe a energia. Angela era-lhe amparo forte, como se a dôr a empedrasse. Alentava-o com as esperanças da sua religião: guardava escondida no coração a idéa pura do Christo divino. Escutava, chorando os murmurios incredulos do filho, e pedia a Deus que lhe perdoasse

pelo muito que elle padecera quando seu marido expirára traspassado da paixão do filho unico.

Quando menos o esperava, Jorge Mendes, no quarto anno de degredo, recebeu perdão da sentença, e a livre escolha de domicilio, com a restituição dos seus direitos civis. O portador da nova foi um poderoso amigo que pozera o infante D. Francisco, irmão de D. João V, acclamado no anno anterior, em lucta com a Inquisição. Era Pedro José Suppico de Moraes, que o leitor talvez conheça de uma *Collecção politica de varios apophthegmas*, publicada em 1720. Não pense, porém, que Suppico, segundo a obra indica, fosse um grave e conspicuo escriptor de maximas e sentenças. Era pontualmente o reverso do homem que se rege por bons axiomas proprios ou alheios. Este sujeito, áquelle tempo, moço da camara e valido do perverso infante D. Francisco, havia matado, em 1698, uma mulher por ciumes. Acoitara-se em um mosteiro, e fizera-se defender no tribunal por Jorge Mendes Nobre. Não sei se foi a eloquencia do causidico, se a influencia de Pedro II que lavraram a sentença absolutoria. Suppico affrontava, em 1707, o odio de Lisboa, cavalgando o seu ginete arrogante ao lado do Grão-prior do Crato, neto de D. João IV.

Quando o bacharel foi prezo, Suppico de Moraes andava viajando com as largas posses do seu patri-

monio. Voltando á patria, e insinuando-se na estima do infante, precocemente facinoroso aos dezeseis annos, vingou ingerir a vontade do rei nos decretos do santo officio, e indultar as maiores cruezas da sentença que degredara o seu advogado, e lhe matára as poderosas faculdades de orador, fechando-lhe a tribuna.

O amigo de D. Francisco de Bragança descontara nas suas culpas a virtude acrisolada da gratidão. Jorge Mendes era livre, podia repatriar-se á capital, abrir o seu escriptorio e revestir a beca de primeiro advogado da côrte.

Mas não voltou a Lisboa, nem advogou mais.

D. Angela, tinha-lhe perguntado um dia:

—Se sobrevivermos ao nosso degredo para onde iremos, meu filho?

—Para onde minha mãe quizer.

—Eu t'o direi... e, se tiveres morrido, irei dizer-te para onde vou, á sepultura.

—Diga-m'o agora, minha mãe, que eu receio não poder ouvil-a na sepultura. Os ouvidos dos mortos estão cheios de vermes... A podridão é surda. Para onde iremos? Eu não quero morrer, mãe! Tenho dois filhos; tenho minha mulher, que nos está ouvindo, posto que esteja morta, e tenho minha mãe que me dá exemplo de coragem. Heide sobreviver ao degredo. Diga-me para onde iremos...

—Para a casa onde nasceu teu avô, se a casa ainda existir.

—Para Guimaraens? Sei que meu pai tinha comprado esse pardieiro aos officiaes de meu bisavô cuteleiro...

—Comprou... Vaticinava-me o coração que eu iria acabar na casinha da rua de Infesta onde começara a sentir a felicidade. Pedi a teu pai que a comprasse aos mesmos a quem a déramos, quando meu avô morreu..... Bem sei que me hãode traspassar crueis angustias quando entrar n'aquella casa... Não importa... Se me queres acompanhar, Jorge, vem commigo; depois, irás para Lisboa, melhora a tua vida, que ainda pode ter algum contentamento, e vai vêr-me uma vez por outra.

—Não nos separaremos—volveu o filho.—Desde que sahi do sepulchro da inquisição ainda não vi o sol da alegria que dá o sentimento intimo da vida. Que me faz Lisboa? que me importam os triumphos de advogado, se já os não posso repetir? Não tornarei a ser o que fui... E que fiz eu?... A desgraça apagou-me a memoria. De todos os meus estudos e triumphos apenas colhi um amigo, um homem de quem o povo pedia a cabeça, quando eu o arrancava ás mãos do algoz. Salvei-o, e.... desprezava-o!... mas Pedro Suppico de Moraes, dandome a liberdade e o direito ao trabalho, faria de mim

o antigo homem, se eu podesse recompôr o cerebro que me fizeram pedaços e m'o arrancaram nas lagrimas. Tenho obrigação de viver, porque sou filho, esposo e pai. Privaram-me dos meus filhos; levaram-m'os como refens da minha fé; serão jesuitas, serão padres, se eu quizer alguma vez, na minha vida estreital-os, ao peito e dizer-lhes que sejam hypocritas para que seu pai não volte ao carcere. A condição para que eu viva é que elles sejam immolados... a Deus! Seja assim... Vamos, minha mãe, vamos para o pobre casebre d'onde sahiu seu pai a implantar na terra uma arvore de vergonteas malditas regadas com o seu sangue... Esperemos lá os meus filhos; não nos resta esperar outra alegria antes do ultimo somno do sepulchro.

Nos ultimos mezes de 1707, Jorge Mendes e sua familia residiam em Guimaraens, na casa onde nascera Domingos Leite Pereira, setenta e oito annos antes. Angela, se antevisse a cerrada tristeza que a esperava n'aquelle recinto onde volteavam as sombras do avô e do marido, teria o egoismo de se arredar de um supplicio de nenhum modo compensado. No engano de Angela ha exemplos de muitos illudidos. Figura-se-nos que no sitio onde nos bafejou a felicidade ainda poderemos aquecer ao calor das recordaçoens a alma retransida das glaciaes desgraças. Pinta-se-nos na phantasia allucinada por

exultações misturadas de terror; depois, a treva medonha rarefez-se, e ficou apenas uma sombra que não resistia ás torrentes luminosas d'aquelles dois corações hallucinados. Pactuavam fugir para Amsterdão, e de lá perlustrar o mundo, gastar a vida e o ouro, envelhecer em delicias. Catharina iria para Monte-mór, onde tinha mãe, por motivo de doença. A fuga seria de lá. Estava decidido.

No entanto Francisco Xavier, que amava e respeitava seu irmão Paulo, revelou-lhe o segredo. Paulo foi a Lisboa pressurosamente, e com boas rasões, com supplicas, com lagrimas e até com desesperadas ameaças conseguiu demover o irmão.

—Não fujas!—disse elle, quando Francisco parecia vacillante—Não te percas, perdendo essa pobre menina! Ella que vá para Monte-mór, e vae tu tambem com o recato que póde fazer durar o encanto do amor. Não a faças absolutamente tua, se a queres amar, não a subjeites á tua dependencia do pão e do vestido, se queres que ella te ame. Tres mezes de amor te dirão o que tu serias aos seis, e os fastios que te esperam aos doze.

Estas e outras melhores rasões, que denotavam experiencia no juiz de fóra, fermentavam lentamente no animo do galan. Em fim, vieram a um accordo rasoavel: se Francisco Xavier, seis mezes depois da sahida da freira, carecesse de expatriar-se para ser feliz, Paulo coadjuvaria a fuga, e liberalizaria a seu irmão dobrados meios para lá fóra alliar á sua fortuna de amante as opulencias de rico.

Não havia precisão de communicar á freira estas clau-

zulas desairosas. Francisco Xavier, de mais a mais, tencionava provar ao irmão que, sendo eterno o seu amor, a fuga, a posse infinita do objecto amado, era necessaria.

A licença da sahida foi solicitada em segredo. O dom abbade de Alcobaça, Fr. Bernardo de Castello Branco, não costumava devassar dos intuitos das religiosas que requeriam ares patrios. Dizia elle que os ares de Odivellas eram pestilenciaes como os do serralho de Ibrahim. Se alguma queria sahir, dizia elle: «é porque quer ser mulher honesta.»

Quando se annunciou no convento a sahida da *Muleirinha*, D. Francisca Mello esvurmou as coleras que lhe espumavam no vocabulario da ralé. Disse de Catharina impudicicias que, repartidas pela communidade, ainda haveria excedente de injúria para todas.

Sahiu D. Catharina para Monte-mór-o-Velho em companhia de sua mãe e de seu primo Francisco de Pina e Mello, o poeta e fecundissimo prozista, que hoje ninguem digere. A noticia d'este parente de Catharina seria despropositada aqui, se ao diante não adviessem infortunios procedentes d'essa consanguinidade. A mãe da religiosa era da familia dos Mellos e Pinas, suspeitos hebreus que deram muita carne para as festas da Inquisição de Coimbra durante o seculo XVII, como vamos recordar de passagem.

Quando Catharina chegou a caza fazia-se na terra uma funebre ceremonia. Os ossos de sua tia-avó D. Margarida de Mello, dezesete annos preza nos carceres do santo officio em Coimbra, e ahi fallecida, eram exhumados da vala dos condemnados e sepultos no carneiro

da familia, no mosteiro dos Anjos. A inquisição proclamou-a christã velha no acto particular que se celebrou em 13 de março de 1683; mas já estava morta, depois de dezesete annos de trevas, nudez, fome e torturas. Esta senhora, quando foi preza, era cazada com Manuel da Fonseca Pinto, da caza de Balsemão. O marido morreu de dor, e ella expirou sem saber que era viuva.

Tangiam os sinos a finados, quando Catharina entrou em Monte-môr. Soava-lhe no coração aquella toada plangente. A alegria com que sahira do mosteiro agorentavam-lh'a agora sinistros vaticinios. Seu primo, o festivo auctor de *Epitalamios* e *Espelhos nupciaes* tambem ia triste, meditando talvez nas longas agonias de seus ascendentes. E tinha que meditar.

Se o leitor está de pachôrra, meditemos tambem.

Em 17 de setembro de 1598 morreu Alvaro de Pina Cardozo, fidalgo da caza d'el-rei, e morador em Monte-mór. Este homem havia cazado com Andreza de Andrade, christã nova. Deixou quatro filhos. O primogenito, Rui de Pina, foi queimado no auto da fé de Coimbra, em 4 de maio de 1623. No mesmo auto foi queimada sua mulher Luiza Gomes, de 59 annos. Paulo de Pina, o segundo filho, foi queimado no mesmo auto. Salvou-se sua mulher e tambem o sogro, o doutor Manuel Rodrigues Navarro, lente da universidade. Amaro de Pina, terceiro filho. de 44 annos, foi penitenciado com cinco annos de galés. Sebastiana de Pina, freira no mosteiro de Campos, foi preza e morreu recolhida nas convertidas de Coimbra. No auto de 1625 sahiram penitenciados dois sacerdotes da mesma familia, que voluntariamente se accuzaram ao santo officio, com o fim

de enredarem no judaismo seu cunhado Bento da Cunha Perestrello, que morava em Coimbra na sua caza de *Sub-Ripas* que os fabulistas chamam o «palacio de Maria Telles.» *Estes padres*—diz um genealogista coevo—*sobre pessimos homens foram muito bebados*. Acreditamos. A inquizição ouviu-os, e mandou-os em paz, depois de lhes vestir e despir o habito penitencial. Um dos padres, Balthazar de Pina, querendo entrar no convento da sua ordem franciscana, foi expulso pelos frades com pragas e páos e assobios.

O ultimo varão representante dos Pinas de Montemór-o-velho era o poeta Francisco Caetano de Pina e Mello, que estas memorias tristes ia cogitando, ao lado da melancolica prima. Se elle antevira então o quinhão de desventuras que guardava o destino! Todos os seus biographos, Barbosa, Costa e Silva e o sr. Innocencio desconheceram os trances esquisitos d'esta existencia tão luxuriante de versalhada e proza importuna. Cazara elle com uma D. Maria Thereza Coelho de Faria, de Coimbra, contra vontade do pae, que vendeu e destruiu quantos bens possuia para empobrecer o filho. O poeta, privado de meios, deixou a mulher, e passou para Castella. Ahi, com reverendas falsas, fez-se clerigo. Voltando a Portugal, foi preso em Coimbra. Sua mulher, que ainda vivia, metteu-se freira em Santa Iria de Thomar. Restituido ao uso das muzas, recolheu-se a Monte-mór, onde escreveu muito como penitencia, sem edificação nem proveito da posteridade. E, morrendo, em 1767, extinguiu-se esta raça de Pinas que em lettras e armas lustraram grandemente desde Fernão de Pina, cavalleiro d'Affonso IV.

Com toda a certeza, a freira cisterciense não pensava nos seus preclaros avoengos, nem sabia que um d'esses estroncara mouros, e outro escrevera Chronicas de reis. Se contemplava o sol, que se atufava em froixeis de arminho e purpura, não era isso a poesia do crepusculo, como seu primo cuidava, recitando-lhe sonetos ao rubente Phebo, e á casta Latôna que surgia no horisonte fronteiro com o seu toucado de ingentes rubis. O que ella queria era a noite, a noite alta, e muito escura, o cantar do galo ás horas mortas; porque se sentia desfallecer de saudade, de tristeza, de morbidos presentimentos, e queria chorar nos braços de Francisco Xavier. São assim quasi todos os introitos da falsa felicidade. Ao longe a miragem. Quando nos separam dois passos do anciado goso, cava-se um abysmo. A fatalidade abre-nos os braços, e transporta-nos. Depois, a voragem alarga-se, cinge-nos, corta-nos as avenidas. Não ha fugir-lhe.

Não era ainda isto o que ella scismava, quando Francisco Xavier, passando ao longo das paredes negras da caza solarenga dos Pinas, se cingiu com uma porta baixa de arco, na base de uma torre ameiada, e esperou.

A porta abriu-se com tanta subtileza que mais se ouvia a respiração arquejante da freira que o ringir dos gonzos.

III

Francisco Xavier residia em Coimbra. Ao descahir do sol, cavalgava o seu ginete; e, galopando as quatro leguas que o separavam de Monte-mór, pela calada da noite, dava o cavallo ao lacaio, e sumia-se na porta arqueada da caza manuelina. Ao repontar da aurora, voltava a Coimbra e emboscava-se em uns arvoredos da Arregaça a scismar na sua ventura, ou talvez a dormir,—o que é mais natural: sejamos um pouquinho *realistas*.

Quer poetasse quer dormisse, a poesia ou sonho, volvidos cinco mezes, inquietavam-no, confrangiam-lhe o animo com mordentes desgostos. Não era o fastio. A felicidade serena, quieta e sem revezes é que descamba no tedio. Se ensanguentamos os dedos nos espinhos das rozas, então nos é mais cara, mais preciosa a flor colhida.

A sua inquietação davam-lh'a as incessantes lastimas de Catharina, logo que no seio lhe avultara o querido e

implacavel testemunho do seu delicto. Elle queria agora com mais forte causa, mas menos enthusiasta, realisar o plano da fuga; mas a monja de Cister, desde os primeiros signaes da maternidade, alquebrada por estranhos terrores, cahiu na cama, sem energia, sem arbitrio, desafogando as enchentes de amargura no coração de sua mãe, louca de dor e vergonha. Depois, quando readquiriu vigor moral, era tarde para fugir. Sua mãe perdoara-lhe com a condição de que ella não faria publica a deshonra de ambas fugindo com o amante. E o amante condescendeu prudentemente. Acautelou-se Catharina de vistas suspeitosas; a mãe encerrou-se com ella na sua quinta de Verride, e permittiu que Francisco Xavier deliberasse o destino da creança.

O juiz de fóra de Chão de Couce, consultado no grande aperto do irmão, combateu o intento da fugida para Hollanda, allegando que uma parvoice não remediava a outra. Encarregou-se de receber a creança, e mandal-a crear. Accrescentou que, se a creança, no futuro, não devesse conhecer seu pae, ficaria sendo filha de seu tio; e concluiu, sorrindo:

—Não te dê cuidado o filho. Cede-m'o a mim, visto que tens a dita de ser fecundo, e é de esperar que continues a dar-me provas de que possues o dom e a graça dos patriarchas abençoados. Os filhos que sobrevierem il-os-hemos repartindo entre nós. Peço-te, porém, que mudes de rumo quanto ás mães da tua futura prole. As freiras acirram bastantemente o peccado, tem amavios e feitiçerias de arte diabolica; mas não servem para mães. Persuadem-se que a esterilidade é uma prerogativa dos seus amores platonicos; mas, se se esquecem

de Platão, por se lembrarem de mais de Epicuro, apavoram-se, como Catharina, quando se acham o mais corporalmente que é possivel mulheres. *etc.*

E ficaram pactuados. Assim que a creança nascesse, perto de Verride estaria pessoa confidente de Paulo Xavier para recebel-a. Seria creada em caza de seu tio, o qual deixar-se-hia pacientemente calumniar de pae, visto que, depois de reiterados esforços, não lográra a invejada felicidade de ter um filho.

Catharina de Castro acceitou resignadamente a convenção; mas repelliu o alvitre de sua mãe que lhe instava pela entrada em Odivellas. Matar-se-hia, se a violencia da mãe e o desamor do amante a quizessem repôr entre mulheres odiosas, agora que já não tinha coração que d'esse a Deus, ou que desbaratasse em novos affectos. Francisco Xavier mitigava estes accessos de rebelde desesperação, promettendo-lhe resgatal-a para todo sempre da clauzura; mas n'estas promessas não havia a intimativa da verdade nem a vehemencia do amor.

Nasceu uma menina em uma noite de outubro de 1714. Á volta do ermo e desconversavel cazal de Verride rangiam as arvores, varejadas por pegões de vento. Se houve gritos, abafou-os o retroar da trovoada. Francisco Xavier viu o rosto de sua filha á luz sulphurea de um relampago, quando a passava ás mãos de uma mulher enviada por Paulo. Fitou-a na escuridão alguns segundos, esperando o phosphorear d'outro relampago. Sentiu-a fria, e assustou-se com os vagidos. Bafejoulhe calor ás faces, e depôl-a no seio da mulher, que se agazalhou em uma caza da quinta, onde Francisco Xavier passara os ultimos dias escondido.

A creança, no dia seguinte, foi para Chão de Couce, e o pae voltou para Coimbra, carecido de repouso, de solidão e silencio; porque se sentia cançado, aborrecido de lances tristes, e saudoso dos desprendimentos da sua vida d'outro tempo.

Catharina, entretanto, dizia-lhe que o ultimo prazo da licença estava a terminar; que a mãe não cessava de lhe pedir que voltasse para o convento; em fim, que uma sua amiga leal de Odivellas lhe escrevera assustada por saber que Francisca Mello, e outras, alguma maldade teciam contra ella, fosse o que fosse, porque, lá no convento, andavam uns *zuns-zuns* a dizerem que ella era de raça judia.

Nem Catharina nem Francisco Xavier deram valor ao dito de *christã-nova*; mas a mãe alvoroçou-se, e pallida de susto, referiu á filha a historia dos seus ascendentes. Traspassada de medo, a freira accelerou os preparativos da fuga, dispondo-se a procurar, sem antecipado aviso, o amante em Coimbra. Já a mãe propriamente a induzia a sahir do reino e censurava a froixa diligencia do perdidor de sua filha. Por sua parte, Francisco Xavier, colhendo em Coimbra com authorisados informadores, nos archivos do Santo Officio, noticias da familia *Pinas* de Monte-mór, soube os nomes de vinte e tantos réos d'aquella família, uns queimados, outros nas galés, e muitos penitenciados com habito perpétuo. Atemorisou-se como quem era filho de Jorge Mendes e sobrinho do bacharel Affonso Nobre, queimado em 1664. Foi ter com o irmão. Referiu-lhe afflictivamente os seus receios. Paulo não sorriu dos sustos do irmão nem dissimulou os proprios; antes pelo contrario o incitou a partirem sem demora.

Voltou Francisco Xavier a Coimbra. Partiu na mesma noite para Verride, com o proposito de se abalarem d'ali ao Porto, e negociarem a passagem por mar. A meio caminho encontrou um camponez que o chamou pelo seu nome. Era o quinteiro do cazal de Verride que ia a Coimbra avizar Francisco Xavier de que suas amas tinham sido n'aquelle dia prezas por dois familiares do santo officio, e conduzidas a Monte-mór.

A estupefacção nublou-lhe o juizo e a intelligencia clara da sua situação. Seguiram-se quinze minutos de agonia que nenhum homem os trocara pelo amor e pelas virginaes caricias da formosa freira.

—Eu fui infame em não ter fugido com a desgraçada!—dizia elle de si comsigo, exacerbando a dor da saudade com o opprobrio de haver mentido á victima que pozera nas mãos dos inquisidores.

IV

O doutor Xavier lançou-se nos braços do irmão. Lastimava-se perdido. A cada rumor nas escadas do juiz espavoriam-se-lhe os olhos contra a porta. Todo homem innocente e inoffensivo se lhe figura esbirro do santo officio.

Aconselhado prudentemente, partiu aforrado para Lisboa, onde tinha um sincero amigo, o conde de Rio Grande. O conde escondeu-o em sua casa, e indagou os intuitos da inquisição de Coimbra no Conselho Geral. Soube que a freira e sua mãe respondiam por culpas de fé e impureza de sangue; que a denuncia partira de uma casa religiosa; que Francisco Xavier não fôra implicado na denuncia. Só um fidalgo tão poderoso, e aparentado com o inquisidor geral, poderia arrancar tal segredo da secretaria do tribunal.

Qual houvesse de ser a sentença das encarceradas, isso não estava na astucia humana calculal-o. Favorecêl-as, empenhar na absolvição os validos potentados da côrte, é o mais que o conde do Rio podia vencer.

Mas as semanas e os mezes arrastavam-se lentos sem que Francisco Xavier tivesse novas de Catharina. O protector podia apenas asseverar-lhe que ellas viviam aferrolhadas no seu ergastulo de quinze palmos de comprimento e doze de largura, com a escassa luz de uma fresta do tamanho da mão travessa e tres palmos de altura, mas tão elevada que as prezas só de pé recebiam no rosto claridade. Á noite, davam-lhes uma candeia. A mobilia era um estrado que apodrecia logo na humidade do chão, e umas vazilhas de barro. [1]

Amolgou-lhe o debil animo uma tristeza sem intercadencias de esperança. Tudo negro, e o passado irreparavel! Convenceu-se de que a pobre menina e a santa mãe pereceriam antes do julgamento. Accusava-se de matador da formosa creatura, cujo amor elle não soubera avaliar. Amaldiçoava-se por haver vilmente faltado á palavra que dera de fugir para Hollanda. Era desgraçadissimo—e devia sêl-o.

Quando a rasão ia apagar-se-lhe, alumiou-o o clarão da fé, com todas as suas fulgurações sinistras, reverberadas das penas do fogo eterno. Não viu ponto intermedio entre a vida ascetica e o suicidio. Pensava nas duas sahidas da sua angustia, ao mesmo tempo. Matar-se de um golpe e cahir no inferno, ou dilacerar-se de vagar, fibra a fibra, e ganhar a graça de Deus deleitando a divina justiça com o espectaculo da carnificina propria.

Acudiram-lhe á demencia o conde e o irmão, pedin-

[1] Veja *Summario de Varia Historia*, por Ribeiro Gonçalves. T. IV, pag. 94 e seg.

do-lhe coragem viril em nome da filha. Elle respondia que a creancinha era a expressão providencial das coleras divinas.

N'aquelle anno, fallava-se muito da conversão de Balthazar Casqueiro, um homem de humilde sorte, valente facinoroso, espancador professo, que pouco antes pertencera ao bando do arruador nocturno Sebastião de Carvalho, que entrou na immortalidade com o titulo de marquez de Pombal. [1] Casqueiro, que então contava trinta annos, embrenhara-se em uns fragoêdos asperrimos nas visinhanças de Evora, chamados *Monte-furado* ou *Covas-infernaes*. Havia ali um nucleo de conversos, attrahidos pelas rudes penitencias de um caldeireiro de Lisboa. D'aquelle alfobre de ermitões sahiu, volvidos annos, Balthazar Casqueiro, o fundador do convento do Senhor Jesus da Boa-Morte, de monges descalços de S. Paulo, primeiro eremita. Lisboa ajoelhava-lhe á sahida dos templos. Fr. Balthazar da Encarnação se chamava elle, e não cessava de dizer, quando escrevia unctuosos sermões, que *em sua mão assentava melhor a sovella que a penna*. Havia sido sapateiro, ou *artista confeccionador de calçado*, como diz na taboleta um seu actual collega do Porto, menos santo. e infinitamente mais tolo. Já não ha sapateiros... nem santos d'aquella massa. [2]

O doutor Francisco Xavier queria ir para as Covas-infernaes. Não havia razões e rogos que o demovessem

[1] Veja *Historia do reinado de el-rei D. José I*, pelo sr. Simão José da Luz Soriano, tom. I, pag. 175 e 176.

[2] Veja *Vida e ultimas acções e morte do m. r. p. Balthasar da Encarnação, missionario apostolico e fundador dos monges do Senhor Jesus da Boa morte*. Lisboa, 1760.

quando o seu condiscipulo e amigo, o irmão do marquez de Gouveia, D. Gaspar de Moscozo e Silva, reitor da universidade de Coimbra, vestiu o habito humilde da ordem dos menores observantes de S. Francisco de Assis, ou missionarios apostolicos do Varatojo. Assim que lhe chegou a estrondosa nova do successo, Francisco Xavier foi lançar-se aos pés do frade varatojano, rogando-lhe que o levasse comsigo. Fr. Gaspar da Encarnação, reconhecendo o condiscipulo, cujos devaneios por Odivellas deplorára no âmago do seu peito, levantou-o nos braços; e, orvalhado de seraphicas lagrimas, entoou varios versiculos da Biblia muito apropositados. Choravam ambos copiosamente.

O doutor Xavier, passados dois mezes, era frei Francisco da Luz, macerado, envelhecido, estupido, fanatico, bestial á força de se degenerar, de se amputar, de se infamar de assassino das duas encarceradas. O unico acto louvavel da sua mortificação claustral era celebrar missa quotidiana por alma de Catharina, com licença do seu director espiritual, posto que ninguem lhe dissesse que Catharina era morta. Na filha não fallava, quando respondia ás cartas do irmão. Verdade é que Paulo, fallando da menina, escrevia sempre: «A minha Antoninha, a minha querida creança, a minha doce filha, o meu pequenino anjo, etc.»

Por onde se deprehende que a filha de Catharina fôra baptisada com o nome de Antonia, e vivia na companhia de... seu pae. *Pae* é que diziam todos, e a ama que a creava, ao fim de dezoito mezes, conseguiu que a menina articulasse a palavra *papá*.

Deixemos o frade, e vamos á Inquisição de Coimbra.

As duas prezas, passados os primeiros mezes, sentiram a influencia das valiosas protecções. O conde do Rio Grande movera á commiseração da religiosa o real coração que pulsára por ella uns dias. D. João V foi tambem rogado por D. Paula a favor de Catharina. Esta generosidade da amante do rei denotava a compaixão pela mulher que D. João lhe sacrificára. Duas tinham sido as victimas immoladas a Paula. Catharina resignara-se e continuára boas apparencias de amizade com a ditosa; porém, Francisca Mello não só cortára relações, mas até a tratava de *mulatinha* por ser morena (como era justo que o Salomão portuguez tivesse uma— *Nigra sum*, etc.) Bastava isso para que Paula protegesse a inimiga de Francisca.

Como quer que fosse, as duas senhoras, accusadas de christãs-novas, depois de removidas para uma sala do edificio, com liberdade de mudarem as suas roupas e escolherem seus alimentos, foram confiadas á doutrinação de um dominicano, ancião bondoso que lhes explicava as estampas de uma biblia franceza, e lhes traduzia e commentava *la Historia de Santo Domingo* pelo mestre Hernando de Castillo. Contava-lhes os cazos mirificos de conversões que estrondeavam no mundo, e particularmente em Portugal: por exemplo, a conversão do façanhoso Balthazar Casqueiro, a entrada de D. Gaspar Moscoso no Varatojo, e tambem a conversão que levára ao mesmo convento o rico e mundanal doutor Francisco Xavier.

Catharina com febril transporte perguntou-lhe se esse doutor era um que...

Atalhou-a o padre, dizendo:

—Era um que vós, soror Catharina, havieis de conhecer ha dois annos entre os regalões que o inimigo do genero humano deputava ao vosso convento de Odivellas. Esse é, irmã, que não outro.

—E está frade?!—exclamou Catharina, sem attentar na mãe que lhe fazia tregeitos afflictos.

—E frade varatojano—respondeu o padre attribuindo a vehemencia da freira ao assombro de tamanha maravilha.

Desataram-se as lagrimas dos olhos de Catharina e nem assim respirou da sua grande oppressão. Soluçava soffocando os gritos; contorcia os braços, e enclavinhava as mãos, erguendo-as para a cruz. E o dominicano estava espantado ou desconfiado de taes demasias, até que a mãe dissimulou aquellas posturas tragicas, explicando que sua filha, quando ouvia passagens que a commovessem, tinha semelhantes ataques...

—Então é nervos...—assentiu o padre de boa fé—É molestia a que as freiras são muito attreitas. Mas algumas conheço eu em Cellas, que soffrem d'isso, e já lhes receitei uma boa disciplina ao deitar, outra ao erguer, e muitos jejuns; por que tenho observado, senhoras minhas, que as mulheres do campo, que trabalham e suam, não tem d'esses attaques... Eu acho bom e saudavel para a alma que uma pessoa se edifique ao ouvir contar cazos maravilhosos de conversões. Bom signal é esse de predestinação... Mas cada coisa tem seu logar; e a sua afflicção, sr.ª D. Catharina, é extraordinaria... Sempre me quer parecer que a irmã Catharina, ouvindo fallar dos peccadores e peccadoras de Odivellas, teve um ruim demonio, que lhe trouxe uma saudade e lh'a

poz sobre o coração como braza viva... É mister apagal-a...

—Está enganado, senhor...—atalhou Catharina estancando as lagrimas.

—Debaixo d'estas abobadas mentir é mentir a Deus, que não póde ser enganado—admoestou o qualificador do santo-officio—A profana Odivellas explica a Santa Inquisição... Creio que me percebe; e, se não percebe, não posso esclarecel-a. A sua prisão, senhora, é uma vingança, e ainda bem que a culpa é de fragilidade e não de fé. Quando voltar ao seu convento, confunda as suas inimigas com exemplos de virtude... E se esse desvairado doutor Xavier, que Deus chamou ao seu aprisco, foi parte nos desvarios de soror Catharina, peça ao Senhor que lhe alumie o coração com as luzes da mesma graça.

E, pondo-lhe a mão brandamente no hombro, concluiu:

—Os máos exemplos... os máos exemplos!... Madre Paula dará no inferno os formidaveis gritos da alma que arrastou outras, e o sceptro que tudo póde será vara de eterno fogo e eterna justiça nas mãos do máo principe...

V

Catharina e sua mãe sahiram absôltas em auto particular. Nem levemente lhes infligiram penitencias; que as testemunhas inquiridas em Odivellas e Monte-mór aliviavam da menor suspeita de judaismo a viuva e a filha.

Assim que ao mosteiro chegou a nova de que a *Muleirinha* ia ser reintegrada na sua cella, soror Paula deu a perceber que pizara o orgulho das inimigas de Catharina. A maioria da communidade odiava a amante do rei—umas freiras por virtude, outras por inveja do vicio, e algumas, o restante d'ellas, por que a concubina de D. João V se afrontava petulante com as mais fidalgas. Logo, pois, que Paula se manifestou arrogante protectora da *Muleirinha*, até as indifferentes á rival de Francisca Mello se confederaram contra a protegida. As pouquissimas amigas da calumniada christã-nova alhearam-se do bando hostil; mas não se encostaram a Paula, que as repellia todas, como quem desejava luctar so-

sinha, e estender uma bofetada de mão real a todas as caras das suas irmãs em S. Bernardo e co-esposas de Jesus.

Imagine-se os conluios, o reboliço, o redemoinho de duzentas e setenta e oito freiras, á mistura com mais duzentas e tantas femeas entre seculares e creadas! Havia conventiculos particulares subjeitos ás deliberações do centro, presidido pela *Pimentinha*. Discutiam o mais peremptorio expediente a seguir logo que Catharina de Castro reentrasse no mosteiro. A prelada, por conselho e industria dos frades cistercienses, procuradores e directores do rebanho, fez uma allocução ás mais mexediças, admoestando-as a submetterem-se ás ordens de el-rei e do dom abbade de Alcobaça, de quem eram subordinadas. Patearam-na com gritos e com os saltos dos sapatos em desaforada rebellião. A abbadessa não ousou impôr penas, por que não tinha força, nem queria pedil-a ao rei para não assoprar a soberbia de soror Paula Perestrello.

Os zangãos d'aquelle colmeal de abelhas celestiaes, os fidalgos e conegos atiçavam a revolta a fim de prolongarem a farça, e conduzil-a á catastrophe das gargalhadas. O voto commum dos disfructadores conveio em que as freiras sahissem todas encorporadas, logo que a christã-nova regressasse. Parece que a trama era havel-as cá fóra muito á mão, e dispersas, como fato de cabrinhas novas por giestaes em flor, quando lhes abrem os cancellos do curral. E, como se não bastasse a zombaria com Deus e com as suas doidas espozas, zombavam tambem do rei, induzindo-as a que se encaminhassem processionalmente em assuada ao paço da Ribeira a pe-

dir providencias contra o proprio soberano e contra a omnipotencia de soror Paula. O entrincheirarem-se no convento, trancarem as portas e resistirem ao ingresso da freira não era caso original nem esperançoso de bom successo; além de que, os mal-intencionados alvitristas perdiam o lanço de pescar nas aguas turvas aquella pesca decerto menos estranha que a *estranha caça* de Camões.

No entanto, Paula e sua irmã, com as suas poucas faccionarias, riam, mofavam e esperavam em jovial sobresalto a recondução da *Muleirinha.*

Um dia, pouco depois de nascido o sol, quando se não esperava, chegou á portaria de Odivellas D. Catharina de Castro em sege com sua mãe, e dois monges de S. Bernardo em outra sege. A prelada recebeu a nova que lhe levou a porteira juntamente com a ordem do dom abbade geral, em a qual se incluia a sentença absolutoria da freira, accusada falsa e protervamente por denunciantes contra quem as leis civis iam proceder, se o santo-officio fosse, contra os usos e direitos, menos executivo.

Afim de não amotinar a communidade, que ainda ressonava ensopada nas mollezas da manhã, a prelada foi silenciosamente á portaria, recebeu com boa sombra a freira, e ordenou que se recolhesse a mãe á hospedaria do mosteiro.

Catharina entrou na sua cella, e fechou-se para chorar e gemer, abafando os gritos com o lenço premido na bocca. Mas ás vezes a pontada no coração era tão lancinante, agonisavam-na tão insoffridas afflicções, que os soluços estalavam-lhe agudissimos da violenta repreza.

Escutaram-na as religiosas mais comvisinhas. Sahiram assustadas ao dormitorio. Disseram, com supersticioso assombro, que se ouviam gritos na cella da Catharina Castro. A abbadessa deu as indispensaveis explicações, pedindo prudencia e juizo. Mostrou a ordem do prelado de Alcobaça, e, lendo as phrazes respectivas á falsa denuncia, accrescentou:

—Deus queira que as inimigas de Catharina de Castro não tenham maiores trabalhos...

Serpenteou o boato por aquelle interior labyrintho do mosteiro. Batia-se ás portas, resmoneava-se, sahiam grupos de umas cellas, dispersavam-se entrando em outras. O ruido, ao principio receioso, era já tumulto, uma gralheada de vozes argentinas, em que realçavam as incitações de Francisca Mello, applaudidas por palmas e um bater de tacão fremente de colera. Aquellas senhoras, assanhadas como collarejas, eram a nata da nobreza lusitana.

Paula sabia pontualmente a hora da entrada da freira. Enviou-lhe os seus comprimentos e as suas melhores criadas. Este passo encruou a furia das outras. Vociferavam-se palavras obscenas, aprendidas na vida pratica e nas poesias fescininas de Thomaz Pinto Brandão, poeta muito de caza. Applicavam a soror Paula uns epithetos que vexariam a comborça de um lacaio. Catharina ouvia o tropel nos dormitorios, a voseria que toava pelas abobadas, e tinha medo. Paula e Maria da Luz desceram dos seus apozentos, entraram á cella da religiosa e levaram-a comsigo atterrada em turvações de louca.

Exacerbações novas nas insurgentes, e a deliberação

definitiva de sairem de cruz alçada. A abbadessa mandou entrar os frades, que arengaram debalde. Ninguem os attendeu, posto que trovejassem; mas não abriram o sacco das excommunhões, porque, até certo ponto, os filhos de S. Bernardo gostavam de vêr o rei e a sua freira enredados no escandalo.

As freiras tumultuarias eram cento e noventa. Ficaram as provectas, as entrevadas, as neutraes, que eram poucas, e as parciaes de Paula, que eram menos.

Quando a torrente golphou da portaria e espadanou no amplo atrio para se formar em fileira, e marchar no couce da cruz, saiu para o paço um cavalleiro á espora fita com carta de Paula para o rei.

Momentos depois, abalava de Lisboa um troço de cavallaria com o juiz do crime do bairro da Mouraria, Caetano José da Silva Sottomayor.

As revoltosas, quando chegaram ahi pelo Lumiar, avistaram umas nuvens de poeira e ouviram tropear de cavallos.

A condessa do Rio Grande, prevenida pelo marido a quem — posto que já passasse dos cincoenta annos, doía o desastre de uma das mais galantes rebeldes—no lanço em que a tropa se avistou, convidou-as a entrar no seu palacio. Acceitaram, espavoridas do esquadrão e da carranca do corregedor, que as intimou a retrocederem. Responderam tumultuosamente que não voltariam a sua casa emquanto lá estivesse uma judia saída da Inquisição. O *Camões do Rocio,* que tinha graças e farçolices em primeira mão, chasqueou bastante com as bernardas, e, despedindo-se, disse que a sua vontade era agarrar uma de cada vez, e leval-a ao santo redil,

pelo caminho mais torto; porém, que o não fazia sem ordem de sua magestade, que estava em primeiro logar, e não gostava de fazenda em segunda mão.

A condessa empregou todos os recursos da persuasão para as regressar ao convento. Era enfurecel-as mais, depois que viram a tropa, e os aspectos marotamente petulantes dos soldados, e os sorrisos amoriscados dos sargentos que lhes piscavam os olhos como o fariam a mulatas de regatia. Confiavam no patrocinio dos parentes; mas nenhum fidalgo se aventurou a ferir o rei na pessoa de soror Paula, desde que a individualidade da *Muleirinha* se confundiu no capricho ostensivo da amante de D. João V. Concorreu ao Lumiar, durante dois dias, a parentella d'aquellas senhoras com o frustrado proposito de as repôr no mosteiro. Por fim, o rei, conformando-se ao parecer do secretario de estado, mandou ao magistrado Cunha Sottomayor que, á frente de uma boa esquadra de policia e alguma tropa, compellisse, por geito ou força, as freiras desgarradas a entrarem em numerosos coches da casa real, e depois as levasse ao convento.

O *Camões do Rocio* já não logrou ser admittido a parlamentar com as bravas monjas. Assim que as atalaias lhes deram signal de se avistar o exercito, acastellaram-se na parte mais defensavel do palacio. Algumas subiram ao terraço da casa, cujo parapeito era formado de adobes desconjuntados pelo tempo, e circuitado de ameias, com suas torrinhas ou miradouros angulares. As que galgaram áquella especie de adarves eram as mais mal condicionadas, e mais virilmente apostadas a triumphar ou morrer.

Assim, pois, que o ministro, frustrados os expedientes cortezes, deu voz de escala e arrombamento aos quadrilheiros e soldados, do alto do terraço granisou sobre os assaltantes uma chuva de tijolos á mistura com pedaços de ameias alluidas. Ao mesmo tempo, do segundo andar do palacio irrompiam sobre os beleguins, fulos de marciaes raivas, não só as alfaias de madeira, mas até as vasilhas de barro, mais secretas e menos olorosas, das alcovas. A gritaria das assaltadas seria a imagem do inferno, se ellas, tão lindas, não figurassem os anjos bons nos luciferinos prelios cantados por Milton.

Os sitiadores, favorecidos talvez por traição da propria dona da casa — victima principal do conflicto — como o boticario de Nicolau Tolentino, entraram no palacio, acoroçoados pelo juiz. As freiras ainda quizeram luctar peito a peito; mas vedava-lh'o o pudor e o habito. Não foram agarradas como dizem alguns historiadores: renderam-se incolumes, intactas e puras como eram. Seria inverosimil agarração essa; a menos que os aguasis não tivessem os braços de Briareu. Elles eram menos de quarenta, e ellas pouco menos de duzentas.

Quando os coches pararam no terreiro do convento, ouviu-se uma gargalhada estridula no segundo andar do palacete contiguo ao mosteiro.

Era soror Paula Perestrello. Estava vingada. Então soube quanto era bom ser amante de um monarcha poderoso, devasso e parvoeirão. (Nota 6.ª).

VI

A noticia d'estes acontecimentos, relatados pelo conde do Rio Grande, chegou ao cubiculo do missionario apostolico fr. Francisco Xavier, ou *da Luz*, como elle se assignava.

Os tresvarios ultra-piedosos da sua rasão propendiam a crise salutar, desde que o conde lhe asseverou que D. Catharina e sua mãe eram mais hospedas que prezas na inquisição, e que o patrocinio real, solicitado por soror Paula, era segura caução da absolvição das senhoras comparativamente felizes. A pouco e pouco se adelgaçou a treva d'aquella alma enferma. O homem revoltou-se no frade. O galhardo cortezão sentiu-se, no habito de estamenha, confrangido e esgarçado na epiderme como na tunica de Nessus. Bateu-lhe n'alma a clava do arrependimento. Desculpou-se diante de Deus, confessando-se que insandecèra no dia em que se amortalhára, porque desejava morrer, despedaçando-se.

Pensava em sua filha; mas não ousava perguntar por

ella ao irmão, expansivamente. Envergonhava-se: tinha o pudor da dignidade; temia que seu irmão o culpasse agora de leviano como o arguira de covarde, quando elle se evadiu do mundo pela porta vulgar de Balthazar Casqueiro, e do caldeireiro das covas-infernaes, e do proprio instituidor do Varatojo, fr. Antonio das Chagas: tres beatos que se furtaram assim ás galés, embaindo a justiça humana. Além d'isso, as cartas saidas do asperrimo convento, eram inspeccionadas pelo guardião. Fr. Francisco sería o opprobrio da ordem, se a profanasse em suas missivas com uma palavra ressabiada de mundo, diabo e carne.

Encheram-se de amargura as suas noites veladas sobre a esteira do catre. Humilhava-se diante da cruz tôsca, feria a arca do peito; mas as pancadas doiam-lhe como se lá dentro chorasse um coração que pedia vida, e as delicias do amor de pae, e as serenas tristezas de uma saudade respirando em Deus. Mais desgraçado do que nunca!

O conde do Rio inferira de uma carta do frade o segredo da transformação mal dissimulada. Foi ao Varatojo, a pretexto de visitar o seu parente frei Gaspar da Encarnação. Afastou-se com fr. Francisco da Luz; e, a proposito d'esta *luz*, perguntou-lhe por que não se cognominava antes fr. Francisco *das Trevas*.

O frade debulhou-se em torrente de lagrimas, olhou em derredor que o não vissem no mais espesso da mata, estreitou-se ao seio do amigo, e rompeu o dique de suas angustias com precipitada eloquencia. Fallou de Catharina, arrebatado e oppresso; da filha, com expressões de pueril ternura; do seu passado, com excruciante

saudade; e do seu presente e futuro, como d'um inferno irremediavel.

Pela sorte de Catharina lhe acudiu o conde com um grande allivio. No mosteiro e na sociedade era insuspeita a honra da religiosa. As suas proprias inimigas, vingando-se na calumnia, bem sabiam que o desaire, ainda que fosse verdadeiro, não seria grande. Illibada da nodoa de christã-nova, outra qualquer affronta á sua castidade, na casa de Odivellas, era vicio e direito commum, podendo cada freira perguntar á sua detractora como via argueiro em olho alheio com tamanha trave no seu. Affiançou-lhe que soror Paula e sua irmã se affeiçoaram extremosamente a Catharina, e a fizeram sua commensal, divertindo-a das tristezas com engenhosa dedicação. Esperava, portanto, o esperto conde que a *Muleirinha* viesse a gozar-se de remançosa tranquillidade, conformando-se a um viver sem grandes maguas nem grandes contentamentos.

—E eu!—exclamou fr. Francisco—e eu!... viverei n'este longo paroxismo... Para mim nunca hade chegar a resignação, a graça divina que transforma o homem apagando-lhe as memorias do passado. Este habito é uma injuria que faço a Deus. As minhas orações em communidade são peccaminosas por que são fraudulentas. Sacrifico-me violentado. Nem sequer posso sentir a consolação dos que se mutilam confiados em indemnisações d'outro mundo. Nada espero, senhor conde. Se ha alguma coisa além da morte, a desgraça entenebreceu as visões da minha fé. Perdido! e perdido tudo quanto amava!...

A dor exuberou em queixumes que apiedaram o con-

de. Pungia a comparação do fastuoso Xavier de Odielvlas com o descarnado varatojano. Lopo de Mendonça via ainda n'elle o reflexo de um filho dos mesmos annos, seu amigo de infancia, filho unico, fallecido em 1707, por amor de quem o conde se lhe affeiçoara entranhavelmente.

Sem consultar o frade, pediu a frei Gaspar Moscoso que obtivesse licença do guardião para que o amigo de seu defuncto filho passasse uma temporada na quinta do Lumiar. O varatojano, irmão do marquez de Gouveia, impetrou a licença. Não estranhou os tedios do seu condiscipulo no mosteiro da penitencia. Elle mesmo os sentia a roer-lhe nos liames da austeridade cenobitica. Já então pensava em despir o habito, transferir-se para a côrte, apossar-se do animo do rei, ser, como foi, seu omnipotente ministro, torcer as leis em pró de seu sobrinho D. José de Mascarenhas, cingir-lhe a corôa ducal, e opilal-o do orgulho que em 1758 o esquartejou no patibulo de Belem.

Melhorou de sorte o transfuga da vida expiatoria, mudou de habito por concessão do nuncio, e entrou no convento de S. Francisco da Cidade, com a importancia que a borla doutoral lhe accrescia á fama do talento e piedade. Nomeado visitador dos conventos da ordem, rodeado de considerações, dependencias e profanidades bem rebuçadas, dava-se menos mal com o officio, e, por vezes, tomando o pezo da cruz, não lhe pareceu incomportavel.

Paulo Xavier já era então ouvidor em Serpa. Fr. Francisco foi visital-o. Festejou a menina, que tinha quatro annos, e lhe chamava tio. Teve-a no collo assustando-a

com o habito e com a soffreguidão dos beijos. Sorria-se de ouvir chamar *papá* ao irmão, e observou-lhe que Antonia lhe ficaria chamando sempre pae.

—E não é ella minha filha?—disse o ouvidor—Desde que vestiste o habito, fiz de conta que seu pae era morto. Perfilhei-a, renovei o assento baptismal, legalizei-a minha filha para me succeder nos bens e nos appellidos. Estou que nunca me desmentirás por amor de ti e d'ella. Tenho administrado o teu patrimonio como tutor d'esta creança, visto que a tua mudança de vida algum beneficio influiu nos teus cabedaes. Se não houver revezes, se o santo-officio nos não maquiar o proprio e os juros, poderemos legar a Antonia a herança de centos e tanto mil cruzados que houvemos de nossos paes. Se nos sobreviver, será rica. Poderemos cazal-a em familia puritana das altas, ondè não chega o gladio de S. Domingos, nem se medem as gotas de sangue hebreu; verdade é que o José Freire Montarroio me disse a mim que não ha familia portugueza estreme do judaismo de Ruy Capão, de Lafeta, e do Barbadão de Veiros. No entanto, procuraremos arranjal-a em uma das sete familias hypotheticamente puritanas—concluiu o ouvidor, sorrindo. [1]

[1] No seguinte reinado, eram ainda sete as familias immaculadas, posto que fossem cincoenta e tres as de alta prozapia. Aquellas sete familias não se alliavam com outras; mas o marquez de Pombal insinuou ao rei a boa providencia de obrigar os puros a mesclarem-se com os impuros. E assim se fez. O Pombal não acreditava no sangue puro de D. José nem no seu; no de D. José por causa do Barbadão, e no seu por causa do cirurgião de Cernache. Disse-lhe uma vez o rei que era preciso obrigar os christãos-novos a usarem um chapeu branco de certo feitio. O mar-

Amiudaram-se as visitas de fr. Francisco Xavier a seu irmão. A filha evitava-lhe as caricias ou agradecia-lh'as glacialmente. Não gostava do tio frade. Fugia-lhe dos braços para os do *papá*; e n'uma explosão de ingenuidade, chegou a dizer-lhe que a deixasse, por que aborrecia tanto beijo. O frade chorou, e, em segredo, perguntou a Paulo se estava bem convencido de que a creança não fosse trocada pela ama.

—Só se foi trocada nas tuas mãos quando lh'a entregaste em Verride—respondeu o irmão—Que queres tu?! a menina adivinha que tu, ha quatro annos, quando te pedi que por amor d'ella não fizesses votos, me respondeste: *Que esta creancinha era a expressão providencial das coleras divinas*. As coleras divinas é isto que te mortifica, é este natural desafôgo da creança. Os filhos não é o sangue que os faz, é o amor. Pega de Antonia, vae sental-a no regaço da mãe a Odivellas, e pergunta á creança se não tem saudades da ama que a creou, e se não troca pelos macios affagos da freira as rusticas advertencias d'essa mulher com quem dorme. Vossês nem entendem as coisas da terra nem as do ceo. Fazem de tudo mathaphysica, e andam sempre bigodeados pela realidade das eternas fórmas. Quando envergaste o burel de varatojano, vias a Providencia a disciplinar-te com a filha; agora, não percebes a Providencia por que a filha te desconhece.

quez levou-lhe dois chapeus brancos, e disse: «Um é para vossa magestade fidelisima, o outro é para mim» D. José mandou rasgar o decreto. Como anecdota faz rir; mas é parvoice descabida da historia e das *Memorias do marquez de Pombal*, por Yohn Smith, pag. 275.

O frade ouvia-o silencioso, e embebia as lagrimas no lenço.

—Sosinho!—cogitava elle no secreto da sua alma— Sou desprezado da filha, e talvez odiado da mãe!... E não fui eu ingrato com Catharina, e miseravelmente covarde com minha filha? A minha penitencia que era senão um egoismo que se mascarava com a religião? Não as abandonei a ambas para me salvar? Que foi se não covardia villan esconder-me no Varatojo ás calamidades que eu desafiára? Se Catharina devia morrer na inquisição, a minha honra era dar-lhe coragem com o exemplo da morte. Abjecto! que excruciadora vergonha eu tenho de mim proprio!

VII

Fr. Francisco Xavier dissera ao conde do Rio Grande que andava negociando uma longa viagem ao oriente, não por instigações de devoto peregrino, mas para se espertinar da lethargia moral que lhe desbotava o cerebro. De feito, o engenho do frade brilhára em tempo nas conclusões da ordem, e esmorecêra na apathia esteril das intelligencias que uma secreta dor innoitece.

—Não irá aos logares santos, doutor; mas irá commigo aos Dardanellos pelejar com a armada do turco—disse o conde.

E referiu os pormenores da intentada guerra ao turco.

Era o anno de 1717. Deter-nos-hemos algumas paginas para rectificar erros de historia. É singular que um romance invista as alheias searas, campando de elucidario em pontos competentes a livros graves. É coisa nova; mas não é má.

Ameaçou o turco a republica de Veneza em 1716; e,

no anno seguinte, fez-se ao mar com uma grossa armada sob o commando do general francez d'Anglerie. Clemente XI, tambem ameaçado, pediu soccorro á França, Hespanha e Portugal. A França desculpou-se com o inimigo inglez. A Hespanha mandou sete náos, quatro fragatas, com tres galeras de Napoles; mas o general, como ouvisse dizer em Genova que os turcos metteram a pique a armada veneziana, lançou ferro, e, transido de medo, ali ficou. D. João V queria servir o papa, mas com o dinheiro do estado; não havia, porém, no erario dinheiro nem vazos de guerra no Tejo. Não se deteve a ponderar conselhos nem opportunidades. O expediente do absolutismo. Chamou o seu valido e guarda-roupa Pedro Antonio Virgolino, e mandou-o á Junta da companhia do commercio que lhe aprompstasse uma armada. O presidente da junta, D. Francisco de Sousa (Calhariz) foi dizer ao rei que a junta promettia desempenhal-o. Oito dias depois tornou o marquez de Abrantes com recado novo apressurando a armada. Dizia elrei que depois pagaria tudo. Não pagou nada; e a historia gaba-o da galhardia da façanha em pró da christandade.

A junta armou duas grandes náos que tinha no Tejo, uma de 120, outra de 184 peças; comprou duas aos hollandezes, outra aos inglezes, e aparelhou duas fragatas. Fardou o seu regimento, e proveu-o de segundo fardamento. Municiou as náos, e deu seis centos mil cruzados em dinheiro, trezentos mil para meza, e os outros para eventualidades em que Portugal se devesse estadear com brilho em terras estranhas.

D. João V promettera-lhe, como remuneração, embol-

çal-a de seis centos mil cruzados, que os castelhanos tomaram em Cacheu, visto que Filippe IV, no tratado de 1713, se obrigara a pagar. E pagou; mas o rei ficou com o dinheiro. E, quando fazia Mafra, tirou-lhe um milhão e duzentos mil cruzados; e, em 1720, quando a companhia apenas tinha em caixa duzentos e setenta e quatro mil cruzados, o rei, respondendo a uma representação da companhia, que deplorava sua decadencia, mandou buscar os duzentos e setenta e quatro mil cruzados. Ladroeira real!

Extinguiu-se a companhia. Cahiram na indigencia muitas familias. As pragas não empeciam ao rei. Lá estavam os papas entre a justiça divina e a humana. O pão de milhares de familias tinha ido para Roma involto nos cento e oitenta milhões de cruzados que custou a Portugal a certeza de termos aquelle Bragança no ceo.

Mas o que nós tentamos ractificar é que a armada que venceu o turco em Matapan, não é obra do rei, nem zelo christão da patria: foi um roubo violento, e a anniquillação de um grupo de commerciantes que desde 1649 até 1651 dera 36 embarcações de guerra a D. João IV; que em 1658 deu a D. Affonso VI as duas maiores náos da Europa; e em 1717, já nas vascas da morte, resgatava a palavra do rei fanatico renovando na enseada de Passavia as proezas do velho Portugal.

Mas já n'aquelle tempo estas roncarias extemporaneas davam que rir á crytica. O poeta portuense, Thomaz Pinto Brandão, assistiu em S. Jozé de Ribamar á sahida da armada, e improvisou esta oitava:

«Sahiu em fim a armada pelos ares
«com seus cabos vestidos pelos *eres* [1]
«das estocadas que hade haver nos mares
«se hão-de borrar as náos e os escaleres;
«Esta se aparelhou sem os vagares
«que costumam haver n'outros misteres;
«e segundo o roteiro porque eu surco,
«*papa* leva, acha *papa*, e *papa* o turco.

O primeiro general da armada era o conde do Rio Grande, e o segundo Manuel Carlos de Tavora, conde de S. Vicente. O doutor Fr. Francisco Xavier embarcou em a náo *Nossa Senhora da Conceição*, e occupou a camara contigua á do conde almirante. Os historiadores coevos, ineditos e impressos, por louvavel espirito de patriotismo, expungiram das suas «relações» um desar que denegriu bastantemente a ufania da empreza. Um homem, porém, coevo dos successos, o commerciante e litterato Manuel Pereira de Faria, em uma *Memoria*, que escreveu e entregou ao marquez de Pombal, que o estimava encarecidamente, refere o seguinte: «Partiu (a armada)

[1] Falta nos Vocabularios a palavra; mas chamavam-se *eres* os adornos de tartaruga e plumagens no toucado das damas. Em uma facecia inedita de Fr. Pedro de Sá, intitulada *Serolico Bolico quem te deu tamanho bico*, vem este periodo: «Serolicas de proposito (falla de certas variedades de senhoras) são as que sem guarda, sem resguardo e compromisso, sahirão de fresco com um pente empinado na ilharga da cabeça, com um penacho da tal tartaruga: a isto chamam *eres* do cabello e *ares* do casco. São estas *serolicas*, de alto bordo que fazem festa ao toucado e sobre o pente de arre-burrinho lhe levantam outro de mastro. A estas, como apostatas do uso, não lhes é cabido o formulario do adagio: *quem vos deu tamanho bico*? mas sim: *que faz esse bico ahi*?

do Tejo em uma segunda feira do anno de 1717, navegando até Genova; e, encontrando ahi a de Castella, fez o general castelhano tal pintura da armada dos turcos e da desfeita dos venezianos, e de que não tinham partido algum ainda ambas juntas, *que a nossa voltou para Lisboa sem tentar nem obrar cousa alguma. Logo que el-rei soube da sua chegada á barra, e como vinha aconselhada pelo general de Castella, mandou que tornasse a sahir immediatamente, e fosse sem demora accommetter e bater-se com a do turco, procurando-a até os Dardanellos, onde queria que se ouvissem os tiros da sua artilharia, sem mais lhe importar a armada castelhana.* Sua magestade assim o mandou absolutamente, e por saber que era esta tambem a opinião e vontade dos nossos generaes.» (*Nota 7.ª*).

Esta proeminencia na espalmada physionomia de D. João V era digna de caracterisar algum dos reis da dynastia de Aviz. Estranha-se o arrojo em principe de Bragança; e não é menos de estranhar que o visconde de Santarem, tecendo a apologia d'aquelle rei com bagatellas anecdoticas, pospozesse, talvez por ignorancia, o seu facto unico de audacia e de bravura, embora os immolados fossem os vassallos, e os impulsos da empreza ineptos.

Abalou pois de novo a esquadra em um domingo, 25 de abril, e fundeou na enseada de S. José de Riba-mar. No dia 28 largou vellas e cortou no horisonte uma floresta branca ondulada de flamulas e pavezes, simulacro dos annos juvenis do Portugal navegador.

Não podemos de espaço seguir a rota da armada. Seria curiosa em outra laia de livro. Se o leitor é caroa-

vel d'estas velhas coisas, veja *A batalha naval de Matapan* particularisada no *Summario de varia historia* de um colleccionador intelligentissimo.[1]

O doutor Fr. Francisco Xavier, quando o conde lhe perguntava se ia melhor de espirito, respondia com o verso de Horacio:

Cœlum non animum mutant qui trans mare currunt.[2]

O almirante, embevecido na eterna magestade do oceano, chamava o frade ao contemplar alto dos mysticos e dos poetas. E o frade, com os olhos marejados, fitava o horisonte roixo do poente, onde se lhe figuravam miragens, grupos, e os vagos contornos de Catharina e da filha.

—Em que pensa, Xavier?—intervinha o conde.

—Na felicidade da morte...

—Pois então, amigo, olhe que está onde essas felicidades se arranjam do pé para a mão.

—Oxalá...

—As balas, ás vezes, chegam aos beliches...

—Não é lá que me hão de matar, sr. conde.

—Então, cá no tombadilho?

—Ao lado de V. Ex.ª, sr. almirante.

—Aqui a bordo ha disciplina severa. Quando eu mandar descer os que não professam armas, Fr. Antonio...

—Irá rezar lithanias na camara? Meu general, eu

[1] O sr. Ribeiro Guimarães, redactor do *Jornal do Commercio de Lisboa.*

[2] Mudam de ceu, mas não de espirito, os que se vão mares além.

sou como os frades batalhadores dos tempos heroicos de D. João I e D. Affonso V. Se o habito me tolher os movimentos, despil-o-hei. Como mortalha, dispenso-o. Antes quero que me vistam das espumas das ondas.

O dialogo foi cortado por um reboliço. Um capitão do regimento da Junta corria sobre o cirurgião da náo com uma faca. O general mandou passar o capitão para outra náo.

—Se nos matam os poucos cirurgiões que levamos— disse o conde—não teremos quem nos ampute os braços e as pernas em occasião opportuna.

—Levamos um famoso medico, o doutor Pelicáo— observou Fr. Francisco.

—É verdade; mas foi necessario mandal-o buscar preso a Cascaes. Assim mesmo evadiu-se, e apresentou-se-me depois com receio das severas penas de guerra. Bem vê com que bom rosto o affago para que não fuja, nem nos mate com alguma tizana.

No dia 10 de junho deu fundo a galera em frente da praça de Corfu. Era o porto confluente das galés de Veneza, de Florença, do pápa e de Malta com o generalissimo Bel-Fontaine, balio, nomeado pelo pontifice.

N'este porto ancoravam navios de francezes.

Fr. Francisco Xavier, que lhes sabia a lingua primorosamente, entretinha-se palestrando com francezes. Entre estes preferia a noticiosa eloquencia de um medico, que lhe contava minudencias de Constantinopla, onde nascera, posto que seu pai fosse francez, da Picardia. Chamava-se o medico Izaac Eliot. Devia ter vinte e dois annos. No conceito dos patricios, era portentosamente habil na sua profissão.

O capitão do navio mercante segredou ao frade que Izaac Eliot era filho de um calvinista francez, que, fugindo á perseguição, passara ao imperio ottomano, onde exercitára as armas e attingira a patente de *Sepahilar Agassi* [1] e morrera em batalha, deixando aquelle menino, filho de uma turca, sem patrimonio; que o *hyaia* (logar-tenente do Grão Vizir) o doutorára em medicina á sua custa, e lhe permittira visitar a Europa a fim de estudar o adiantamento das sciencias medicas nas principaes escholas, encargo que recommendava o superior talento do joven medico.

Relatou estas coisas Fr. Francisco Xavier ao conde do Rio Grande.

—Quem nos dera assim um medico n'esta conjunctura!—disse o general—E quanto estimaria el-rei se conseguissemos apresentar-lhe no paço um medico de tanta consideração!

—Sobre tudo — conveio o frade — ser-nos-hia muito util para as amputações das nossas pernas, se os turcos não preferirem amputar-nos pelos pescoços...

—Folgo de o vêr assim faceto, Xavier!—volveu o Rio-Grande—mas, chegada a hora, recommendo-lhe que não se immole á pericia dos cirurgiões. Ora diga-me a respeito do tal filho do huguenotte, não poderiamos seduzil-o com bom estipendio e melhores promessas a acceitar partido na armada portugueza? Se elle viaja, decerto lhe não desconvem ir a Portugal...

—Estudar o adiantamento da medicina lusitana?—atalhou ironicamente o frade.

[1] Commandante de Sppahis, que formavam o 2.º regimento chamado da corneta escarlate.

—Não direi tanto; mas poderá ir ensinal-a e enriquecer-se em curto espaço, como aconteceu ao seu logreiro patricio que vende a *agua do francez.*

—Então, o sr. conde quer que o pobre rapaz, filho de huguenotte e turca, vá purgar na fogueira os delictos do pai e da mãe? Não serei eu que o induza.

—Valha-o Deus, doutor!—replicou o almirante sorrindo—A maioria dos medicos portuguezes é da raça proscripta: são mais ou menos seus primos. Quem os persegue? Todos os charlatães e curandeiros, que vão de França, são huguenotes. Quem os incommoda? Apenas elles tem o incommodo de se fazerem catholicos, se querem officio ou mulher; mas, feito o seu negocio em Portugal, vão-se nas boas horas, e tornam a incommodar-se ligeiramente descatholizando-se. Por esse lado, pode convidar o medico francez a servir n'esta armada, que eu lhe dou caução de não correr perigo em Lisboa. Como ahi está o coronel fiscal da esquadra, Pedro de Sousa Castello Branco, que tambem falla francez, avenham-se entre si, e conquistem o rapaz, que el-rei lh'o agradecerá.

Não foi facil a conquista; mas lograram os dois commissarios do almirante ajustar com Izaac Eliot o partido de medico da náo-almiranta por avultado estipendio, e promessa de ser recommendado á magnanimidade do sr. D. João V, logo que a armada recolhesse a Lisboa.

Começou desde logo Eliot a estudar a lingua portugueza com Fr. Francisco, e a poleal-a em conversação com todos como um traductor de novellas. Contava aos generaes, ao frade e a Pedro de Sousa Castello Branco

piccarescos pormenores das odaliscas, dos eunucos ou ytzoglans, descrevia-lhes os thesouros do serralho, os apozentos privativos do grão-senhor, a camara das sultanas, as lubricidades requintadas, e outras miudezas que espantariam os ouvintes, se elles não fossem vassallos de D. João V e não conhecessem mais ou menos de outiva o harem bastantemente turco de Odivellas.

VIII

Aos 25 de junho fundeou a armada no cabo dos Dardanellos; no dia 29 levou ancora e velejou para o cabo Matapan em demanda das naus venezianas. Estalou a nova no dia 2 de julho que mareavam trinta e cinco navios turcos na enseada de Matapan. Tudo a postos. O conde do Rio viu entre os granadeiros do regimento de Peniche, que guarneciam a pôpa, uma estranha figura de gabinardo, cintado de talabarte de coiro com pistolas de arção, espada franceza curta e clavina. Perguntou quem se vestíra assim um tanto á mourisca. Responderam-lhe que era fr. Francisco Xavier.

O almirante duvidou do bom senso do frade.

Mandou-o chamar, e disse-lhe:

— Com que então...

— Cá estamos, general.

— O habito lá vae ás ortigas, hein?

— Não, meu general; despi o habito para o não profanar nem polluir com o sangue de Ismael.

— Bem. O seu logar, dom paladim, é á beira do seu general.

— Enfileirei-me a pôpa, esperando lá o senhor conde, por saber que o maior perigo é ali.

Foi falso o rebate. As naus eram da republica, que vinham fugindo destroçadas, com o seu general Flangini morto. Foi á falla um pratico. O medico Eliot offereceu-se como entendido no italiano. Volveu e contou que os venezianos em tres combates haviam perdido seiscentos soldados. Viu o cadaver do general, e descobriu-lhe entre a clavicula e o queixo um punhado de pregos cravados como á marreta pelas carnes dentro. Disse Izaac Eliot que os turcos sevavam as suas peças com aquelles ferros velhos.

— Tudo é bom guardar — observou o almirante.

— No corpo da gente é mau — emendou o frade.

Chegou a hora da batalha. Eram corridos dezenove dias de julho, um dia formoso, mar e céo annilados, a enseada de Passavia espelhando os galhardetes, quasi calmaria, uma briza que mal serpeava as flamulas. As naus do imperio eram 54, e as condições propicias. Bafejou-as a viração, avisinharam-se de nós, e fecharam-nos na angra, encostando-nos a terra. Rompeu de lá a atroada da artilheria. Em frente da armada turca, e assoberbada pelas alterosas sultanas de Constantinopla, quedara-se imperterrita a esquadra portugueza. A de Veneza e as outras voltaram sobre terra, excepto a nau *Fortuna Guerreira*, da republica, inseparavel das nossas sete naus até ao remate da batalha. Ao fim do dia, a lucta era desesperada. Cinco das nossas naus varejaram quatorze sultanas, que vomitavam jorros de fogo.

A mortandade era grande. A nau *Pilar*, com sessenta mortos, ia arribar a pedido do piloto ao conde de S. Vicente: «Se alguem me falla em arribar — bradou o general — varo-o com esta espada!» Não era menos seva a carnagem da nau-almiranta; mas ahi a defeza era de homens aporfiados em morrer segundo a arte. A placidez do conde predominava assombrosa. Não deu um tiro emquanto lhe pareceram mal empregados os pelouros. Francisco Xavier esperava a abordagem com a serenidade de quem saúda a morte. As balas rasas fasquiavam os mastros, e, as dos arcabuzes zuniam nas enxarcias. O conde, a espaços, dizia ao frade:

— Vá-se embora.

— Creio que irei — respondia Francisco Xavier, attento, fito e fascinado nos relampagos da artilheria, e atordoado com o esturgir da celeuma. N'este conflicto, o frade caiu; e o conde correu para elle, exclamando:

— Xavier! que é isso?

— Que hade ser, conde? é a redempção...

Tomaram-o em braços; desceram-no á camara de prôa; Izaac Eliot despiu-o; tinha a perna direita separada por uma bala de artilheria, e a vida perdia-se nos golphos de sangue.

— Morre? perguntou o conde ao medico.

— Não, senhor; morre-lhe só uma perna, se eu lh'a amputar. [1]

[1] Na *Carta que o capitam Lourenço Justiniano Ribeiro Soares escreveu da armada*, etc., publicada no referido *Summario de varia historia*, tom. 1.º pag. 136-183, não se omitte o incidente brevemente narrado n'estes termos: *Um frade franciscano, chamado fr. Francisco Xavier que por seu gosto foi na armada só*

O frade contemplou a operação com indifferença, e disse, feitas as anatomias: «Corpo e alma! mutilados...» Os ajudantes do operador pasmavam dos instrumentos e da pericia na laqueação dos vasos sanguineos. Ali se crearam e robusteceram os creditos do francez. Os feridos na nau-almirante bemdiziam a Providencia que lh'o deparara. O conde do Rio abraçava-o com a vehemencia de um pae, por que dizia elle:

— Se me não salvasse este homem, doutor, eu choraria a morte do meu segundo filho...

A batalha proseguiu, e acabou pelo modo como a refere o mencionado Manuel Pereira de Faria na sua *Memoria* dirigida ao ministro da marinha: «... O conde do Rio Grande não deu um tiro, sem embargo de os ir recebendo emquanto se não prolongou com a capitania, aonde tremulava a bandeira real das luas ottomanas; ahi deu uma banda inteira á real sultana, com tanta fortuna que a metteu no fundo, e logo a duas sultanas mais; e, depois de seis horas de combate, tanto que a nossa pôde manobrar toda, a do turco levantou ancora, e se retirou ou fugiu para o Archipelago. Dessassombrado o mar Adriatico, da armada inimiga, foram os nossos generaes para Veneza, onde os respeitaveis senadores da republica os vieram receber debaixo do pallio, deram-lhes banquetes e festejos, quizeram-lhes concertar a armada — o que os generaes não consentiram. O papa mandou bater moeda, ou medalhas de dez

por acompanhar o conde do Rio, que era seu amigo, perdeu uma perna que lh'a levou uma bala de artilheria. Porém, não morreu por que foi curado com grandissimo cuidado, com empenho do conde do Rio.» (Pag. 167).

moedas com a effigie d'el-rei, e, no verso, narrado o successo. Deu breves aos nossos em que os mandou para o ceu, e aos turcos com o seu general francez, para o inferno. Recolheu-se a nossa armada ao Tejo com os portuguezes cheios de honra e gloria. Foram testemunhas d'esta acção dos portuguezes duas embarcações maltezas e uma veneziana que immediatas seguiram a nossa armada.»

Fr. Francisco Xavier e Izaac Eliot, receberam hospedagem no palacio do conde do Rio. O mutilado movia-se com uma perna de pau aperfeiçoada pelo engenhoso medico. Não voltou ao convento. O papa concedeu-lhe a secularisação com grandes elogios á sua religiosidade e ao já raro denodo com que se houve na heroica batalha, e tambem aos seus dotes litterarios por ter sido elle o traductor da carta pontificia, com que Clemente XI felicitou o conde do Rio, triumphador de Passavia. [1]

El-rei quiz vêr o frade e o medico. Do amante de Catharina sabia elle os segredos que D. Paula lhe revelára, colhidos nas maguadas expansões da sua amiga. Conhecera-o seis annos antes galhardeando mocidade, gentileza e pompas indicativas de mais fidalga origem. Condoeu-se da desfiguração. Alvejavam-lhe os cabellos antes dos trinta annos; tinha lagrimas na voz, abstrahimentos intimos de mui triste expressão no rosto. Dis-

[1] «Chegou de Roma D. Affonso de Noronha e trouxe carta do «S. Pontifice para o conde do Rio, e os termos da carta foram «traduzidos pelo padre fr. Francisco Xavier, franciscano, que, como se disse já, perdeu uma perna, a bordo da nau do conde do Rio, no dia do combate.» *Summario de varia historia*, tom. 1.º pag. 177.

se-lhe que requeresse um canonicato, ou um logar de desembargador nas relações ecclesiasticas do reino. O bisneto de Domingos Leite Pereira, pediu ao rei que lhe amerceasse o seu medico Izaac Eliot, não porque lhe dera a vida, mas pelo carinho filial com que o velára na sua cura.

Deteve-se o monarcha ouvindo a narrativa graciosa de coisas ignoradas de Constantinopla, e mormente dos harens. Perguntava-lhe sua magestade com certo calor e vivacidade de pupila, se as georgianas eram muito boas mulheres; que taes eram as da Circassia; quantas sultanas conversava o imperador, e quantas odaliscas; quaes alimentos usava elle quotidianamente; se os climas influiam nos temperamentos; se a essencia do ambar tinha realmente as virtudes que lhe attribuiam os medicos antigos, etc. (Nota 8.ª) O francez esmiudava as respostas a sabor de sua magestade, condimentando-as de especiaria propria dos climas callidos. Descrevia a mulher da Georgia, do Caucaso, as variedades todas do harem com imaginação sensual. Quanto ao ambar, que devia ser cinzento, não duvidava das suas virtudes; mas tinha elle inventado umas superiores pastilhas de almiscar para uso de tres pachás de duas caudas, seus amigos muito particulares. Recommendava humildemente a sua magestade a inconveniencia dos chamados philtros amorosos, lembrando a morte do poeta Lucrecio, devida a uma d'essas beberagens subministrada pela sua amada Lucilia, etc., etc.

El-rei gostou infinitamente de Isaac Eliot, e pediu-lhe as taes pastilhas de almiscar, com as quaes se deu bem.

IX

Direi muito de passagem o que era a profissão da medicina em Lisboa quando Izaac Eliot ali chegou apregoado pelo conde do Rio Grande, e o que ella continuara a ser no lapso de meio seculo. Os monumentos escriptos que uma van curiosidade conserva nas estantes empoadas representam os medicos mais famigerados d'aquelle tempo.

Simão Felix da Cunha, Manuel da Silva Leitão, Joseph Rodrigues de Abreu, Francisco da Fonseca Henriques, Morato Roma, o hebreu Antonio Nunes Ribeiro Sanches—que valia mais que todos—denotam, segundo o voto dos historiographos medicos, á mistura com muitas crendices já refugadas então das universidades europeas, uma parte do adiantamento da sciencia, principalmente da hygiene, no ultimo escriptor referido. Se todavia, dermos fé ás virtudes apregoadas pelos forasteiros que assentavam em Portugal e annunciavam na *Gazeta* as suas boticas, é rasão acreditar que os me-

dicos dados á escripta e ás theorias haviam resvalado a grande descredito. E até certo ponto, D. João V participava da descrença publica nos doutores conimbricenses e nos que já tinha de fóra quando em 1723 mandou consultar os medicos de Marselha ácerca da peste que então ardia em Lisboa.

Desde muito, a concorrencia de curandeiros a Portugal disputava-se a posse da ignorancia do povo, e melhor direi, de todas as classes, por que a rudeza era quasi geral, e ainda os poucos intelligentes não saberiam estremar o empyrismo, quando a infermidade lhes cegava o intendimento.

Um dos forasteiros que mais de assalto conquistaram a confiança de Lisboa, e anniquilaram a sciencia nacional, foi o boticario Alberto Leonardo Konig, que, na *Gazeta* de 20 de abril de 1724, se annunciava *official maior da botica imperial de Vienna de Austria* e viera a Lisboa para assistir como Provisor á botica da rainha nossa senhora; e accrescentava que *trazia comsigo muitos segredos medicinaes da augustissima casa de Austria para a rainha e sua familia, e muitos simplices e medicinas uteis e frescas*. E frescas!

Este boticario desbancara o medico de Souzel, o doutor Jeronimo Moreira de Carvalho, que, em fevereiro do mesmo anno, annunciava, na mesma *Gazeta* que morava em *Sete-cotovêllos, junto ao becco sem sahida, e offerecia os seus remedios de carnosidade e mais achaques de rins, bexiga...* [1] *achaques de pescoço e alporcas; fe-*

[1] Os annunciantes não se esquivavam a empregar a terminologia das infermidades mais hediondas: tal era a innocencia das leitoras.

bres e nevoas de olhos, e outros mais remedios efficazes.

Não conseguiu, porém, o boticario austriaco descer inteiramente da sua «reputação na especialidade» hemorrhoidas, o acreditado ferrador que se annunciava d'este feitio, na *Gazeta* de maio: *Quem quizer um remedio efficaz para almorreimas, cursos de sangue e dor de cadeiras sem prejuizo da sua saude vá fallar com Manuel Correia, ferrador ás Portas de Santo Antão, que dirá onde se vende.* Era elle o inventor do remedio; e tão limpo de burla que restituia o preço da droga (4:800 réis) se o infermo, passado um mez, não funccionasse com a maxima sanidade physiologica.

O ferrador já em 1717 havia luctado scientificamente com o *chymico valenciano* D. Balthazar Gisbert. Este sugeito, que tambem morou no Arco dos sete cotovellos, curava, no espaço de 18 dias, as doenças torpes e inveteradas, desde a 1.ª até á 4.ª especie inclusivé. Afora isto, curava *tres castas de hydropesia, e todos os mais affectos uterinos.* Que affectos! Não levava dinheiro sem curar: se matava, era gratuitamente.

Quem desluziu algum tanto a estrella do boticario de D. Marianna d'Austria, foi um pseudo fr. Antonio de Castro, que em uma *Gazeta* de junho de 1724 se annunciou hespanhol e religioso da ordem de S. João de Deus. Vendia:

Agua para tinnidos e zunimentos dos ouvidos, etc.

Balsamos para preservar de aborto, para confortar a memoria e os nervos etc.

Tinha outrosim *unguento para almorreimas de eximia virtude.* N'aquelle tempo ainda as *almorreimas,* po-

diam ser *eximias*. Depois, tirou-se o adjectivo ás mesmas, e grudaram-no aos patriotas — *patriotas eximios*, verdadeiras e importunas hemorrhoidas dos intestinos do Estado.

Os remedios do frade estavam no galarim, quando o encoberto auctor, vaidoso do exito, sahiu com este desmentido na *Gazeta* de 28 de junho de 1725: *Os remedios publicados na Gazeta de 15 de junho de 1724 em nome de fr. Antonio de Castro, foram inventados por Luiz da Maya Pinto, boticario do duque de Lafões, e morador ás Portas de Santa Catharina, e por modestia se publicaram com o tal nome*, etc. Parece que, desde que o frade deixou de collaborar no gral do boticario, a freguezia voltou-se para o ferrador ou para o ex-official maior da botica da imperatriz de Austria; pois foi ingratidão tanto maior quanto o modesto Maya, n'este funesto contra-annuncio, declarava ter inventado tambem um *agradavel e efficaz remedio, entre todos os maiores, para defender o coração de todos os vapores, melancolias, e toda outra malignidade de que for accomettido*.

E promettia mais invenções em outra *Gazeta*.

Poucos facultativos podiam ganhar a sua vida decentemente em concurrencia com os curandeiros de casa e de fóra. Em 1731 um notavel cirurgião de Lisboa era obrigado a curar as almas, á mingua de corpos doentes, como se deprehende do seguinte annuncio da *Gazeta* de 13 de dezembro: *Sahiu á luz uma novena para se festejar o transito do gloriosissimo patriarcha S. José; auctor José da Silva Fernandes, cirurgião aprovado e morador á Horta Secca, em cuja casa, ou na sachristia*

da parochial igreja de nossa Senhora da Encarnação a póde procurar quem quizer.

O medico Braz Luiz de Abreu escrevia, no mesmo tempo, a Vida de Santo Antonio, e Manuel da Silva Leitão offerecia o seu *Regimento de Paridas* á immaculada e sempre Virgem Mãe de Deus.

Quem manteve sempre inabalavel fama foi um medico lisboeta, de alcunha o *Machuca*. Este doutor, á imitação do medico arabe Thabet, estudava as doenças nas physionomias. O cavalheiro de Oliveira tratou-o pessoalmente, e refere a seu respeito o seguinte caso: «Fingia conhecer no pulso as desordens commettidas pelos seus doentes; umas vezes, adivinhava que um bebera o vinho prohibido, e outro não observara o silencio prescripto. Tomava o pulso da donzella, da casada, do mancebo. Á primeira dizia, por exemplo: «a menina comeu uma azeitona, sugou uma laranja«. Á segunda: «a senhora tem ciumes; e desconfio que alguma rasão tem... seu marido, posto que a ame, ama alguem mais.» Ao rapaz, finalmente, dizia: «o senhor teve certa visita, ou recebeu carta do namoro... Não negue, que o pulso denuncia-o». E fallava quasi sempre tão ao certo que passava por adivinho. E d'ahi o conceito publico, mui grande clinica, e dinheiro a rôdo. Um seu collega, medico de nome e charlatão professo, visinho e amigo d'elle, disse-lhe um dia: «O senhor, que é illustrado e digno, deve saber que eu sou uma das duas coisas, ou muito bruto ou muito infeliz. Temos ambos o mesmo officio e começámos a praticar ao mesmo tempo. O senhor ganhou celebridade e riqueza; e eu... ninguem sabe o meu nome, e tenho apenas o triste rendimento

quotidiano da minha pobre familia. Em nome de Deus lhe rogo que me ensine uma diminuta parte do processo que o faz adivinhar; que com isso me fará feliz».

—Visinho—respondeu o *Machuca*—eu não adivinho—mas, condoido das lastimas do outro, lealmente lhe declarou que todo o seu saber consistia em certa perspicacia, tino e habilidade no descobrimento de certas coisas que somente os ignorantes podiam imaginar extraordinarias. E accrescentou: «Entro no quarto de um doente; supponha que é uma rapariga incapaz de observar a severa abstinencia que lhe prescrevi; por acaso descubro ao pé de seu leito um carôço de azeitona ou a tôna de uma laranja; tomo-lhe o pulso, e digo-lhe que ella comeu isto ou aquillo: adivinho; ella nega; mas no seu ar perturbado está a confirmação; insto, ella succumbe, confessa o facto, cuida que adivinhei, e divulgá o caso. Os outros successos de que o collega me falla são tão simples, e naturaes como este» O charlatão replicou: Agora percebi o seu segredo: espero sahir-me bem. Muitissimo obrigado. Eu lhe darei noticia dos meus progressos.

«Sae o homem de casa do conselheiro, e topa uma consternada mulher que o chama para lhe ir ver o marido que tem febre. Segue-a, e encontra um homemzarão, prostrado na cama, a queixar-se de violentas dores de cabeça. Senta-se o medico, toma-lhe o pulso; e observando que debaixo da cama está uma pouca de herva, diz ao doutor que elle comeu muita herva, e por isso está mal.

—O sr. é um bebedo!—exclamou o doente—E vossê é uma besta que come herva!—retruca-lhe o doutor.—

O infermo irrita-se, esquenta-se, e diz-lhe que a mulher não topou mau burro na rua. Sustenta o doutor que burros são os que comem herva. O doente enraiva-se, salta da cama já curado pela ira, a mulher faz côro com elle, saltam-me em cima do medico, e pregam-no de trambulhão no fundo da escada. Com a espadua contuza, o adivinho infausto foi contar o exito ao collega. Divulgou-se a desgraçada aventura, e todos zombavam do charlatão. [1]

Conhecedor dos medicos e do paiz, Izaac Eliot, aconselhando á tôa o leite de jumenta no maior numero das infermidades, dizia com protervo sarcasmo que os portuguezes deviam ser curados com remedios extrahidos dos seres da sua mesma especie.

Isto dizia elle ao seu patricio Estienne que então fabricava em Lisboa uma beberagem de virtudes medicatrizes universaes: chamava-se a panacêa —*agoa do francez*, e o francez provavelmente chamava-lhe, *agoa do chafariz*. Não quero dizer que esta medicina fosse a preexistencia da homeopathia; porém, menciono o cazo em confirmação dos elogios que respeitaveis auctores fizeram aos predicados medicinaes da agua do poço do Borratem, do chafariz d'el-rei, e varias outras bicas. (Nota 9.ª)

[1] *Œuvres mèleés, ou Discours historiques,* etc. Londres, 1751, T. 1 pag. 66 e segue.

X

Não está bem liquido, se, por gratidão ás pastilhas, se a rogos do conde do Rio e do doutor Xavier, o medico Eliot foi nomeado cirurgião-mór do exercito, com patente de coronel de cavallaria. Os medicos mais distinctos de Lisboa, não podendo desabafar nos prélos, sarjavam a reputação do forasteiro, alcunhando-o de huguenotte. Avantajavam-se na maledicencia e nos creditos Simão Filippe, Manuel da Silva Leitão, o auctor do citado *Regimento de Paridas*, offerecido á sempre Virgem Mãe de Deus, e José Rodrigues de Abreu, medico da camara d'el-rei, e bom cultor das sciencias naturaes. Na rectaguarda d'estes, latia e uivava a cainçada miuda da matilha dos sangradores. Eram rasoaveis as queixas. Homens encanecidos nos hospitaes, bons christãos, auctores de livros in-folio e até inventores de remedios para flatos e hemorrhoidas, moirejavam a vida com uns safados cobres, ao passo que o calvinista, estrangeiro, quasi imberbe, era despachado cirurgião-mór do exer-

cito, chamado ás casas mais distinctas, relacionado com os mais luzidos fidalgos, e até—suprema prova da real confiança — chamado a Odivellas para medicar soror Paula Perestrello.

Na volta do convento, perguntou-lhe o doutor Xavier:

—Que tem soror Paula?

—Ciumes—disse Eliot.

—Que lhe receitou, doutor?

—A outra receitaría eu amores novos.

—E a ella?

—Paciencia.

—Como lhe atinou com a molestia?

—Porque não tinha outra. Languidez, fastio, quebreira, olheiras, suspiros, pulso pyretico, espriguiçamentos histericos—não ha que vêr: ciumes.

—E disse-lhe então o doutor: tenha paciencia, madre?

—Não, senhor, receitei-lhe agua de flôr de laranja, que é o mesmo que dizer-lhe: madre, tenha paciencia. Estava com ella outra freira, que me pareceu realmente enferma. Perguntei-lhe que soffria. Nada—respondeu ella. «Esta menina—disse D. Paula—é um anjo de bondade que nunca se queixa. Hade morrer sem incommodar os medicos.» A freira sorriu-se com a amargura santa das formosas infelizes, e murmurou: «Não quero que se enganem, nem que me mortifiquem com os seus xaropes.» E eu...

—Sabe como se chama essa religiosa?—interrompeu o doutor Xavier com refreado alvorôço.

—É Catharina, porque ouvi dizer a D. Paula: «Ó

Catharina, este medico foi o que amputou a perna do Xavier?

—E ella?

—Ella... quê?

—Que disse?

—Nada.

—Absolutamente nada?!—repizou o padre Francisco, passando a mão convulsa pela fronte avincada.

—Essa sua insistencia... esse gesto, doutor, tem mysterio!...

—Uma simples recordação penosissima...—dissimulou o mutilado—Eu conheci essas senhoras, quando era moço e feliz. Ellas conheceram-me n'esses dias em que o ceo e a terra pareciam desentranhar-se em delicias para mim. Quizera e esperava eu que n'esta desgraça a que vim, me lastimassem ao menos, e lhe perguntassem se o meu rosto alguma vez estava enxuto de lagrimas. Aqui tem o mysterio, sr. Izaac Eliot.

—O mundo é assim...—decidiu o francez.

—Ainda é bonita?—volveu o padre, passados alguns segundos, com socegado semblante.

—E hade morrer formosa. Nos olhos tem as scintillações da febre. A epiderme é transparente, com uns laivos de purpura, em que eu vi o crepusculo do sol que se esconde. Por baixo e á volta do rubor febril está o emaciado, a morbideza coberta de lyrios murchos, a transição para o pallor da noite eterna. Mas que maviosidade, que languor, que descahir de palpebras! Eu nunca vi mulher inferma que tanto desejasse salvar!... Está chorando, doutor!? que é isso?

—Conheci-a tão bella, tão cheia de vida!... Vê? eu

não queria que ella assim chorasse por mim, não: mas que, ao menos, se compadecesse...

—Aquellas doenças obliteram a memoria, gelam o sentimento, e prostram os doentes n'uma indifferença quasi idiota... Heide fallar-lhe do sr. dr. Francisco Xavier...

O padre ergueu-se de golpe, e exclamou:

—Dê-me a sua palavra de honra que não lhe fallará de mim!—E, retrahindo-se, como corrido do transporte, cobriu o rosto com as mãos e murmurou:—Eu bem queria morrer... Tinha calculado tudo isto...—Composto o aspecto, proseguiu com solemne serenidade:—Torno a obrigal-o pela sua palavra de honra que não dirá á sr.ª D. Catharina alguma das palavras que me ouviu.

—Basta que m'o ordene; é desnecessario o penhor da honra no cumprimento de um dever.

D'ahi a dias, a enferma de ciumes mandou chamar o doutor Eliot. Estava Catharina na ante-camara da freira, onde os medicos eram recebidos. Soror Paula Perestrello, bem que abeberada em essencias de flores de larangeira, peorava. Queixava-se de phrenesis. Mirava-se nos espelhos que forravam as paredes, e dizia que estava ethica. Punha as pontas afiladas dos dedos sobre o coração, e murmurava: «está aqui a morte.» Puxava umas aspirações convulsas, e levantava-se a sorver haustos de ar. Eliot, com o fim de lhe distrahir o animo, contou novidades. Referiu o caso do infante D. Francisco e dos ciganos. O infante andava caçando no Alemtejo, e afastou-se da comitiva. Embrenhando-se em um matagal deu de rosto com uma jolda de ciganos, que o cercaram, pedindo-lhe alguns crusados. D. Francisco

respondeu-lhe que coisa de valor não tinha ali senão um assobio de prata. Gabaram-lh'o, e pozeram-se a assobiar tão alto que a comitiva do infante correu para o ponto á desfilada. Os ciganos queriam fugir; mas o infante matou tres á espada, fez amarrar os outros, e mandou-os enforcar...

—Jesus! que crueldade! — exclamou Catharina. — Que mal lhe fizeram ao sr. infante para assim os matar?

— Menor mal lhe fez o marujo que marinhou pelo mastro para lhe dar vivas, e o sr. D. Francisco lançou-o abaixo morto com um tiro — accrescentou D. Paula que participava do odio de D. João V ao scelerado duque de Beja.

—Não contem essas coisas que me afligem! pediu a *Muleirinha*, contrahindo as faces.

Divertiu o medico a attenção para novidades da côrte, ressabiadas de galanteria. Tinha estado no saráo do conde de Tarouca, apresentado pelo seu amigo conde de Rio-Grande. Viu dansar minuetes a varias damas, e nomeou como superior a todas D. Luiza Clara de Portugal, sobrinha do conde de Castello-Melhor.

Soror Paula carregou o sobr'olho, e perguntou:

—Dansa bem?

—Perfeitamente. É muito linda senhora...

—E promette lindas coisas essa dançarina? — ajuntou a freira.

—Pois cuidei que...—volveu Eliot.

—Que cuidou, doutor?

—Que era o anjo da candura... Tem quinze annos... uma phisionomia infantil...

—El-rei fallou-lhe n'ella?

—A mim?! sua magestade não me honra tanto que me faça confidente dos seus juisos a respeito das fidalgas da sua côrte...

—Pois...—replicou a filha de S. Bernardo—cuidei que a paixão faria el-rei indiscreto...

Coração prophetico de mulher que ama! Aquella D. Luiza Clara de Portugal era grande parte nas congestões, por ciume, de soror Paula. O rei gabara-lh'a como joia incomparavel, e mais nada. Era então solteira. Casou cinco annos depois com D. Jorge de Menezes; e, do mesmo passo que dava filhos ao esposo, tambem, por liberalidade fecunda, os dava ao rei. Chamou-se a *Flôr da Murtha*. E, se o esposo acabou da paixão do seu opprobrio, em 1735, na quinta de Ferrugem, a sua viuva teve a dita de vêr dois dos seus reaes pimpôlhos muito bem arranjados: um, que era D. Gaspar, foi arcebispo de Braga; outro, D. José de Bragança, foi Inquisidor geral.

A freira de Odivellas tinha alma intuitiva como os nervos que presentem a trovoada, quando não aponta ainda uma nevoa no espinhaço das serras. Quem lhe disse que a joia incomparavel viria a engastar-se no seu diadema de sultana aposentada?

Sahiu a Perestrello precipitadamente da ante-camara com um dos taes phrenesis, dizendo que tinha precisão de correr, correr muito. O doutor achou-a linda n'aquella doença em que o menear-se mui sacudida e nervosa lhe ia muito bem. Verdade é que o francez achava todas as mulheres lindas, as sans e as doentes, as alquebradas e as dançarinas.

D. Catharina ficou fazendo sala a Eliot; e com inquieto receio, lhe perguntou se a sua amiga poderia enlouquecer. E contava que ella tinha uns ataques em que chorava e ria, debatia-se, revirava os olhos, ringia os dentes, agadanhava o espaldar do leito, e ficava por morta...

—Não se assuste, minha senhora—esclareceu o medico—Esses insultos nervosos ha de cural-os a munificencia d'el-rei com medicamentos que nós, os medicos, não podemos receitar.

Catharina abaixou os olhos, e sorriu.

—E como tem passado V. S.ª, desde que eu cá estive?—perguntou o doutor.

—Bem.

—Permitte-me que lhe tome o pulso?

—O pulso!...—disse ella, estendendo-lhe o braço—Que faz o pulso?

—No pulso contam-se as pulsações do coração, minha senhora. É aqui onde a morte diz ao medico a distancia a que está da sua victima.

—Está perto de mim?

—Não, minha senhora... Está longe; mas eu receio que seja V. S.ª que se avisinhe d'ella.

—Receia?... Pensa bem... Não lhe fujo, não...

—Deve ter familia, minha senhora...

—Tinha mãe, que morreu ha dois annos. Porque m'o pergunta?—disse ella com a angustiosa suspeita de que o doutor lhe soubesse a vida, confidenciada por Francisco Xavier.

—Parecia-me que a sahida do convento, outros ares, familia, liberdade, campo, uma natureza menos artifi-

cial, relva em logar de tapetes, arvores em lugar de espelhos e arrazes, ceo em logar de tectos artezoados, aromas de flores em logar dos pivetes e caçoulas que rescendem n'esta casa... emfim, uma completa mudança de viver...

—Não tenho ninguem lá fóra que me ame nem que eu ame. A minha amiga unica é Paula. Se ella morrer, estou de todo sósinha. Deus me leve adiante.

Ficou silenciosa. Izaac Eliot contemplava-a com uma compaixão mais attenta que o amor.

—Não disse Paula que o sr. doutor...—Catharina, que principiara a pergunta com vehemencia, reteve-se.

—Que eu...—instou o francez.

—Não sei que lhe queria perguntar—tergiversou ella; mas, obedecendo ao reimpulso, completou a idéa.—Ah! sim... Disse Paula que o sr. doutor salvára da morte um homem ferido na batalha naval...

—O doutor Xavier? Sim, minha senhora. Salvei-o, perdida uma perna.

—E elle... vive muito triste, n'esse estado?

—Magnanimamente infeliz. É a desgraça que chega a parecer bella na serenidade, na paciencia, na mudez eloquente do exemplo aos que se revoltam.

Catharina escutava-o absorta, quando soror Paula entrou.

Izaac Eliot ergueu-se á chegada da freira, tomou-lhe o pulso, e disse:

—Está melhor, minha senhora. Retiro a agua da flôr da laranja.

—E que heide tomar, doutor?

—Ar; mas depressa, a correr. Faça de conta, minha

senhora, que o ar é o amor para o qual vamos acceleradamente...

—O ar é o amor? e o amor é ar, penso eu... Quer então que eu corra?

—Como quem foge de um phantasma; porque a molestia de V. S.ª é um phantasma, uma falsa visão como a dos ciumes...

—Dos ciumes?

—Injustos, infundados, caprichosos, miragens funestas que se figuram aos corações muito contemplativos e abstrahidos das coisas reaes.

—Então... persuade-se...

—Que V. S.ª é ingrata quando soffre, por que faz soffrer quem lh'o não merece.

....

....

Referindo soror Paula estes dizeres ao rei amado e amantissimo, D. João V gostou tanto do francez que resolveu agracial-o com habito e tença de cavalleiro professo na ordem de Christo.

XI

Por este tempo foi despachado desembargador para a India Paulo Xavier. Quiz recuzar por amor de Antonia; mas o padre despersuadiu-o, raciocinando que a menina carecia de alguma educação em companhia de familia habil; que, no fim do seu triennio, Paulo voltaria desembargador para o reino, e então encontraria a menina com dez annos de idade e já bem encaminhada a uma perfeita educação que lhe fosse realce ao grande patrimonio. Lançou o desembargador inculcas, e descobriu familia virtuosa, em que havia uma senhora muito prendada de quem algumas meninas da primeira nobreza recebiam lições de francez. O chefe da familia chamava-se Heliodoro Pedegache, era empregado na India e Mina, e cazado com a tal dama de cujas prendas e virtudes soavam grandes lovoures.

Foi Paulo Xavier com recommendações valiosas procurar o Pedegache. Disse-lhe que, tendo de servir tres annos em Gôa, não queria expor a sua filha unica aos

padecimentos e incertezas de tão demorada viagem para um clima doentio. Pedia-lhe instantemente que lh'a recebessem como alumna, por que ella não tinha senão remotos parentes, á excepção de seu tio, o padre doutor Francisco Xavier, que vivia aleijado e hospede do conde do Rio Grande. Que o tio de Antonia iria vêl-a algumas vezes, e gratificar o impagavel serviço que faziam a um pae extremoso e a uma filha orfanada de mãe.

O separarem-se foi lance doloroso. Antoninha abraçava-se no tio, desfeita em lagrimas, bradando que nunca mais veria seu pae. O padre Francisco Xavier, que assistiu á despedida, e se esforçava por consolar a menina, foi recebido e quasi repellido desabridamente. E quando a senhora Pedegache, na auzencia do consternado padre, lhe insinuava que repartisse com o tio o amor que tinha ao pae, Antonia respondia que nunca podéra affazer-se ao tio *Perna-de-páo.*

Ó sangue, como tu gritas! Ó homem, que impostor e iniquo és tu, negando-te de primo-co-irmão do macaco! Não vês que te avantaja em dom de palavra o que te escassea em instincto filial? Se te não mostrarem teu pae, passarás por elle, como elle por ti, se a roda lh'o cuspiu á lama que piza. Desce do vertice da piramide em que te acclamaste rei da creação, e olha-me por essa espiral abaixo as sympathias instinctivas que entreligam filhos e paes!

Assim declamaria o doutor Xavier quando a filha, dando as costas com arremessos aos seus carinhos, segredava ao tio:

—Meu pae, não me deixe, leve-me comsigo que eu morro de saudade!

—Cá te fica o tio padre que te quer muito...

—Que me importa a mim o tio padre...—soluçava a filha de Catharina de Castro.

Francisco Xavier passou este dia muito attribulado. Saudades do irmão e o desamor da filha, com o acrescimo das novas tristes que o medico lhe trouxera de Odivellas.

Ao outro dia contava Eliot a Paula e a Catharina que o doutor Xavier passára a noite anciadissimo, e o não dispensára de lhe fazer companhia até de manhã. Historiando o motivo d'esta magua sobre-vinda a tantas e tamanhas, disse que um irmão do doutor embarcara para a Relação da India, e deixára entregue á vigilancia do padre uma sua filhinha.

—Era cazado o irmão?—perguntou Catharina.

—Eu não sei, minha senhora, se foi casado. Sei que a menina já não tinha mãe.

—Que idade tem?—tornou a religiosa.

—Sete annos ouvi dizer, e é muito bonita.

—Viu-a?

—Sim, minha senhora.

—Onde?

—Em caza do conde do Rio, onde ella vinha todas as semanas com o pae visitar o tio, que parecia adorar a criança. A primeira vez que a pequena viu o tio com a perna de páo, recuou espantada, fugiu para o pae, e rompeu em alto choro, que eu cuidei ser de compaixão; mas parece que era de medo. O padre perguntava-lhe cariciosamente se gostava d'elle, e a Antoninha respondia que só gostava do pae. Isto desconsolava-o a termos de lhe saltarem as lagrimas. E quer-me parecer

que as agonias d'esta noite prendiam com o desaffecto da menina, por que elle, contando-me as particularidades da despedida, a falta que lhe faz o irmão, e o presagio de mais o não ver, ajuntou que nem ao menos lhe restava o doce esteio do coração da sobrinha.

Catharina recolhera-se em taciturnas cogitações. Soror Paula, ferida das mesmas suspeitas da sua amiga, desejava esclarecer alguma vereda que a conduzisse ao mysterio, mas não via raio de luz. Izaac Eliot não sabia mais nada, nem rastreava o interesse reservado da amante d'el-rei. O mais que adiantou foi que a menina entrára como educanda em caza de um tal Heliodoro Pedegache, cazado com uma matrona muito prendada que fallava francez e que havia sido, em menina, aia de mademoiselle Anna Armanda Duverger, amante do sr. D. Pedro II (*Nota* 10.ª)

Logo que ficaram sosinhas, Paula, olhando muito a fito a amiga, murmurou como se receasse que a ouvissem:

—Eu estava no teu coração, Catharina... Tive a mesma suspeita... Será tua filha?

—Ah! tu, Paula!... tambem desconfiaste?!

—Logo; e não te sei dizer por que... Assim que o doutor te disse que a menina tinha sete annos... E depois as angustias de Francisco Xavier, improprias e desnaturaes em um tio que viveu sempre apartado da sobrinha... Não achas?

—Mas... não posso acreditar...—acudiu a religiosa—Se fosse minha filha, elle tinha-m'o feito saber... havia de querer que eu o não considerasse tão vil, tão sem entranhas que engeitasse a minha filha...

—Isso não me despersuade... O que me afflige é ver tudo cerrado... não sei por onde heide chegar ao desengano... E, se não nos enganarmos, filha... se fôr ella?... que fazes?

—Se a poder ver, se a poder beijar, não morro... Verás...

—E, se ella te repellir como repelle o... pae?

—E' impossivel!... uma filha repellir sua mãe!...

—Jesus! ha tantos exemplos!... Não ha ahi uma fidalga que seja amada dos filhos. Entregam-os ás amas, e afastam-os das salas para não incommodarem as visitas, nem mancharem os tapetes. As creanças, aos seis annos, só conhecem e verdadeiramente amam as amas e as aias que lhes acalentaram o choro com brinquedos, e lhes encobriam as travessuras para que as mães os não castigassem mais por aborrecimento que por educação. Depois, as creanças fazem-se mulheres, e escondem-se das mães para verem e conversarem os futuros maridos. Se são homens, preferem o engodo da mais baixa libertinagem á glacial serenidade da vida domestica. Não te espantes, pois, se tua filha, que nunca te viu, te repellir. E, de mais, tu decerto lhe não dirás que és sua mãe...

—Não decerto...

—Por tanto, se ella existe, e chega a ver-te, faz de conta que viu uma senhora muito carinhosa, que nunca tinha visto...

—E, se o coração lhe disser...

—Valha-te a Virgem dos Impossiveis! o coração não diz nada; o mais que faz é repetir o que lhe dizem. Deixa-me scismar... Dá-me timpo. Isto não ha de ficar

assím... Mas tem muito melindre o negocio, não tem, filha? Primeiro que tudo, é preciso salvar a tua honra; porque ninguem te perdoa, sendo o teu amante, hoje em dia, um sacerdote, apartado do mundo, sem nome, nem gloria de ter perdido uma perna. Deus nos livre que estas serpentes de Odivellas podessem enroscar-se-te ao pescoço! Afogavam-te com a espuma das goelas peçonhentas! Olha a *Pimentona*, (soror Paula variava entre *Pimentona* e *Pimentorra*, quando fallava de *Pimentinha*) amarrava-te ao pellourinho do escarneo publico, visto que não póde fazer-te deslocar os ossos no cavallete da inquisição. Estas santas empurravam-te para a rua, e atíravam com o teu desdouro á cara do rei, que as obrigou a voltar para aqui a pontapés dos quadrilheiros do corregedor. É precisa muitissima astucia nas tentativas que se fizerem. Deixemo-nos de modestia: eu sei que tenho genio para gisar os mais complicados tramas; confesso, porém, que d'esta vez me sinto estupida como a nossa madre abbadessa.

Soror Paula meditou o que quer que fosse, attingindo duas emprezas. Primeira, indagar nas terras onde Paulo Xavier serviu logares da magistratura, e particularmente em Chão do Couce, se elle tinha uma filha legitima, ou illegitima de mãe mais ou menos conhecida.

Quanto á legitimidade, asseverava Catharina que Paulo era solteiro, quando Francisco Xavier, em Verride, recebeu a filha; e, se casou depois—concluia a freira—esta menina não póde ser filha d'elle.

A segunda empreza, dado que a primeira sortisse a certeza de que a menina era filha de Francisco Xavier,

seria trocada depois, quanto á maneira de aproximar Antonia de Catharina.

No plano da ladina religiosa, Izaac Eliot havia de prestar inconscientemente serviços preciosos, respondendo a certas curiosidades muito de industria pensadas com resalva da menor presumpção do intento.

Este elemento do seu desenho falhou.

Fallecendo o pontifice Clemente XI, n'aquelle anno de 1721, D. João V ordenou que se aparelhasse uma náo para levar a Roma, a votarem no conclave, os cardeaes, Nuno da Cunha, e Pereira de Lacerda. A ostentação d'esta mensagem custou a Portugal dois milhões de cruzados, diz o visconde de Santarem, elogiando a liberalidade regia. [1] Como os seus enviados levavam missão de alliciar cardeaes no suffragio de um determinado papa, deu-lhes o rei dois caixotes de barras de oiro para a veniaga. A baixella que foi para bordo era de prata e oiro. Só de pratos cincoenta duzias. Na companhia dos cardeaes, que receberam cincoenta mil cruzados cada um para ajuda de custo, iam outros funccionarios, e entre estes, como physico-mór, Izaac Eliot, escolhido pelos cardeaes. O que recebeu menor esportula á sahida foi um ajudante de cozinha a quem couberam vinte moedas, isto n'um tempo em que se decretava para um lente de medicina no hospital real um tostão por dia.

Francisco Xavier, affeito á convivencia do seu medico, e tão amigo d'elle quanto cabe ser a homem sequestrado do mundo, maguou-se do apartamento, e de-

[1] *Visconde de Santarem.* Quadro elementar das Relações politicas, etc. Tom, V *Introd.* pag. CCLVII.

licadamente motivou a sua dor com a soledade, desamparo, e mysantropia em que o deixava. Não pôde, todavia, o cirurgião-mór do exercito esquivar-se á soberana vontade. Queria o rei que o medico dos seus cardeaes se empavonasse em Roma por dotes da galharda presença, e pelos creditos da profissão. Alem disso, o cardeal Cunha julgava-se escape da morte pela virtude de uma burra que o aleitara, receitada por Eliot; e pelo tanto não prescindia de levar o medico.

Na tristeza do padre era grande parte não ter novas de Odivellas. O conde do Rio invelhecera mordido de contricção das suas culpas. Era o costume. Lograr Satanaz no fim. Fazer-lhe como o sugeito do Garrett. Metter a parte exposta na benta agoa, e dizer:

Agora seu diabo,
Venha para cá, se é capaz!

Não queria ouvir fallar de freiras, e louvava o silencio penitente do seu hospede a respeito de Catharina que, ao parecer do reformado libertino, devia andar de amores com algum dos perdidos que lá se infernavam n'aquelle viveiro de tentações. O doutor escutava-o constrangido, e dizia-lhe:

—Se ella é peccadora, perdoemos-lhe, sr. conde, para que Deus nos perdôe.

—*Amen*—obtemperava o outro bastantemente ungido de caridade.

XII

Os recursos inventivos de soror Paula, d'esta vez, surtiram planos tão triviaes na indagação da filha de Catharina que, ás primeiras tentativas, se mallograram.

Uma creada, d'entre as seis brancas e cinco negras do serviço da moreninha Perestrello, era da villa, onde, ao tempo que Catharina foi mãe, estava o juiz de fóra Paulo Xavier.

Partiu a creada para Chão do Couce a cumprir uma commissão cujo alcance não entendia.

Facilmente descobriu que o juiz de fóra tivera comsigo uma filha, e a ama que a creava; mas, como a ama era desconhecida na terra e muito bem encarada, suppunha-se ser a mãe da creança. Outros diziam que uma fidalga da casa da Melroeyra namoriscára o doutor, e... *etc.* Proseguindo nas averiguações, o agente da creada descobriu dois assentos de baptismo, com intermissão de tres annos. No primeiro, *Antonia Joaquina* era filha de paes incognitos, e afilhada de Paulo Xavier.

No segundo, Paulo Xavier era o pae. Além d'isso, em a nota de um tabellião existia lavrada a copia de um alvará de perfilhação, com outras declarações do juiz de fóra nomeando a successão dos seus bens havidos e por haver em sua filha Antónia Joaquina Xavier.

Volveu a creada com semelhantes informações ao convento. Soror Paula acceitou-as como decisivas; mas Catharina instava em dizer que a menina era sua filha.

Cogitavam ambas em renovar as pesquizas á custa da reputação da fidalga da Melroeyra, quando D. Paula Perestrello recebeu uma carta, de lettra contrafeita no sobrescripto, incluindo outra para soror Catharina Luiza de Miranda e Castro.

—Uma carta para ti, minha filha!—exclamou Paula.

—De quem!?

E, reparando nos caracteres, fez-se escarlate, alvoroçou-se como quando recebera a primeira carta com aquella lettra, e murmurou com susto:

—É d'elle...

—Do Xavier?!

—Sim... Ábro, Paula?

—Senão, abro eu;—acudiu a outra.

Catharina deslacrou-a a tremer, e leu:

«Ouvi dizer que desejas morrer, e que a mão abençoada da morte já pousou no teu seio. Sei que ainda choras. Saudades, oh Catharina! saudades d'aquella alma alegre, d'aquella tua mocidade que eu abati commigo a este abysmo? Desce a este inferno. Vem ver o que eu fiz de mim em expiação do mal que te fiz. Vem ver

os trinta annos de Francisco Xavier. Para que não morras sem fé na Providencia, vem até aqui com o teu espirito. Verás como Deus castiga. Se me odeias, irás vingada, irás compadecida! irás d'esta vida com a esperança de que Deus permitte o algoz por que tem recompensas que dar á victima.

«Ouviste o meu nome e as minhas desgraças sem commoção. Era justo. Reconheci a justiça d'esse desprezo, não mando affrontar o teu martyrio com o meu nome. Eu me confesso infame diante de Deus e de ti, desde aquella hora em que puz de permeio á minha desgraça e á tua o meu habito de monge, e fiz da cruz de Christo a ancora da minha egoista salvação, quando tu sossobravas na tormenta. Como não havia Deus repellir-me da casa dos fortes que deixaram o mundo quando nenhuma desgraça os afugentára? Fui repulso pela consciencia de minha enorme villania. Cahi de vergonha quando me vi hypocrita para dissimular a honra do habito, que era para mim a tunica do condemnado. A minha fé apagou-se, quando não pude orar por ti. Em quanto julguei que eras morta, as lagrimas ungiam-me a santidade da oração. Desde que me deram a nova de tua vida, medi a profundeza de teu odio; e, como já não te via no céo para me perdoares, e não sabia mentir desculpas á tua misericordia, apertei a mordaça da minha ignominia. Aqui tens o meu silencio, Catharina. Eu não podia dar-te outra prova de respeito, não me restava outra dignidade n'esta irremediavel miseria.

«Por que te escrevo hoje? se eu fosse, aos trinta annos, um homem com o vigor de corpo e alma, com a

vida retemperada pelo remorso reparador, não te escreveria. Sou um velho encanecido, aleijado, repellente, inspirando a quem me vê a compaixão que pedem, á beira dos caminhos, os mendigos mutilados. Escrevo-te, por que nunca recearás que um homem, que a si se vê esqualido, use a desvergonha de implorar outro affecto que não seja o da caridade. É o que te pede o homem não de todo degradado em quanto conservar na alma a lembrança de que foi honrado pelo teu amor. Se tens de morrer antes de mim, quero que me absolvas do unico delicto que não tenho, Catharina, embora leves d'esta vida a dolorosa certeza de que deixas aqui uma filha...»

A religiosa expediu um ai, retrahiu para o peito a mão em que tinha a carta, e com a outra apertava convulsa o braço de Paula. O gesto é indescriptível, por que mal poude bosquejar-se a expressão pavida dos olhos, o tremor dos labios entre-abertos, os revezes de rubor e pallidez que de instante a instante lhe demudavam o semblante.

A Perestrello tomou-lhe a carta da mão, e, attentando no periodo que ouvira lêr, disse:

—Não ha duvida... É tua filha...

—O que?—perguntou Catharina.

—Deixa-me ler o resto, que eu estou a receiar que não percebessemos bem.

E leu:

«Não a deixas nos meus braços de pae, porque ella me não dá este nome, não me conhece, repelle-me como eu a repelli. Quando me viu, pela primeira vez,

estava eu amortalhado no meu habito. Teve pavor do meu aspecto. Se lhe dissessem que eu era seu pae, esta palavra seria van e inintelligivel em sua alma. Paes são os que bebem as lagrimas das creancinhas desde os primeiros vagidos. O homem que ella estremecia com invejadas caricias, chamando-lhe pae, era meu irmão Paulo. E, no futuro, se alguem insinuasse, como ultrage, a esta creança que é minha filha, a egreja desmentiria a injuria, mostrando que Antonia foi baptisada como filha de Paulo Xavier, e legitimada para lhe succeder nos avultados bens.

«A tua filha nunca te será labéo nem embaraço, Catharina. Nem ella nem o mundo saberá quem é sua mãe. Se podesses viver engolphada nos deleites, nunca devêras temer que o remorso te apparecesse vingativo com tua filha pela mão. Não a verás. Eu nunca lhe vedaria que te visse; e, se ella podesse amar-te quanto me aborrece a mim, cuidaria eu que Antonia, chorando no teu seio, te pedia o perdão de um qualquer desgraçado sem nóme, que devia ser eu.

«Digo-te que a não verás, por que te aconselho que a não vejas. Não exponhas o peito ao penetrante espinho da indifferença com que ella contemplará as tuas feições estranhas. Se lhe podesses chamar «filha», talvez ferisses a corda intacta do coração onde nunca tal palavra soou; mas esse nome não lh'o darás, por amor á tua honra, e por amor da mesma creança. Se a reconhecessemos, seria para lhe deixar legado de opprobrio. Que ella nunca saiba que sua mãe era freira, e que seu pae, degenerando em ascetico fanatismo os generosos sentimentos de homem, chorava no esteril

chão do Varatojo as lagrimas que eram de sua filha, e tuas, minha vingada victima!

«Não tem resposta esta carta, Catharina. Queima-a. Responde-me no silencio da tua cella, com estas palavras: «Faltou aos teus crimes o de atirares tua filha á roda. Podéras estrangulal-a, submergil-a, e não o fizeste. Ainda bem que nos supplicios da tua agonia derradeira não entrará esse remorso.» Adeus! Perdôa-me, se esta carta é mais um trago de fel que eu verto no teu calix. Ajoelha, minha adorada e santa sombra do passado, ajoelha, e offerece a Deus esse calix em redempção do teu verdugo.»

XIII

Catharina, ponderando as razões que Xavier, mais ou menos sinceramente lhe prescrevia para não responder á carta, achou-as judiciosas. Não respondeu. Em parte sacrificou a piedade ao dever; mas a explicação complexa do seu silencio é outra. Não o amava. Lastimar e amar, no coração da mulher, implicam.

Izaac Eliot, fallando do seu amigo, deplorava-o, porque era pena vêr assim tolhido um homem tão no vigor da idade, porque não tinha uma perna, porque parecia ter cincoenta annos, e até pela prodigiosa arte com que simulava resignação. Isto commovia; mas extremava dois homens: o elegante e juvenil Francisco Xavier do amor, e o amputado e envelhecido Francisco Xavier do arrependimento. Ora, a freira não podia consubstancial-os no mesmo homem — confundir compaixão com amor.

Apesar da enorme culpa de a levar do convento com promessas de não a expôr á vingança dos inimigos —

apesar das angustias do carcere e das affrontas que a receberam no mosteiro, se Eliot, em vez de commiseral-a, a enfurecesse contra o doutor Xavier gentilissimo, dissoluto, amado das mulheres conhecidas, hoje apaixonado, ámanhã saciado, sempre no abysmo do mal, mas com muitas victimas voluntarias á competencia de o distrahirem na sua caverna e de cahirem com elle pelo mesmo alçapão do inferno — se o medico lhe pintasse d'est'arte o pae de sua filha, não se me dava de apostar que a *Muleirinha* perdoava ao ingrato scelerado, e amava o amante arrependido. Aleijões do peccado original.

A filha, sim. D'esse amor ideal sentia a freira as ancias, a vaga ternura, o instinctivo arfar da maternidade.

E soror Paula promettera-lhe que veria a filha n'aquella sala, e sentada na cadeira em que ella estava.

No dia seguinte á primeira noite que D. João V visitou o palacete de Odivellas, um fidalgo do paço procurou D. Feliciana Pedegache, a hospedeira e mestra de Antoninha; e, reservando o nome de seu augusto amo, disse que uma pessoa da mais alta jerarchia desejava que uma senhora religiosa em Odivellas aprendesse a lingua franceza. O mensageiro reconhecia o incommodo que d'ahi provinha a D. Feliciana; mas contentava-se com duas visitas semanaes á leccionada, para o que, nos dias e horas designados, estaria uma sege do paço ás ordens de sua mercê. D. Feliciana percebeu logo quem era a alumna. Deu-se os parabens do convite, agradeceu com transporte a honra da escolha; e, apenas o camarista saiu, agourou ao marido que lhe havia de pender do collo a fita do habito de Christo. Foi dia de

jubilo na casa de Heliodoro Pedegache. Mandou-se recado ás relações. Deu-se a nova. Serviram-se bolos, maçapões e carcavellos a granel.

—Vaes vêr soror Paula! — diziam-lhe as irmãs — Temos-te inveja! A casa dizem que é um paraiso celestial.

— Com uma grande serpente — accrescentou um rapaz de dezoito annos, sobrinho de D. Feliciana.

— Que é isso, André? — acudiu a tia.

— Disseram que vossa mercê — respondeu o moço — vae ao paraiso celestial; e eu accrescentei que ha n'esse paraiso uma grande serpente, como já houve outra no paraiso terreal.

— Modera a lingua, rapaz! — interveiu a mãe.

— Estes estudantinhos de hoje em dia são atrevidos e republicos — observou Heliodoro Pedegache, o esperançado cavalleiro de Christo.

O estudante sorriu-se e continuou a regrar o papel que Antoninha lhe pedira para escrever o seu traslado. Era André Guilherme, tres vezes por semana, o encarregado de dirigir os trabalhos calligraphicos de Antoninha, a pedido de sua tia.

A mãe, as tias e as irmãs, respeitavam no rapaz a austeridade precoce, a sisudeza desnatural na idade, as fallas raras e sentenciosas. Sahia da aula de philosophia para a de grego, e d'ahi para o seu quarto a conversar os livros. A sua unica e aprasivel diversão era dialogar infantilmente com Antoninha, e vêl-a adiantar-se maravilhosamente na escripta e leitura. André esperava os vinte annos para professar na ordem da Santissima Trindade e redempção dos captivos. O seu proposito

era sair do reino, depois, e exercitar o instituto da sua humanissima ordem na moirama.

Antoninha chamava-lhe o seu mestre, era-lhe muito affeiçoada, e esperava-o infantilmente alvoroçada, nos dias da lição.

— Estou a vêr — dizia D. Feliciana ao esposo — que, se a pequena se faz mulher emquanto elle se não faz frade... onde irão dar estas ternuras...

— Quando André Guilherme entrar no convento, ainda ella é creança — observava o sisudo marido.

Mas não descambemos da linha recta que nos leva a Odivellas no encalço da sege.

Feliciana tem desmaios de assombro quando atravessa as salas da fada; quer ajoelhar e beijar a mão de soror Paula, que a recebe de roupão de seda verde alamarado com prezilhas de ouro e pedras. Maria da Luz e Catharina, trajando rigoroso habito, ladêam a sultana. Conversa-se, e toma-se chá perola por taças da India com as armas do reino. Feliciana conta que foi em menina uma especie de aiazinha da mãe dos senhores D. Miguel e D. José, filhos do sr. D. Pedro II. Responde a todas as curiosidades da freira, que, reclinada mollemente na espadua de Catharina, quer saber as coisas secretas da Duverger. Nomeia depois á professora as fidalgas a quem ensinou a lingua franceza, puro parisiense, como a fallava mademoiselle Anna Armanda.

— E actualmente não tem discipulas? — perguntou a Perestrello.

— Não, minha senhora, porque me tenho esquivado. Não me chega o tempo. Apenas tenho uma alumna que é minha hospeda.

—Fidalga?

—Filha de um desembargador que foi para a India, o doutor Paulo Xavier, irmão d'aquelle frade que perdeu uma perna na guerra com os turcos. V. ex.ª havia de ouvir contar...

—Ouvi, sim.

—Que pena me faz vêr um rapaz tão novo assim aleijado! Elle vae todas as semanas de carruagem vêr a sobrinha, ou vae a sobrinha vel-o ao palacio do sr. conde do Rio Grande, onde está de hospede. Acho que é muito rico, porque rara semana deixa de levar á sobrinha alguma prenda rica, mesmo muito rica: gargantilhas, braceletes, afogadores, fraldelins de Granada, volantes, luvas e leques de França, emfim, coisas que de nada servem a uma menina que vae nos oito annos! E ella—ora vejam, minhas senhoras!—não gosta do tio tanto como isto! Chama-lhe o *perna de pau;* e, se póde desculpar-se com as lições, foge da sala.

—É esquisita a menina!—disse Paula.

Quanto a Catharina, essa, sem se estreiar com um monossyllabo, não despregava os olhos da loquacissima professora.

—E é bonita?—perguntou Maria da Luz.

—Muitissimo galante: parece-se mais com o tio que com o pae; porque o tal padre manco tem uma cara muito fina; e meu marido, que o conheceu aqui ha oito annos, diz que em Lisboa poucos homens passeavam tão airosos como elle. Pois a menina dá avultações do tio; que ella não quer que se lhe diga isso.

—Quem é a mãe d'essa menina, sabe?—perguntou Paula.

—Isso agora, minha senhora, é segredo que eu não pude até hoje descobrir, nem, a fallar verdade, me tem importado muito. Antoninha diz que sua mãe morrêra quando ella era pequenina; mas o que eu sei de fundamento é que o sr. desembargador nunca foi casado, por m'o dizer uma creatura lá das bandas de Coimbra que foi ama de leite da menina, e que todos os mezes a vem vêr a Lisboa. Até já me lembrou se ella seria propriamente a mãe; mas pelo trajar e pelos modos saloios não tem geito d'isso. Se ella fosse a mãe de uma menina tão querida do pae, é natural que vivesse com outra estimação...

Soror Paula declinou o palavriado n'outro rumo. Pintou-se-lhe tão facil o exito premeditado que deferiu para outro dia mostrar desejo de ver a educanda. Ao mesmo tempo, lembrava-lhe se Francisco Xavier, sabendo que a mestra de Antonia era sua preceptora de lingua franceza, entraria em indagações de Catharina que beliscassem a curiosidade da Feliciana, suggerindo-lhe desconfianças. Por outro lado, occorria-lhe que o padre não estorvaria que Antonia entrasse em Odivellas e fosse vista de sua mãe. N'isto scismava Paula em quanto a mestra lhe ensinava a pronunciar o abcedario francez, e os diphtongos, objecto da primeira lição.

Assim que a mestra sahiu, Catharina lançou-se nos braços de Paula, e por entre beijos e lagrimas soluçava:

—Já sei que heide ver minha filha! Tu és um anjo, minha querida amiga! Queres por força que eu viva, e não ha desejo que me não satisfaças!... Que farei eu quando a vir, ó Paula! Como heide eu conter-me que me não abrace n'ella?...

—Olha se tens juiso, doudinha!—admoestou a Perestrello—Isto não é brincadeira...Lembra-te das inimigas que temos... Eu receio tanto que o segredo se descubra que nem ao rei disse ainda uma só palavra a tal respeito. Elle sabe os teus amores com Xavier—sabe tudo; menos o que é forçoso que ninguem desconfie. Vê lá como te portas, já que me obrigas a estudar francez, e a fazer-me por isso alvo da chacota d'estas estupidas do convento, que hão de ser toda a vida *bernardas*...

—Se vires que eu me excedo, filha—disse Catharina acariciando-a—faze-me um signal, sim?

—Que signal, menina! De que servem signaes!... Tu é que deves fazer um estudo para não te excederes. Pódes affagal-a e beijal-a, que tudo é natural entre uma religiosa e uma creança; podes até chamar-lhe «filha» que não será isso reparado: mas nada de transportes e arrebatamentos, percebes?

A trigueirinha estudou a sua lição, e o rei ajudou-lhe a pronunciar os diphtongos. Sua magestade sabia regularmente a lingua franceza e hespanhola. A italiana ensinou-lh'a, vinte annos depois, a actriz Petronilla, a quem deu prezentes que carregaram trinta cavalgaduras quando a cantora se fez na volta de Hespanha, diz o cavalheiro de Oliveira. D. Antonio Caetano de Sousa, na *Historia Genealogica da casa real*, tom. VIII, pag. 4, diz que o rei sabia tambem latim com perfeita intelligencia. De um sugeito que lia Horacio e Cicero, dizia Bocage: «Pena é que saiba latim, pois perdeu-se um parvo grande!» D. João V, ainda com o latim, não era parvo pequeno nem perdido.

Disse Paula a primeira lição com bastante sciencia dos diphtongos e triphthongos, mormente os nazaes, que sua magestade lhe ensinou com a mais fanhosa graça. D. Feliciana benzia-se da esperteza linguistica da sua discipula, e fingia não acreditar que ella desconhecesse inteiramente os diphthongos e os triphthongos, os nazaes particularmente.

—A outra sua discipula já deve estar muito adiantada...—disse Paula.

—A Antoninha?

—Sim.

—Já principia a conversar em francez commigo.

—Já?! que linda coisa! fallar frrancez aos oito annos!

—As creanças aprendem mais de ouvido que pelas regras—explicou a conspicua Feliciana—Eu segui sempre o methodo por onde aprendi. Quando abri uma arte de fallar francez já sabia conversar com mademoizelle Duverger. Ora, a minha hospeda tem tal memoria que não lhe esquece palavra que eu lhe diga. D'aqui a um anno ha de poder-se ouvir fallar francez.

—D'aqui a um anno? E eu, d'aqui a um anno, poderei conversar em francez?

—Pois não, minha senhora! V. senhoria, com mais duas ou tres lições, começa a conjugar o verbo *aimer*. *J'aime*, eu amo, *tu aimes* tu amas, *il aime*, elle ama.

—Isso é bonito!—atalhou a ridente moreninha, fazendo rir Catharina — Graças a Deus que riste, minha casmurra!—disse ella, tocando-lhe no rosto com as pontas dos dedos.

—Tenho notado—observou a mestra—que esta se-

nhora é muito melancolica, e parece não ter a melhor saude...

—Sou doente—respondeu Catharina.

—Ah! sim? pois pena é que tão novinha comece a padecer! Isto de viver na clauzura não é para todas as compleições. Umas senhoras engordam e outras definham-se. Se fosse aos ares, minha senhora...

—Aos ares vou eu, se m'a tiram do convento—calemburgou Paula.

—Bem se vê que são amiguinhas inseparaveis...—tornou a mestra—mas, se Deus quizer, como está uma creança, ainda póde ter muita saude, minha senhora. Ás vezes fazem-se na gente umas revoluções interiores, e vão-se os achaques. Porque não consulta o medico francez que tem feito milagres, monsieur Eliot? A mim me curou elle de uma obstrução, ou o que quer que fosse, nos rins; andei por todos os doutores famosos, encharquei-me em tizanas e sempre a peor. Fui-me ter com o francez, por signal que elle ficou espantado quando viu uma portugueza a fallar a sua lingua; e sabem com que elle me curou, minhas senhoras? Vejam lá se podem adivinhar...

—Foi com leite de burra—disse Paula.

—Ora esta! quem o disse a v. senhoria?—acudiu espantada D. Feliciana, em quanto a *Muleirinha* ria pela segunda vez.

—Não se admire, D. Feliciana—explicou Paula—eu conheço esse medico, e sei que elle cura todas as doenças com leite de burra. Aqui a minha amiga tambem anda no uso d'elle.

—Faz muito bem, minha senhora. Ainda hontem eu

pedi ao sr. padre Xavier, porque o vi muito amarello, que tomasse os leites; e assim que entrar o verão vou dal-os á Antoninha...

—Ella é doente??—perguntou Catharina.

—É magrinha, tem poucas carnes, e come como um passarinho. Depois, estuda bastante; meu sobrinho André, que lhe ensina a escripta e a orthographia, puxa bastante por ella. Eu ralho; mas a menina zanga-se, se a tiram dos livros.

—Porque não dá uns passeios com ella?—perguntou D. Paula.

—Falta-me tempo, minha senhora. Sou eu só a governar a casa, e não tenho em quem descance.

—Porque a não traz comsigo quando aqui vem?—tornou a freira—É um bonito passeio de sege. A Antoninha assiste ás minhas lições, é minha condiscipula, e talvez que eu, ouvindo-a conversar em francez, me vá desembaraçando. Faça isto, D. Feliciana, dê á creança o prazer d'estes ares do campo, e verá como ella aqui chega com appetite.

—Diz v. senhoria muito bem—assentiu a mestra—mas é necessario uma licença para ella poder entrar.

—Não lhe dê isso cuidado. A licença lá a recebe em sua casa ámanhã ou depois.

—Como ella vae ficar alegre!... Quando eu d'aqui fui, a menina quiz saber como isto era, como as senhoras andavam vestidas, como eram as cellas, em fim moeu-me a paciencia com perguntas. E quantas vezes ella me tem dito que o seu maior prazer era voar da trapeira a umas arvores que se avistam lá para as bandas de S. Sebastião da Pedreira! Eu já pedi ao tio da menina

que fosse dar uns passeios até Chellas com a sobrinha; mas ella, assim que eu fallo n'isto, perde logo a vontade de sahir. Em fim, acho que nem para o ceo quereria ir com o tio *perna de páo*. Embirração assim não se acredita, minhas senhoras! Eu já perguntei a meu sobrinho André Guilherme, que é muito sabio e estuda para frade Trino, como explicava elle esta antipathia da pequena. Meu sobrinho respondeu-me que nem o amor nem a aversão se explicavam; mas que lhe bacorejava que o tio havia de ter influencia funesta na sobrinha. Em fim, minha senhora, Deus é que sabe... São horas e mais que horas de me retirar. Tenho abuzado da bondade com que v. senhoria me tracta.

—Pelo contrario, eu é que sou a reconhecida. Lá lhe mando a licença—repetiu soror Paula—Dê o alegrão á minha condiscipula. Estou persuadida que o tio não a impedirá.

—Com toda a certeza. Elle já me disse que estimaria muito que as minhas occupações me deixassem passear com a sobrinha. Ella cá vem, visto que v. senhoria lhe faz a honra de a receber.

Renovaram-se os beijos e lagrimas jubilosas de Catharina.

XIV

Chegou D. Feliciana alvoroçada a casa com a noticia. Estava o sobrinho corrigindo os desacertos orthographicos da escripta que dictára á pequena.

—Antoninha—vozeava a mestra offegando escada acima.—Antoninha! trago-lhe uma nova muito alegre, a mais alegre que lhe posso trazer...

—Chegou o papá?!—exclamou a menina erguendo-se de salto, e correndo para a mestra.

—Não é isso, meu amor; é outra coisa...

—Não?—disse esmorecida a creança—Então não sei que seja...

—Eu lhe vou dizer... Chegue-se e dê-me dois beijos... Sabe o que é? as senhoras de Odivellas querem que a menina lá vá.

—Ora!—disse Antonia com desdem—A mim que me importa as senhoras de Odivellas?... Cuidei que era outra coisa...

E foi sentar-se amuada á mesa de escrever.

—Venha cá, sua aborrecida!—volveu D. Feliciana refreando mal o despeito—então a menina não quer ir vêr a casa mais rica do mundo, onde moram umas senhoras que parecem uns serafins?

—Eu não, senhora.

—Não? pois ha de ir.

—Se seu tio lhe der licença—interveio André Guilherme.

—Ahi vens tu com as tuas rhetoricas!...—saltou a tia azedada.

—Isto não são rhetoricas, é moral, minha tia.

—Qual moral nem qual carapuça! Então que é moral?

—Moral é a sciencia dos bons costumes, e é bom costume que as meninas de oito annos vão tão somente onde seus pais, ou tios, ou tutores consintam que ellas vão.

—Mas o padre já me disse que fosse passear com a sobrinha... Não é verdade, menina?

—Mas não lhe disse que a levasse a casa da madre Paula de Odivellas para a qual casa se entra por uma porta que não é a conventual.

—Sabes tu que mais? estás cada vez mais tolo! Acho que mettes livros na cabeça; mas tiras de lá os miolos para te caberem os livros. Que te importa a ti por onde se entra para casa da religiosa?

—Da religiosa, nego, e distingo—replicou o moço abordoando-se ás formulas aristotelicas—Não é religiosa, porque a religião impõe votos de pobreza e castidade, e soror Paula Perestrello não é pobre nem... conversaremos particularmente, minha tia. Eu costumo

explicar a esta menina as palavras que desconhece. Supprimo as que ella deve ignorar; pelo menos, não serei eu quem lh'as ensine.

—E acabou-se! quem governa n'esta casa e nas minhas acções és tu!...—raivou a tia.

—Não governo, minha senhora, deixo-me governar pela consciencia do bem, e digo alto o que sinto. Se, todavia, lhe são penosas as minhas reflexões, não voltarei a sua casa.

—Veremos...—resmuneou a tia, retirando-se.

Antonïa acercou-se do mestre, e disse-lhe em tom implorativo:

—Não volta a esta casa, sr. André?

—*Veremos*, disse minha tia.

—Olhe que eu não vou a Odivellas...

—E porque não vae? Se seu tio consentir...

—Tambem não vou... Eu só faço o que meu papá mandar... Importa-me cá as freiras!

N'este comenos ouviu-se rodar e parar uma sege.

—Ahi vem o sr. padre Xavier—disse André Guilherme—Provavelmente minha tia pede-lhe licença para levar a menina a Odivellas; se elle consentir, Antoninha, não se recuse. Obedeça e vá: peço-lhe isto. A menina é ingrata a seu tio, que lhe quer muito.

—Pois não vou...—redarguiu a menina com dengosa obstinação.

André olhou-a com triste silencio.

Entrou Feliciana na sala para receber no alto da escada o padre, que subia muito fadigado, batendo rijo em cada degráo com a inflexa perna de páo.

André desceu ao primeiro mainel para lhe dar o bra-

ço e amparal-o. Antoninha esperava-o para lhe beijar a mão. O padre, desde que a viu, ganhou forças, apressou-se, e sorria-lhe nos labios e nos olhos.

No tôpo da escada, parou amparando-se nos hombros da menina; depois, arqueou-se com difficuldade, beijou-a em ambas as faces, comprimentou a mestra, e entrou na sala onde André lhe abeirara da cadeira o tamborête em que elle estendia horizontalmente a perna artificial, sendo dolorosa a curvatura.

—Chegei, ha minutos, de Odivellas—disse D. Feliciana.

—Sim? está contente com a sua discipula?

—Contentissima! a primeira lição não podia ser melhor. Aquella senhora tem muito ingenho! E então graça! faz rir as pedras! Hoje até fez rir a outra senhora triste, em que fallei a v. senhoria, e ainda não sei como se chama...

—Rir é uma felicidade, e fazer rir é um dom impagavel, senhora D. Feliciana.

—E não sabe? A sr. D. Paula quer que eu leve lá sua sobrinha.

—*Quer*?! Pede ou quer?

—Isto é um modo de fallar... Como eu lhe disse que a menina era magrinha e comia pouquissimo, lembrou-se a senhora freira de que uns passeios de sege fóra da terra lhe abririam o appetite, e então me fez a honra de convidar a Antoninha. Resta saber se v. senhoria dá licença...

—Eu não quero ir... —interrompeu a pequena tregeitando gestos sacudidos, como usam as creanças voluntariosas e amimadas.

—Ora diga-me—perguntou o padre, depois de morosa e agitada reflexão—a sr.ª D. Paula sabe a que familia pertence esta menina?... Não vá ella cuidar que é das fidalgas que a sr.ª D. Feliciana tem educado...

—Pois não sabe?! Eu já lhe disse que o pae da minha educanda é o sr. desembargador Paulo Xavier, e que v. senhoria é o tio da menina. Já da outra vez me fizeram perguntas a respeito... sim... eu lhe direi... com licença...

E, abeirando-se-lhe do ouvido, continuou:

—Perguntaram-me se eu sabia quem era a mãe de Antoninha...

—*Perguntaram-lhe* ou *perguntou-lhe*?—disse o padre Xavier—A senhora tem me fallado em uma só religiosa; esse *perguntaram-me* deixa entender que as senhoras eram duas ou mais.

—Eram mais duas; uma é a sr.ª D. Maria da Luz, irmã da sr.ª D. Paula; da outra já lhe disse que não sei o nome. Ora agora, esta que não sei como se chama, alguma coisa me disse a tal respeito, mas... lembrar-me o que foi... não é possivel. Por isso é que eu disse: *perguntaram-me*. Quem convidou a menina foi a sr.ª D. Paula.

—Eu responderei quanto á licença que me pede—concluiu Xavier.

—Mas a senhora disse que ámanhã me mandava a licença.

—Licença para que?

—Para entrar no convento.

—A sr.ª D. Feliciana, quando lá vae, entra pela porta do convento?

—Não, senhor.

—Então para que é a licença?

—É que a outra porta é tambem defeza á innocencia—disse André Guilherme aparando os bicos de uma penna, sem erguer a cabeça.

O padre poz um profundo olhar no perfil descahido do estudante, e disse entre si:

—Elle intenderia bem o que disse?!

A tia olhou tambem de esguelha contra o estudante, e murmurou:

—Ninguem te percebe!

—Eu percebi—objectou o padre—Repito: responderei. Se tem de ir a Odivellas antes da minha resposta, não altere a verdade, conte o que se passou.

E, beijando Antonia, e apertando a mão ao futuro frade trino, sahiu mais oppresso de espirito.

Convem saber que o silencio de Catharina alanciou o coração de Francisco Xavier. Aquella carta era sincera, quanto aos confessados remorsos; mas fraudulenta, quanto á imposição do silencio. E, porque os remorsos eram verdadeiros, o delinquente queria ser perdoado; e, senão perdoado, arguido; despresado é que elle não queria ser. A sua expiação retrahia-se a tão acerba prova. No peito d'aquelle homem escabujava ainda o coração com a vitalidade dolorosa das fibras corroidas por um scirro. Tinha trinta annos: amára uma só vez; anniquilara-se para não amar segunda mulher, vestindo o habito; e o desastre da guerra, a mutilação e o alquebramento physico fechavam-lhe os aditos da sociedade onde a sua alma, posta ao fogo de outras paixões, podia retemperar-se. Se elle tivesse a velhice que se conta por dezenas

de annos, o silencio de Catharina de Castro não lhe mordêra no orgulho ao travez do coração; porém como o seu desprendimento era ficticio, e a soledade lhe aguçasse as puas do desprezo, e sua alma trasbordasse do amarissimo desamor da filha, a imagem de Catharina já lhe não apparecia lastimavel e plangente.

Até o ciume, a fantazia que dá a presistencia do ideal do inferno, até o ciume lhe cravou a garra. Amaria ella outro homem? Hospeda de Paula, poderia ser honesta? Os camaristas do rei ser-lhe-hiam indifferentes? A doença e a tristeza seriam enfeites de enamorada para dar graças morbidas á poesia da paixão?

Se assim era—deprehendia o injustissimo calumniador da pobre senhora—que queria Catharina de sua filha? Captival-a? fascinal-a com caricias? segredar-lhe que era sua mãe? uzurpal-a ao amor dos outros? desgraçal-a talvez?

—Não!—pensou elle—tu não me roubarás a minha filha! Se ella me não ama, ha de amar-me quando bem comprehender que eu a adoro! Quererias, por ventura, ensinal-a a desprezar-me pela mesma rasão que tu me desprezas? querias dizer-lhe que houve um homem que lhe chamou *filha*, porque eu lhe não quiz dar esse titulo? que eu, ao vestir o habito de monge, foi como se vestisse a mortalha de pae? Não lh'o dirás, não! Se te era deshonroso responder aos gritos da minha alma, não queiras diante de ti a filha do teu crime. Sê coherente se não pódes ser boa nem compassiva. No ar dos pestilenciaes aromas do palacio de Paula, não quero que a minha innocente filha respire. As impressões que se insculpem em uma alma nova são boas ou más no fu-

turo. Eu não quero que minha filha se recorde da alcôva de uma freira amasia de um rei. Póde ser que a mãe se embriague n'essa atmosphera; mas a embriaguez que delicía uma alma gasta póde matar as flores ainda abotoadas no coração de minha filha. Não a verás, Catharina.

....

O padre Xavier seria pessimo caracter, se não fosse um grande desgraçado.

XV

Á hora do costume, as senhoras Perestrellos e Catharina, por entre as cortinas das janellas, esperavam D. Feliciana. Quando conheceram a sege das cavallariças reaes, disseram as tres a um tempo:

—Ellas ahi vem!

—Olhem o meu coração como pula!—murmurou Catharina pondo sobre o peito as mãos das suas amigas.

—Até eu estou alvoroçada... que farás tu!... disse Paula.

—Não se divisa quem vem dentro...—notou Maria da Luz agachando-se para espreitar rente com o peitoril.

Catharina ajoelhou tambem, formando com as mãos um tubo para convergir os raios da luz, e disse com desalento:

—Parece-me que vem sosinha a tua mestra...

A este tempo já Paula tinha o oculo de longa-mira assestado á sege.

—Tens rasão—confirmou a Perestrello—a menina não vem...

—Talvez que não entregassem hontem a licença á Feliciana—lembrou Maria da Luz,

—Bem me dizia o coração!—ajuntou Catharina.

—Ahi estás tu já afflicta!... Qualquer insignificante embaraço impediria a vinda da pequena... Olha que é preciso não nos mostrarmos muito contrariadas na falta. Deixa-me só fallar a mim.

Entrou a mestra com desconsolada cara; e feitas as mesuras, disse:

—A menina não veio porque o diabo do tio negou a licença, isto é, disse que pensaria e responderia ao meu pedido.

Catharina voltou as costas a Feliciana e chegou-se de uma janella que dava sobre o pomar, afim de encobrir as subitas lagrimas. Quiz represal-as; mas não podendo, sahiu da salêta, e recolheu-se ao seu quarto. A mestra não percebeu nada. Paula e Maria da Luz, com as suas perguntas, distrahiram-na de attentar nos precipitados movimentos da outra. No entanto, Paula gesticulou um rapido aceno á irmã, que seguia Catharina.

A mestra referiu pontualmente o que passára com Francisco Xavier. Não lhe esqueceu a distincção da porta conventual e da porta particular. Omittiu sómente por cortezia o commento do sobrinho quanto á defeza da innocencia por qualquer das portas. Paula absteve-se discretamente de retribuir ao padre as farpas indirectas. Mostrava-se sentida do desgosto da mestra, e lastimava a creança, que o tio decerto amaria com me-

lhor resultado, se, em vez de lhe dar infeites, lhe desse ar puro.

Quando Feliciana lhe perguntou se queria dizer a lição, a freira respondeu que uma forte enxaquêca a impedira de estudar. Despediu-se a mestra, e Paula correu á alcôva de Catharina, que estava a chorar ao lado de Maria da Luz. Esta, fitando a irmã, e depois declinando a vista de esconso para uma bacia de lavatorio, dizia-lhe mudamente que visse o sangue de Catharina. Não era a primeira hemoptyse; mas Paula assustou-se; foi para ella impetuosamente e estreitou-a ao coração.

—A tua filha ha de vir, eu t'o juro, Catharina.

—Que vil homem aquelle!—soluçava a mãe de Antonia—Acho-o mais infame n'este proceder, comparando isto com a carta que me escreveu. Aqui tens o penitente, o contricto!... Participou-me que existia minha filha, como quem inventa um flagello novo para mim. Pensou que eu vivia resignada. Affigiu-o a idea. Engenhou uma tortura, prevendo que eu cahiria outra vez na cilada. Disse-me que eu tinha uma filha com o plano de me aviltar não consentindo que eu a veja. Aqui tens a perfeição da maldade humana, Paula!... Deixa-me chorar e morrer, que eu tenho mais vergonha que dor de o ter amado! Não faças diligencia alguma... Que vem ella cá fazer? Eu... estou morta...

—E eu não quero que morras, minha querida filha! Deixa todo mundo, e vive para mim!—exclamou Paula desfeita em prantos—Olha que eu só deixo de ver escura a minha vida quando encontro a luz dos teus olhos. Se nunca te disse isto, é por que só agora pude recal-

car no peito a vaidade de parecer feliz aos olhos de toda a gente, de amigas e inimigas!

Catharina abraçou-a, beijou-a muitas vezes, ganhou alento na convicção de ser precisa á felicidade d'aquella mulher tão odiada e invejada.

Paula levou-a comsigo, segregou-lhe muitas dores ignoradas, muitos ultrages recebidos do capricho de D. João V. Entreteve-a com as suas angustias—o melhor anodino para mitigar as alheias.

Depois, em quanto Catharina meditava uma carta fulminante para o pae de Antonia, Paula entrou ao seu gabinete, escreveu algumas linhas, lacrou o sobrescripto, e escreveu:

Ao reverendo sr. Padre Francisco Xavier. Em casa do ex.mo conde do Rio Grande, no Lumiar.

Chamou uma negra, deu-lhe explicações, e voltou, dizendo coisas diversas e alegres á sua amiga.

—Vou escrever-lhe... — disse Catharina com desabrimento.

—Raios e coriscos? Não escrevas, filha. O que tu pensas deve ser o peor despacho. Nós estamos ainda no começo. Ha muito que fazer antes que lhe dês o prazer de o castigar com a tua carta. Se lhe tivesses respondido affrontas, já cá tinhas a filha. O teu silencio foi como se em cima da sua memoria lhe voltasses a esmagadora pedra do sepulcro. Quando eu desconfiar dos meios brandos, então luctaremos como desesperadas.

Francisco Xavier recebeu a carta confiada ao ajudante do sachristão-mór das freiras. Estes funccionarios em

Odivellas accumulavam todos os officios compativeis. Curavam das aras do templo, e velavam o fogo não sagrado das sacerdotisas para que não se apagasse.

Este subalterno conhecera Francisco Xavier no galarim do luxo e do amor. Pegou de lagrimar quando o viu sem perna, sem cores, arrugado, desfeito.

—Quem o viu, meu senhor!—dizia, e benzia-se.

Depois entregou a carta.

—De quem vem?—perguntou o padre, reparando na lettra desconhecida do sobrescripto.

—Deu-m'a uma das negras da senhora freira... d'el-rei—E circumvagou uns olhares cautos.

Xavier abriu e leu:

Paula Perestrello comprimenta o sr. Francisco Xavier, e pede-lhe a fineza de consentir que venha a Odivellas sua sobrinha Antonia.

Deteve-se largo espaço a estudar syllabicamente as duas linhas. Meditou, em quanto o sacristão comparava o brilhante môço de oito annos antes, com aquelle homem encolhido e descadeirado entre as almofadas de uma preguiceira.

O padre, ainda escandecido do accesso de furia do dia anterior, no bilhete de Paula não viu phrase que o applacasse. Nem uma lettra, uma inicial com referencia a Catharina! Ella, orgulhosa, aviltadora, esquivara-se a ser parte na petição—pensava elle. Delegava glacialmente na amiga o satisfazer-lhe um capricho, sem risco da sua dignidade, sem sacrificio da sua soberba. Se fosse servida, nada tinha que agradecer ao homem des-

prezado. Se o não fosse, a descortezia feita á amante de el-rei não ficaria impune.

—Quer expor-me ao odio d'elrei—dizia elle.

E, derivando a sua cogitação áo infimo grão onde a podia abaixar, pensou nos perigos da repulsa, graduando-os pela omnipotencia real. E, remontando-se aos antepassados, pensou em Domingos Leite Pereira, seu bisavô, inforcado como regicida; em Francisco Mendes Nobre, seu avô, fallecido de angustias quando lhe aferrolharam o filho; em seu tio de Villa Viçosa queimado; em seu pae tres annos prezo e desterrado. E, depois, elle era rico; os seus haveres, transferidos de Hollanda, eram conhecidos; e seu irmão era desembargador em annos florentes; e sua filha era a herdeira de mais de cem mil cruzados. E estes cem mil cruzados, com elle, com o irmão, com a filha, tudo poderia sorvêl-o a voragem do santo-officio, ao mais leve aceno d'el-rei. E, de mais: elle conhecia o fôlego vingativo de Paula Perestrello. Sabia que, mediante ella, Catharina e sua mãe, na inquisição de Coimbra, amolgaram a ferocidade dos frades, e sahiram illesas. Sabia que um bilhete d'ella enviado ao paço da Ribeira, poz na rua os quadrilheiros e a tropa que rebateram a communidade de Odivellas para dentro do mosteiro. Sabia, em fim, que Paula se prestava a executar as vinganças de Catharina.

Illaqueado por estes mêdos sinistros, em que nenhum pensamento nobre sobresahia, o ex-frade varatojano mandou ao sacristão que lhe chegasse uma papeleira portatil, e escreveu:

Fracisco Xavier tem o prazer de comprimentar a

muito reverenda soror Paula do Santissimo Sacramento, e, agradecendo em nome de seu irmão Paulo Xavier a distincção que s. senhoria liberalisa a sua filha, vae ordenar sem detença que a menina se apresse a conhecer a dignissima senhora que tanto nos honra.

E, ao mesmo tempo, enviava o seu consentimento a D. Feliciana com expressa recommendação de forçar sua sobrinha, dado caso que ella tentasse desobedecer-lhe.

Abriu Paula a carta. Estava presente Catharina. Tremiam ambas. Leu-a mentalmente perfilando-se de modo que a sua amiga a não lêsse ao mesmo tempo. E, lido o bilhete, exclamou:

—É um cavalheiro o Xavier! Olha... ahi tens!... Vês como se vence tudo? é assim. As armas da mulher são as meiguices, quando os inimigos são homens; ora, se os inimigos são mulheres, então a arma efficaz é o tagante. Alegra-te que ámanhã tens aqui tua filha.

Catharina tambem parecia deletrear as palavras do escripto, affectadas e ironicamente cortezãs. Não obstante, cerrou-se-lhe a alma de escurissimas saudades, quando Paula a incitava a exultações. Luzia-lhe uma das auroras do passado—a primeira alvorada na casa de Monte-mór, quando ella da janella ogival viu dobrar a collina fronteira o gentil môço, e se quedou vendo repontar o sol, alegre como as aves. Era feliz, tão feliz como se esposo, e não amante, lhe houvesse n'aquella noite nectarisado os labios com os primeiros beijos. Ella amou... o amor, n'aquelle retrocesso; mas, desde a

primeira alvorada de Monte-mór, não se recordava de outra manhã sem as nortadas glaciaes da alma. Depois, era o recordar-se das angustias e terrores da gravidez; do resfriamento do homem a quem pedia a fuga para salvar a honra e vida de sua mãe da inquisição; da herança affrontosa de tantos antepassados seus ali queimados; de sua mãe ali, louca de pavor... e emfim do seu covarde amante, além, a cantar litanias, a contundir o peito, a missionar nas aldeias, a pedir a Deus que o salvasse, visto que elle, por sua parte, deixava a justiça humana desassombrada no castigo da sua victima.

Ah! ella tambem era injusta!

Devia descontar nas graves culpas do amante a uncção com que o frade lhe dissera centenas de missas por sua alma.

XVI

N'aquelle mesmo dia, a jubilosa Feliciana enviou a Odivellas portador com a feliz nova.

A menina leu o consentimento do tio, na presença de André Guilherme. Ainda balbuciou: «não quero ir;» mas o môço, severisando o semblante, reprehendeu-a entre amoroso e grave.

—Assim é que tu mostras que tens sabedoria e moral...—applaudiu a antiga aia da Duverger.

O estudante é que não formava o mais exaltado conceito da sabedoria e moral de sua tia. As fontes em que ella bebera os rudimentos da virtude não lhe pareciam mais limpidas que o palacete de madre Paula. O gremio das fidalgas onde ella se insinuara com a sua sciencia da lingua franceza, conjecturava o estoico môço que eram meandros sujos a derivarem das fetidas alagôas de Affonso VI e Pedro II. E, dado que Heliodoro Pedegache, por mão da esposa, arpoasse grossa pescaria n'essas torrentes lodosas, o rapaz olhava com secreto pejo

para a propriedade d'aquella familia. E, quando lhe disse a tia que o marido talvez apanhasse o habito de Christo, o aprendiz de frade murmurava:

—Em que andanças involvem Christo! Por que não ha de crear-se a cavallaria da ordem de Mafoma...

—Para quem?...—atalhou a tia abespinhada.

—Para os christãos sinceros.

—Que frade!...—retrucou ella sarcastica.

Entrajaram a menina ricamente. Adereçaram-a com todas as louçanias; levaram-na a toucar-se no Auroy, cabelleireiro francez mais na voga; almiscararam-na, pintalgaram-lhe o rosto com pedacinhos de tafetá preto aos quaes D. Feliciana chamava *mouches*.

—Olha como está linda, ó André!—disse a tia trazendo-lh'a pela mão.

—Vae bonita e coruscante!—affirmou o estudante com ironico sorriso — Parece a ninfa da comedia *El encanto es la hermosura*. Acautele-se, minha tia, que lh'a não pilhem por moura de aucto, ou anjo da Procissão de triumpho!

—Forte azemel! Vamos, minha menina...—regougou a mestra.

E desceu a escada praguejando o rapaz por entre os dentes, e protestando desfazer-se d'aquelle trambolho.

—Vou tão aborrecida!— disse Antoninha, quando o lacaio da tabua abria a portinhola.

—Logo se alegra assim que vir as senhoras freiras. Olhe lá se as comprimenta com desembaraço, e se responde com graça e juizo ás perguntas que lhe fizerem...

—Se eu souber...

—Pois não sabe? a menina, quando quer, é viva como azougue; mas se lhe dá para amuar, é mesmo uma aborrecida!...

—Então para que me leva a senhora? Deixasse-me estar com o sr. André Guilherme, que eu estava bem.

—E' o que eu digo...—pensou entre si a mestra—Se ella tivesse mais ses annos, não seria elle frade.

Quasi sempre silenciosas, chegaram ao atrio do mosteiro. As tres senhoras estavam por dentro das vidraças. Catharina, levada de impensado impulso, assim que entreviu a filha, sahiu da janella rapidamente com destino a ir esperal-as á primeira sala.

—Psio!—sibilou Paula, retendo-a—Então que é isso? temos tolice?! Prometteste-me ser prudente. Estou a ver que te abraças á pequena, exclamando «minha filha!» Espera que vamos todas; mas tu não representas, ouviste?

Sahiram as tres religiosas á sala de visitas, e por entre os resquicios do refegado reposteiro que abria para a sala de espera, viram entrar Antonia com timidez de acanhada, primeiro que a mestra.

—E' a tua cara!—ciciou Maria da Luz, cedendo o logar a Catharina para que a visse—Olha!...

—Que linda!—murmurou Paula.

—Como vem estrellada de pedraria!—obervou a Perestrello mais nova—Não a sabem vestir...

No entanto Catharina, amparada no umbral da porta, e anciada, com os labios entreabertos n'um riso immovel de idiota, pasmava na filha, e enclavinhava as mãos trementes sobre o seio.

—Vae para a minha saleta com Maria da Luz, com

põe esse rosto que se está desfigurando, e espera por mim, que lá vamos ter—disse soror Paula.

E entrando na sala, comprimentou a mestra, beijou a menina, perguntou-lhe as puerilidades do costume, e conduziu-as de vagar pelos varios repartimentos do palacio, detendo-se nas cazas em que Antonia, com infantil curiosidade, se demorava reparando na ornamentação magnifica. Perguntou-lhe Antonia:

—As senhoras freiras d'aqui não andam de habito?

Paula sorriu-se e respondeu que sim; mas que ella só vestia habito quando ia ao côro.

Ao entrar na ante-camara, onde estava Catharina meio esvahida e reclinada no hombro de Maria, Paula conduziu a menina pela mão ao pé das duas, e disse:

—Aqui tem, Antoninha, duas freiras com habito.

A menina comprimentou-as com vivacidade, aproximou-lhes o rosto, beijou-a primeiro Maria da Luz na face, e depois Catharina nos labios. Antonia olhou fixamente a freira, movendo os beiços, onde sentia a impressão ardente dos beijos que recebera. Não havia n'aquelle olhar o mysterio que as outras mentalmente aventaram. A pequena estranhára a compressão convulsa e a quentura humida d'aquelles beiços.

Sentou-se a menina em um diwan entre a mãe e Maria da Luz. Abanava-se senhorialmente donairosa com o leque estrellante de lantejoulas de prata e ouro. Perguntou-lhe Paula se gostava do habito das freiras. Reparou em soror Catharina, e respondeu lentamente:

—Esta senhora está muito bonita assim. Tenho no meu livro de missa um registro de uma sancta que se parece com a senhora.

—Sim?—balbuciou Catharina tirando-a para si com irreprimivel transporte, e beijando-a em ambas as faces.

Paula olhou para a irmã com um gesto significativo de receio, em quanto a menina parecia querer retrahir-se á vehemencia das caricias.

Para distrahir Antonia, perguntou-lhe Paula se tinha noticias do papá.

—Ainda não, minha senhora. Estamos á espera das náos da India. Cada dia parece-me um anno.

—Felizmente a menina tem seu tio, que é muito seu amigo...

Antonia não respondeu.

—E' o que eu lhes disse, minha senhora...—interveio D. Feliciana, alludindo ao desaffecto da educanda pelo tio.

—Que é?—perguntou Antonia.

—Digo eu que a minha menina deve ser grata ao extremoso amor que lhe tem o sr. padre Xavier.

A pequena avincou a testa, como se quizesse reprehender a mestra de sahir-se com aquella impertinencia em tal occasião.

D. Feliciana murmurou, formando com os beiços um tregeito de zanga:

—Que genio!

Catharina encarou a mestra com resentimento. Julgava-se já bastante mãe para defender a filha da rude censura da mestra. Paula sorriu-se, e Maria da Luz passou o lenço pelos labios.

—Hoje, sr.ª D. Feliciana—disse a Perestrello—peço-lhe sueto para mim, visto que a minha condiscipula também tem sueto. Sou pessima educanda, não acha?

—V. senhoria aproveita em vinte lições o que outras não conseguiriam em quarenta; e a sua condiscipula está no mesmo caso. Tem muita habilidade... Quer fallar francez commigo para estas senhoras ouvirem, Antoninha?

—E estas senhoras sabem francez?—perguntou a menina, olhando para a mãe.

—Eu não sei, meu anjo...—respondeu Catharina.

—Nenhuma de nós sabe.

—Então não é bonito que fallemos francez diante de quem não sabe;—tornou Antonia—disse-m'o o sr. André Guilherme; e meu tio padre, ainda ha dias fallando-lhe eu em francez diante do sr. Heliodoro Pedegache, que não sabe, reprehendeu-me... A sr.ª D. Feliciana bem ouviu, pois não ouviu?

—É verdade; mas estas senhoras—replicou a mestra um tanto corrida da correcção—bem sabem que nós não fallamos mal d'ellas.

N'este momento, na casa proxima, annunciou uma creada que estava o almoço na mesa.

—Ainda agora?! disse Feliciana.

—A Catharina e Maria da Luz já almoçaram: eu tenho o máo custume de comer quando tenho vontade.

—Ainda agora sei que aquella senhora religiosa se chama a sr.ª D. Catharina...—notou a mestra—Aposto que é a sr.ª D. Catharina de Castro?

—Sou.

—Bem me diziam a mim, aqui ha oito annos, que uma das mais lindas religiosas d'esta casa era v. senhoria. Ouvi-o ás senhoras Vasconcellos, da casa de Castello Melhor, que foram minhas discipulas, e vi-

nham aqui muitas vezes visitar suas tias, e gostavam muito de v. senhoria. Não me enganaram.

Antoninha olhava para a senhora elogiada pela belleza.

—Que lhe parece, menina?—disse Catharina com um sorriso que parecia chorar—tambem me acha bonita?

—Muito, mas a senhora tem febre—respondeu Antonia sentindo no rosto o queimar da mão de Catharina, —e parece que tem os olhos cheios de lagrimas.

Estas palavras, pronunciadas com timbre de dó, abriram os diques ao pranto. Rolaram-lhe as lagrimas a quatro, com grande arfar de peito e suspiros.

Ella cobria o rosto com as mãos, inclinando-se para a filha.

A creança contemplava-a com espanto. Maria da Luz passou para o lado d'ella, e pediu-lhe que sahisse.

Ella obedeceu, erguendo-se de golpe, e deixando-se levar cingida pela cintura.

E Paula, para explicar verosimilmente o lance a D. Feliciana, disse que D. Catharina padecia insultos nervosos, quando lhe traziam á memoria uma epoca da sua vida...

—Pois eu não sei, minha senhora!—interrompeu a mestra.

—Pois que sabe?

—Aquelle triste caso do santo-officio... Logo que v. senhoria proferiu o nome d'esta senhora, me occorreram as ideas. Lembrei-me da prisão, que toda a gente disse que era uma intriga de infames inimigas, e tambem aquelle outro caso das senhoras freiras sahirem por ahi

fóra, quando ella voltou absolvida como innocente... Pois tão pouco fallada foi a tal passagem!

—Que foi?—perguntou Antonia.

—Coisas, coisas que a menina não percebe—respondeu a mestra.

—Vamos almoçar, sim, minha querida menina? —atalhou soror Paula erguendo-se.—Venha, sr.ª D. Feliciana, tomar uma chicara de chá.

—Eu queria ver se a senhora D. Catharina está melhor—disse a menina.

—Tem dó d'ella, meu amor?

—Ia a chorar tanto!... porque era?

—É doença, menina—respondeu D. Feliciana, e accrescentou de bom rosto:—Quer saber tudo. Eu vejo-me ás vezes em apertos para lhe satisfazer as curiosidades proprias de uma senhora muito curiosa.

Passaram á casa de almoço. Antoninha sentou-se; mas disse que não podia comer nada. D. Feliciana, porém, começou por tubaras de carneiro com o proposito de passar aos miolos albardados, iguaria muito de sua feição, e terminar pela *Olha franceza*, prato tambem muito da sua feição, como quasi todos os pratos bons.

—A sr.ª D. Catharina não vem?—perguntou Antonia.

Paula disse a uma das tres escravas que a serviam á mesa:

—Acompanha esta menina, visto que não quer nada, ao quarto da sr.ª D. Catharina. Quer ir, filha?

—Sim, minha senhora.

A freira não receava as expansões de Catharina, logo que D. Feliciana as não prezenciasse. Não previra tão opportuno ensejo aos transportes da amiga.

A escrava subiu com a menina ao segundo andar, e disse fóra do reposteiro de uma antecamara:

—Está aqui a menina que quer saber se está melhor v. senhoria.

Arremessou-se Catharina ao reposteiro, afastou-o de repellão para encurtar demoras, tomou a menina nos braços, como quem levanta um arminho, e disse á escrava:

—Vai-te embora.

Sentou-se, e pousou nos joelhos a pequena, que dava ares de receosa d'aquelle insolito arrebatamento.

—Teve pena de mim? quiz ver-me? então é muito minha amiga? é?...

—Sim, minha senhora...

—Qual queria, minha filha? estar commigo ou com a sua mestra?...

—Eu?... estar aqui... Se o tio me deixasse... O meu papá, ás vezes, levava-me a uma grade das freiras em Beja, e ellas metteram-me lá dentro uma vez, e eu puz-me a chorar—dizia ella, rindo—porque era muito escuro, muito feio, e as freiras mettiam medo. Aqui é muito bonito.

—Seu pae era muito seu amigo?—perguntou Catharina.

—Tomára eu que elle viesse da India. Hei de pedir-lhe que me deixe vir para este convento.

—Então quer ser freira, Antoninha?—disse Maria da Luz.

A menina fez um gesto de indecisão, e accrescentou:

—O sr. André Guilherme tambem vae ser frade da Santissima Trindade.

—Quem é esse senhor André Guilherme?!—perguntou a mãe.

—É o sobrinho da mestra, ensina-me a escrever, conversa muito commigo, e eu sou muito sua amiga. Quando meu pae partiu para a India, se não fosse elle, eu morria de saudade. Assim que me via a chorar, levava-me comsigo a passeio, contava-me historias, e não queria que a sr:ª D. Feliciana me mortificasse com os estudos...

—Mas não é mais amiga de... seu tio?!—volveu D. Catharina.

—Não, minha senhora... Não fui creada com elle... não sei porque é... Tenho-lhe mêdo... Ás vezes, tem-me no collo, e está a fazer-me festas, e de repente fica tão carrancudo que parece outro... Ai! quem me dera cá o meu papá!... Parece-me que o não torno a ver...

Encheram-se-lhe os olhos de lagrimas.

—Não chore, minha filha...—acudiu Catharina, apertando-a ao coração—O seu papá ha de vir, se Deus quizer... A Antoninha queria ter mãe, não queria?...

—Se eu tivesse mãe, era feliz como as outras meninas que eu encontro aos domingos de tarde a brincar na praça do Terreiro do Paço ou no jardim do sr. D. Diniz Almeida, onde a mestra tem licença de ir, porque foi mestra das fidalgas. [1]

—Morreu a sua mamã?—perguntou Maria da Luz.

—Morreu...—disse a menina com a voz e o semblante muito triste.

[1] Até depois de 1755 não houve em Lisboa jardim publico.

—O seu papá nunca lhe disse nada de sua mamã, nem seu tio?—volveu a Prestrello.

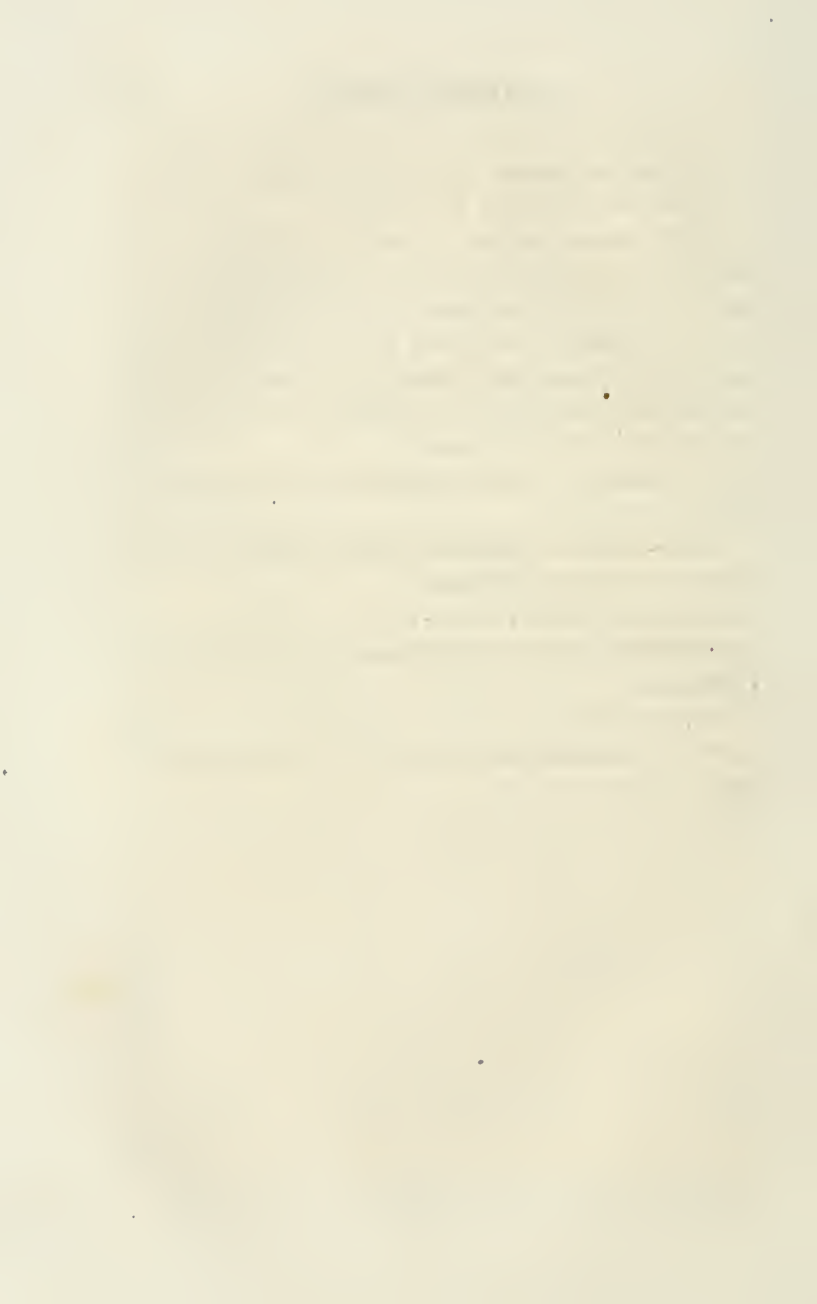
—Não, minha senhora. A minha ama é que me dizia, quando á noite estavamos a olhar para o ceu: «a sua mamã está a olhar para a menina d'aquella estrella» E eu agora já sou grande e ainda cuido que minha mamã está n'uma estrella maior que as outras; e pedia-lhe que me levasse para si, quando o meu papá me deixou em casa de D. Feliciana.

—Coitadinha!—soluçou Catharina acariciando-a com arrebatada ternura.

—Não chore...—disse-lhe a creança—Está outra vez doente... Por que chora!...

....

—Podemos entrar?—disse Paula a uma distancia bem calculada.

Maria da Luz fez um gesto a Catharina, que sentou a menina na preguiceira a seu lado, e limpou as lagrimas.

XVII

Era de esperar que D. Catharina, depois que Antonia lhe levou alegrias inesperadas, repartisse alguma parte da sua felicidade com Francisco Xavier, em phrases de perdão, de estima, ou sequer de mulher que se carpia por não poder dizer áquella amada criança: «sou tua mãe!»

Elle esperava ao menos que D. Paula, agradecendo-lhe a cedencia ao seu pedido, incluisse uma palavra da piedade ou do amor de Catharina.

Do amor! Se no amor se podessem assignalar distancias, o coração da freira desviava-se do pae de Antonia á medida que a paixão da filha recrudescia a dor de não poder revelar-se-lhe mãe.

—Porque—dizia ella a D. Paula—se este homem cumprisse a promessa de me levar de Portugal, eu, a esta hora, seria muito feliz com a minha filha. Foi elle que se enfastiou de mim, que fechou o coração de amante e recalcou a honra de cavalheiro quando eu lhe implorei que me salvasse, que fugissemos, porque já

não era eu só que fugia, mas tambem um filho que lá fóra seria o meu maior prazer, e na patria me seria o maior opprobrio. Elle era rico: porque o não fez? Achava-me já indigna da troca pelo irmão e pela patria. Estava aborrecido. Pensava em engeitar o filho, talvez, ou dar-lhe um pae supposto; e depois, metter-me outra vez na clauzura, e abafar o grito da consciencia com os renovos d'outras paixões. Cada dia, cada hora o detesto mais. É execravel este homem que não soube ou não quiz ser pae, e me não deixou ser mãe! Deixasse-me, que eu sahiria sosinha de Portugal, e iria viver com minha filha no fim do mundo. Eu tinha uma tão santa mãe que me chegou a dizer: «venda-se tudo que temos, e vamos para qualquer paiz, onde ninguem nos conheça:» mas elle, o fementido, prometteu-me até ao momento em que a inquisição me prendeu, salvar-me, por amor de mim e da sua filha! Nem sequer, aos vagidos da creancinha, soube ser homem e pae! Fez-se frade, como se Deus devesse acceitar o incenso de mãos sacrilegas, de um criminoso que sanava o crime despresando uma creança e uma desgraçada mulher! Não me tornes a dizer que lhe escreva, Paula! Eu prefiro não ver mais Antonia á ignobil violencia de fingir uma piedade vergonhosa!

E o padre esperava ainda piedade ou amor!

E, conversando com Antonia, perguntára elle:

—Ficaste gostando muito das freiras?

—Muito, meu tio.

—Egualmente de todas?

—Egualmente não; de quem eu gosto mais é da sr.ª D. Catharina.

—Porque? por ser a mais bonita? era a que te fazia mais mimos?

—Não é pelos mimòs...

—Então?

—Fazia-me pena quando se abraçava em mim a chorar.

—E que te dizia?

—Nada... olhava muito para mim... e queimava com as mãos tão quentes que pareciam lume...

—Gostas então muito d'ella?... querias lá estar?

—No convento?

—Sim.

—Quem me déra! Se o tio quizesse...

—E ellas querem-te lá?

—A sr.ª D. Paula até me disse que havia de pedir ao tio que me deixasse ir lá passar a festa... não sei de que... ah!... do abbadessado... É muito bonito... Vão os fidalgos e os poetas fazer versos...

O padre cerrou-se no tal carrancudo silencio de que a menina se queixou ás freiras. Sahiu a digerir um novo trago de fel que bebera nas palavras da filha, e d'essa elaboração amargosa se lhe encrustou na alma outra camada de ruins pensamentos.

Dizia elle de si comsigo: «Bem sei o plano. Quer-me roubar de todo o affecto da creança. É a extrema demarcação do odio... Mas como é isto? Eu estremeço minha filha, dou-lhe tudo que póde agradar-lhe, ha um anno que faço todas as diligencias para lhe ganhar o coração; e ella parece que recebe com repugnancia as dadívas e as caricias. Vae a Odivellas, vê pela primeira vez uma mulher desconhecida, e affeiçoa-se-lhe a pon-

to de querer ir para sua companhia, sem mostrar o menor desgosto em me deixar. O que póde haver providencial n'isto? Nada. É o acaso, uma sympathia tão estranha á natureza como ao raciocinio. O que ha é a seducção, a trama planejada de longe, a vingança com requintado egoismo. Está enganada a socia da madre Paula. Quem despreza o pae despreza a filha. Nem que m'a pedisse com lagrimas eu lh'a daria. Não tenho mais nada n'este mundo. É a minha tabua n'esta grande tormenta. Tudo mais é a treva que se continúa na perpetua escuridão do sepulcro. Sou rico, e quero ser mais rico para minha filha. Vingo-me da desgraça deixando-a feliz com uma grande barra de oiro debaixo da qual se esmagam os infortunios e os inimigos. Que querem á minha filha? fazel-a freira? na escola de madre Paula? Nunca! Então que querem? roubar-m'a para que eu, sem o amparo d'ella, acabe de morrer? Enganaram-se. Que me importa a amante do rei? Se eu desconfiar que se urde alguma intriga, fujo com minha filha para Hollanda. Eu comprarei bons espiões no paço, no santo-officio, e no inferno.»

O padre expiou estas iniquidades na noite de tormentosa vigilia que se seguiu áquelle dia. Queria desafogar; e não podia desatar a mordaça. Faltava-lhe um homem a quem talvez contasse o mysterio d'aquella menina. Era o medico Eliot. O conde do Rio, cada vez mais acrisolado em contrições, se lhe apparecia era para o consultar sobre melindres da theologia moral, subtilezas de escrupulos, hypotheses de peccados que o velho queria levar bem ordenados e classificados ao tribunal da penitencia. E, no tocante a freiras, isso então,

se o padre balbuciava expressão apontada a profanidades monasticas, o general espalmava as mãos, entreabria os dedos, e com as palmas voltadas para o padre, pegava de as sacudir como se receasse ar empestado pelo bafejo do hospede.

—Não me falle n'isso, Xavier, a menos que não seja para me execrar as minhas enormes iniquidades! Conte-me casos de grandes peccadores convertidos. Repita-me a exemplarissima penitencia de fr. Antonio das Chagas, fundador do Varatojo...

—Que, primeiramente—interrompeu o padre—foi capitão de cavallos, chamou-se Antonio da Fonseca Soares, matou um homem...

—E, arrependido...

—Suicidou-se no frade, e fez asperrima penitencia... escreveu livros mysticos, etc.

—Veja que fim de vida!—exclamou seraphicamente o conde.

—Mas melhor seria têl-a começado melhor... O genero humano e a moral lucrariam mais com a vida do homem que elle matou do que lucramos nós com os actos de contricão que ahi andam estampados.

—Não o percebo bem!... Isso que v. mercê disse cheirou-me a heresia, padre Francisco.

—Então expliquei-me mal, sr. conde. Eu queria dizer que fr. Antonio das Chagas não restituíu a vida ao homem que matou.

—Isso é verdade...

—E, se a alma do morto, á mingua de sacramentos, cahisse no inferno?

—Deus é pai de misericordia. As orações do homicida penitente salval-o-hiam.

—No inferno não ha salvação... *Ubi nulla redemptio:* está escripto.

O conde poz-se a scismar com um feitio da cara bastante compungido, e com vontade de argumentar; mas andava nos rudimentos da theologia; receava dizer heresias, e calou-se.

Quasi quotidianamente havia d'estes conflictos no quarto do padre Francisco Xavier.

Ninguem o procurava, porque os seus amigos d'outro tempo eram todos rapazes ainda, logradores da vida, que achavam curta para os deleites, e não queriam desbaratal-a com o ex-varatojano, torvo, taciturno e lastimavel na sua miseria de aleijado e a modo de embrutecido. Uns alcunhavam-no de parvo, outros de hypocrita, como se lhe não bastasse ser desgraçado para o abandonarem.

Por isso, á mingua de fé esclarecida e paciencia de sancto ou de philosopho, no seio d'aquelle homem fermentava um como odio ao mundo e a si proprio. A filha poderia salval-o, ser-lhe esteio; mas quando lhe disse elle: «entra nas trevas do coração de teu pai, anjo! dulcifica-me as lagrimas» ?

Por cumulo de infortunio, a piedade esterilisara-se-lhe na alma. As praticas frequentes com Izaac Eliot sobre assumptos da Reforma calcinaram-lhe as raizes da fé que tantos rebentos bracejára nas penhas de Varatojo. Lêra Calvino na versão hespanhola de Cypriano de Valera. Lêra a *Confissão de Augsbourg* de Melanchthon na traducção franceza. Tinha os livros condemnados do

medico huguenotte no fundo de uma arca, e exhumava-os de noite, quando não receava ser colhido de improviso pelo conde. E, a respeito da educação religiosa de Antonia, quando André Guilherme lhe perguntava que livros piedosos devia ler sua sobrinha, o padre respondia:

—Explique-lhe bem o preceito: *amar a Deus e ao proximo.* Toda a religião christã, e *todas as religioens verdadeiras* se cifram n'estas palavras.

Mas elle, o padre, não amava Deus nem o proximo.

XVIII

As coleras surdas de Francisco Xavier não desfecharam explosão immediata. Conteve-o o temor de irritar Paula e enredar a filha na teia de vinganças que lhe urdisse o despique de duas mulheres assanhadas. Não obstante, recommendou particularmente a D. Feliciana que espacejasse de mez a mez as idas da sobrinha a Odivellas para evitar distracções nocivas ao estudo.

—Pelo contrario—obviou a mestra—em quanto a sr.ª D. Paula estuda, tambem a menina recorda os verbos; e, depois, quando a freira começar a traduzir e a fallar, a Antoninha lucra muito, conversando com uma fidalga tão esperta.

—Já disse, minha senhora: cumpra as minhas ordens, que eu represento o pai da sua educanda.

—Bem sei; mas o pai da minha educanda, quando se despediu de mim, disse-me a chorar: «não a constranja; dê-lhe todos os prazeres que não lhe causem

damno á saude.» Ora, os passeios a Odivellas são do innocente agrado da menina, e até necessarios á sua saude. Por tanto...

—Por tanto cumpra as minhas ordens—repetiu o padre severamente.

—Ao menos, consinta v. senhoria que ella vá uma vez por semana.

N'este comenos entrou Antonia, e Feliciana proseguiu:

—Ó menina, peça ao tio que a deixe ir, ao menos, uma vez por semana a Odivellas.

—Então o tio não me quer deixar ir?!—perguntou Antonia com uma admiração prenuncia de revolta.

—Quer que vá uma vez sómente cada mez—aggravou a mestra.

Antonia, sem responder, foi sentar-se á mesa da escripta com as costas voltadas para os dois. O padre víu aquelle movimento, abaixou os olhos, e apoiou a testa sobre as mãos.

—Então não pede, Antoninha?—instou D. Feliciana.

—Tanto se me dá de ir como de ficar... Não peço nada.

—Vem cá, menina—chamou amoravelmente o padre.

Ella ergueu-se ligeiramente e foi sem o encarar.

—Desejas ir muitas vezes a Odivellas?

—Sim, meu tio.

—Queres ir de quinze em quinze dias?

—Como vossa mercê quizer.

—Pois vai, vai, filha; mas não troques teu tio pela amisade de ninguem. Olha que n'este mundo ninguem te quer mais que eu.

Antonia suspirou do intimo do peito.

—Porque suspiras?

—Lembrou-me meu papá.

—Aqui tens uma carta d'elle.

Scintillaram ascuas de jubilo os olhos da menina. Leu duas duzias de linhas de um folego; mas, no fim, rebentaram-lhe as lagrimas. O ultimo periodo dizia: *A minha saude, aqui, é pessima. O tio te dirá que eu mando pedir licença para me retirar antes dos trez annos. Sei que não te faço falta, minha filha, mas não quizera morrer sem te dar o meu ultimo suspiro n'um beijo.*

—Não chores, filha; que na primeira nào que sahir vai a licença que teu... pai requer — disse o padre, abraçando-lhe a cabeça e beijando-lhe os cabellos louros. — Olhe, sr.ª D. Feliciana, não lhe tome hoje lição. Eu vou mandar-lhe a minha sege, logo que chegar a casa. Vão dar um passeio até Xabregas.

—Eu não queria sahir...—atalhou Antonia.

—Vai, filha...

—Antes quero ir rezar uma corôa á Virgem Nossa Senhora para que dê saude a meu pai.

—E que lindo rozario a menina tem! Appetece rezar por elle! Já o mostrou a seu tio?

—Ainda não.

—Vá buscal-o... Deu-lh'o a sr.ª D. Catharina de Castro. É o objecto mais lindo!

Voltou Antonia com um rozario de contas de variadas côres: umas pedras eram azues, saphiras orientaes radiadas de filamentos lacteos; outras escarlates, rubis do Brazil e granadas da Syria: sobresahiam pedras verdes, esmeraldas do Peru, e chrysoprazios, de um ver-

de claro; amarellejavam os topazios, as aguas marinhas junquilhas. Os *padres-nossos* eram pequenos diamantes, cravejados em lhama de prata que envolvia uns espheroides de onix de Islandia. O crucifixo era de ouro, uma miniatura primorosa, com a Senhora das Dôres sentada na peanha da Cruz.

O padre conhecia o rozario: era o unico enfeite que a religiosa pendia do collo nos dias festivos do convento. Sabia que, desde o reinado de D. Manuel, aquella preciosidade existia na familia dos Pinas, e andava estimada em grande valor nos successivos inventarios da caza.

—Não é uma rica prenda?—perguntou D. Feliciana ao padre que se demorava absorvido nas recordações com o rozario entre as duas mãos.

—É...—respondeu; e no silencio da alma retransida de dôr, pensou: «Mal diria eu... que nove annos depois veria estas contas na mão de minha filha, e me veria a mim n'esta desesperada situação!...

E, dando o rosario á menina, continuou:

—Vai rezar, filha, vai; pede ao Senhor por teu.... pai!

—E pela alma da sua maman—accrescentou a mestra.—Eu tenho-a ensinado a rezar por alma da mãe: que a menina, quando veiu para minha casa, nunca rezava por tão sagrado motivo, e disse-me que ninguem lhe ensinara a rezar por ella. Eu fiquei sem a minha ha vinte e dois annos, e nunca passou um dia que eu não encommendasse a Deus a alminha de minha mãe e de meu pae.

—O' meu tio,—perguntou Antonia, entre-risonha e

triste—a minha mãe era bonita?... Vossa mercê viu-a, não viu?

—Era... sim...— respondeu o padre fitando-a com grandes olhos, immoveis como os de um cego de amaurose.

—Devia ser muito linda — conjecturou a mestra — quem deu ao mundo uma belleza como Antoninha!... Que esta menina tambem tem muitas avultações da familia paterna... O feitio do rosto, a testa e a covinha na barba tem alguma coisa de V. Senhoria e do pai... Coitadinha! bem cedo ficou sem mãe!

Francisco Xavier, levantando-se com impeto, porque as lagrimas lhe envidraçavam os olhos, deu um ai agudo, ao rossar violentamente no rebordo do apparelho, onde engastava a côxa mutilada, a tuberosidade sciatica. Esta dòr physica espertou-lhe muitas angustias moraes. Recahiu outra vez na cadeira e chorou largo tempo, com o rosto amparado nas mãos.

Antonia aproximou-se do padre, e lançou-lhe os braços ao pescoço com extraordinaria ternura, murmurando:

—Não chore, assim, meu tio...

Elle então, sentindo-se acariciado pela creança, puxou-a para o peito, tomou-lhe entre as mãos trementes o rosto, e ungindo-lh'o das lagrimas que o estrangulavam em soluços, balbuciava:

—Tens compaixão de mim, tens, Antonia?

—Molestou a perna?—perguntou D. Feliciana.—Quer V. Senhoria que eu mande chamar o cirurgião?

—Muito obrigado, minha senhora... Felizmente chega o sr. André para me ajudar a descer até á sege.

André Guilherme amparou-o ao levantar-se. A menina acompanhou-o até á rua; foi dentro da carruagem dar-lhe um beijo; e, voltando melancolica, disse a D. Feliciana que tinha muita pena de seu pobre tio.

O chorar, no mal-compleicionado bisneto de Maria Isabel Traga-malhas, não deixava a alma defecada dos sedimentos que as lagrimas diluem. Parece que o pejo de chorar lhe azedava a hypocrionda e pezava sobre o espirito um maior gravame de tristeza que disparava em frenesis e furias manifestadas no sacudir vertiginoso dos braços. Queimavam-no as ardencias dos trinta e um annos. Raivava contra a providencia que iniquamente o abatera áquella desgraça estupida, inerte, indigna se quer da compaixão publica em que muitas infelicidades se esteiam e resignam.

Na solidão dos seus aposentos, o padre, soberbo das maviosas caricias da filha, voltou a scismar no plano de lh'a roubarem. Pois que a viu compadecida, com maior amor e avareza a queria fechar no seu coração. As perguntas de Antonia a respeito da sua fallecida mãe — perguntas nunca feitas—quem lh'as suggerira?—cogitava Xavier.—Dir-lhe-hia Catharina algumas coisas com o proposito de ir encaminhando a declarar-lhe que era sua mãe? E, se viesse a declarar-se—inferia o padre—o coração de filha, que já se mostrava tão inclinado áquella senhora, seria todo da mãe. E que faria elle então? queixar-se! a quem? Prohibil-a de ir ao mosteiro? obrigar pelo terror a menina a calar o segredo? Mas quantas desventuras involvidas n'essas hypotheses! A final, Catharina sahiria infamada da lucta, e elle exe-

crado pelos virtuosos, escarnecido pelos libertinos, e, sobre tudo, odiado da filha.

N'esta reluctancia de encontrados sentimentos, decorreram algumas semanas, durante as quaes, a menina, abusando da licença, foi ao convento todas as quintas feiras. Francisco Xavier adoecêra. Antonia visitava-o com André Guilherme; queria fallar da freira; porém o cauteloso padre, na presença do estudante, desviava n'outro rumo a conversação, receando exaltar-se ou interessar-se extranhamente.

Entretanto, a solidão e a ociosidade iam lavrando o rastilho da cratera. O homem não se descia da hypothese peor: — que as duas freiras conjuravam em lhe roubar a filha.

Pedira-lhe Antonia licença para assistir ás festas do abbadessado.

—Vá — disse Francisco Xavier, acrimoniando o monossylabo com um tratamento em terceira pessoa, que nunca lhe dera.

A menina foi, e ficou tres dias e tres noites no convento, se devemos considerar dominio claustral das bernardas o palacete da madre Paula. Pernoitava no leito de Catharina, e adormecia-lhe reclinada no braço direito. Espertava sob a pressão dos beijos, e ás vezes sentia no rosto a humidade das lagrimas. Na terceira manhã, ao descerrar as palpebras, viu a sua querida freira em joelhos, sobre os degraus da escadinha do leito, curvada para ella: sentia nas faces o halito quente. Sentou-se, estrouvinhada e assustada, na cama. A mãe cingiu-a a si impetuosamente, dizendo-lhe em segredo:

—Não queiras ir hoje, não? olha, Antonínha, dize a D. Feliciana que queres estar até ámanhã, sim?

—Mas o tio... se ralha á mestra... e não me deixa cá voltar...—reflexionou a creança maguada.

—Tens razão...—annuiu D. Catharina—Vai, filhinha... para voltares na festa do oitavario.

Áquella hora, Francisco Xavier esbravejava contra a mestra, porque deixára sua sobrinha no convento. Defendia-se Feliciana com a licença impetrada pela menina; e elle replicava que não se lhe tinha pedido consentimento para pernoitar no harem d'el-rei..

Feliciana abriu a sua bocca escandalisada, e regougou:

—No *harem!* credo!... Bemdito seja Deus, nem estamos na Turquia, nem o sr. D. João V é imperador de Marrocos! Vossa senhoria desatrema, sr. padre Francisco!... Deus me livre que o ouvissem!...

Estas palavras vibraram-lhe as cordas do mêdo. Não lhe sobrava dignidade, nem caridade, nem coragem. Vociferava insolencias, e absorvia logo a bilis com medo ao rei, aos frades dominicos, ao sequestro, ao cavallete, e principalmente á pêrda da filha. Martyrisava-o aquella creança, balançando-o da petulancia á covardia.

—Peço-lhe que não faça caso d'estas expressões rudes—dizia elle á mestra—As minhas doenças exasperam-me...

—Pois, sim, sim, coitado! Eu bem vejo que o sr. padre Francisco Xavier tem o coração de um anjo; mas as dôres do corpo bolem muito com o genio das pessoas... Diante de mim póde desabafar como quizer. Quanto á menina, vou logo buscal-a, apezar de hontem

me pedir a sr.ª D. Paula que a deixasse ficar até ámanhã.

—Não póde ser!—acudiu o padre—não póde ser!...

—Pois bem, bem... quem governa é vossa senhoria.

—E não m'a leve lá estes quinze dias...

—Nem na festa do oitavario? É muito bonito então, porque voltam lá os poetas, e ha motes.

—Que lhe importa á minha sobrinha poetas e motes, não me dirá?

—Pois olhe, quer creia quer não: a menina me disse hontem que gostava muito de ouvir as decimas do Thomaz Pinto Brandão, que faziam escangalhar tudo com rizo!

—Como lá se divertem!—murmurou o padre, em ar de o dizer a si mesmo—Como lá se divertem!...

—Ora, se divertem!—confirmou a mestra—Ha lá gente mais regalada que as freiras de Odivellas! Que lhes falta! só se for sarna para se cossarem. Alli vae tudo quanto ha bom em Lisboa. Hontem estava o terreiro a trasbordar de fidalgos, e as janellas cheias de senhoras. A menina, de janella em janella, parecia douda de alegria; e a sr.ª D. Catharina Castro parecia uma creança a brincar com ella.

—Alegre?—disse o padre.

—Quem?

—Essa senhora...

—D. Catharina?

—Sim.

—Pois então! Já não é a mesma. Era da côr d'esta parede, e parece uma rosa. Estava para alli sempre

amoïxada nas almofadas, e agora salta que nem um passarinho. Diz a sr.ª D. Paula que a menina a tirou do seu serio fazendo-a brincar e correr. Muito amigas são! Estão sempre abraçadas uma na outra... Coisa assim!... Eu acho que é ella que prende a menina. Como nunca sentiu os carinhos de mãe, penso eu, a creança regala-se de ser ameigada por aquella linda senhora, não lhe parece, sr. padre Francisco? Esta è a opinião de meu sobrinho André; e hontem disse elle umas palavras muito acertadas... Deixe vêr se me lembro... ah! disse elle que Antoninha era aspera e um tanto dura de genio, e que as caricias delicadas de uma senhora haviam de amaciar-lhe o temperamento muitissimo, acha elle.

Francisco Xavier escutava reconcentrado, e sentia espessar-se a escuridão lá no intimo.

—E que acha o senhor?—proseguiu a palreira senhora.

—O quê?—disse o padre, acordando.

—Dizia eu...—propunha-se repetir a opinião de André augmentada.

—Ah!... sim... dizia a senhora que no convento vae grande alegria...

—Lá me pareceu que vossa senhoria não estava aqui... —disse sorrindo D. Feliciana—Eu estava contando o que disse meu sobrinho...

—Ouvi—atalhou o padre carranqueando-lhe um d'aquelles gestos capazes de estagnarem a torrente palavrosa de Feliciana.

Depois, para não expellir mais longe o jacto da atrabilis, o padre ergueu-se, cortejou a mestra, e sahiu

apoiado ao corremão da escada raspando rijamente nos degráos com a ponta ferrada da perna artificial.

—Valha-te o diabo, manco!—responsava-o a velha, quando elle, em boa correspondencia mental, ia dizendo comsigo:

—Eu me livrarei de ti, quanto antes, canalha!

FIM DO 1.º VOLUME

NOTAS DO 1.º VOLUME

Nota 1.ª

«Os guardas não comerão nem beberão com os prezos, nem com elles terão communicação particular, nem fallarão só, e quando lhe levarem de comer sempre um andará á vista do outro... nem trarão aos prezos nem d'elles levarão recados a pessoa alguma, *ainda que pareça a materia muito justa*, nem lhes darão noticia ou nova de cousa alguma, sob pena de serem castigados com grande rigor....»

Regimento do santo officio da Inquisição, ordenado pelo bispo D. Francisco de Castro, inquisidor geral.

Nota 2.ª

Entre varios poemas, que circularam manuscriptos com referencia ao famigerado causidico, não vejo alguns dignos de memoria senão pelo que valem como provas historicas. O soneto que algum infame anonymo lhe dirigiu, e o confessor porventura lhe levou, aconselhando-lhe a resposta pelas mesmas rimas, não desmerece a publicidade, tanto mais que deu azo a que eu possa estampar o unico poema conhecido do neto do regicida Domingos Leite Pereira. As trovas de um tal *Miranda*, que parecia escandalisado da benignidade da sentença, revelam-nos a baixeza dos homens que emergiam mais á tona do profundo lodaçal de ignorancia e malvadez d'aquelle seculo. A bruteza das almas tinha perversidades congenitas. Mais de uma vez no decurso d'esta narrativa nos virá a ponto escavar as podridões dos que então representavam o talento, a poesia, a graça. Custa a comprehender como n'aquelle seculo avultaram alguns nomes que não desdouram o encadeamento dos escriptores benemeritos de nota na historia litteraria! Acertadamente disse Rebello da Silva: «As lettras e as sciencias, perfumadas, guindadas e mezureiras, padeciam de lisonja incuravel, e não se levantavam das continuas genuflexões aos poderosos, senão para irem espojar-se nos tablados ignobeis ou em satyras indecentes nos theatros, nas pulhas metricas, e nas lôas e outeiros dos cirios, abbadessados e anniversarios.» Poderia accrescentar o eminente litterato que nem as catastrophes completadas

pela carniceria e pela forca impunham silencio aos goliardos das trovas, que se deshonravam a si mesmos para justificarem o desprezo que os inutilisava.

Eis o soneto:

A Jorge Mendes Nobre

SONETO

A Christo foi traidor, como Absalão,
Este, na fé mais cego que Tobias;
No tribunal não quiz ser Zacharias
Por temer a catastrophe de Amão.

Negou a Trindade que adorou Abrahão,
Fez mais lamentações que Jeremias;
E, esquecido do fogo do alto Elias,
O bezerro adorou que fez Aarão.

Foi Judas, mas não foi Judas Thadeu,
Dentro pegou no irmão como Jacob
Em nada com valor de Maccabeu.

Agora está mais pobre do que Job,
E dá graças a Deus como Elizeu,
Porque o livrou do fogo como Lot.

Resposta de Jorge Mendes

Já fui, mas não serei Absalão;
Já fui, mas não serei cego Tobias;
Já sigo a voz do grande Zacharias,
Já Mardocheu me fiz; não sou Amão.

Já confesso a Trindade como Abrahão,
Já choro culpas como Jeremias,
Já em zelo me abrazo qual Elias,
Já detesto os idolos de Aarão.

Já sigo a Christo como São Thadeu,
Já espero vêr a Deus como Jacob,
Já Jorge Mendes sou, não Maccabeu.

Já ouço, vejo e calo como Job,
Já peço ao céo alentos de Elizeu
E já espero salvar-me como Lot.

Segue a deslavada injuria do outro:

A Jorge Mendes Nobre, lettrado, que sahiu no Auto da Fé, ensambenitado, este anno de 1703

DECIMAS

Jorge Mendes! espantado
Se mostra o mundo ao presente
Sahires réo delinquente
Sendo tão grande advogado.
Porém que muito que errado
Andasses nas lettras, se
O mais candido da fé
Denegriste com borrões,
Ignorante das lições
Do catholico *A-b-c?*

Que fazieis conta, sei,
Que sómente se salvava
Quem seguia e idolatrava
De Moysés a antiga lei.

Mas, meu Jorge, conhecei
Que andastes mui temerario
Em fazer extraordinario
Conta tal, quando vos vemos
Esquecido dos extremos
Que houve na cruz do Calvario.

Conheço que antigamente
A vossa lei dos judeus
Foi mui amada de Deus
E querida grandemente;
Porém depois que inclemente
Vosso povo ousou fazer
Em vil madeiro morrer
A Christo sem ser culpado,
Sois o povo mais damnado
Que no mundo póde haver.

Certo, que pelo appellido
Sois *nobre;* porém, sereis
Lá d'esses rabinos reis
Descendente mui luzido.
Como tal, bem conhecido
Sois já com grande razão,
Pois a sacra inquisição
Justamente vos approva
Não por christão da lei nova,
Mas da lei velha christão.

Tinheis timbre de lettrado,
Dáveis conselho a qualquer;
Mas quem dá o que ha mister
A parar vem n'esse estado.
Fazieis com grão cuidado
Razoados cento a cento.

Mas—oh! grande sentimento!—
Que tantas *razões* fizesseis,
E da razão não tivesseis
O cabal conhecimento!

Que pouco vos importaram
Os estudos de direito,
Se esses taes, com effeito,
Jamais vos indireitaram?
Estes que digo chegaram
A pôr-vos n'uma cadeira;
Mas vossa torpe cegueira
Vos fez pôr publicamente
Á vista de toda a gente
Com affrontosa canseira.

Se alguma sentença déstes
Injusto sempre julgastes,
Pois tanto que a pronunciastes
De mais vos arrependestes.
E, supposto que excedestes
N'isto alguns, não é grandeza
Nem em vós nova proeza,
Porque, sem que vos dê susto,
Se sentenciaes o justo,
O aggravais por natureza. [1]

Poderei suppôr que lestes,
Algum tempo, as Escripturas;
Porém, ficando ás escuras,
Jamais nunca as entendestes;
E, se acaso conhecestes,
Lendo-as, vosso grande erro,

[1] Não percebemos a conceituosa trapalhada d'esta decima.

Mais duro que o duro ferro
O sentido lhe trocastes,
Mordendo-as o quanto baste,
Pêlo que tinhas de pêrro.

Fizestes serviços taes,
Seguindo a lei de Moysés,
Que chegastes d'esta vez
A alcançar premios eguaes.
Dois habitos, pois, lograes,
De Christo, não; pois que, visto
Vosso proceder mal-quisto
D'outra sorte vol-o deram,
Porque em vós não estiveram
Mui seguros os de Christo. [1]

Estes tivestes somente,
Meu amigo, por agora:
Vais degradado p'ra fóra
Por confessar claramente;
Mas porém, se, impenitente,
Na vida andares errado,
E ensejo de denunciado
A vossa maldade busca,
Temo que para a *Chamusca* [2]
Sejais mui bem degradado.

Faciebat Miranda.

Trasladarei outra poesia recheada de admoestações pias em que revê o pezar do insulso poeta, cuja veia

[1] Parece querer dizer que o hebreu foi exauthorado das insignias de cavalleiro da ordem de Christo, quando lhe vestiram o sambenito.

[2] *Fogueira.*

daria mais de si, se lhe chegasse o calor da fogueira:

Ao licenciado Jorge Mendes Nobre, que lhe escreveu um seu conhecido, depois de ter sahido no auto da fé, sambenitado, em 9 de setembro de 1703

Amigo Jorge Mendes
que todo a *nobre* mettido,
não sei em que texto achastes
ser nobreza o sambenito!

Nobre vos nomiaveis;
isso já cá era antigo;
mas que havieis de ter habito
não era cá presumido.

Em fim, a vossa *nobreza*,
já temos bem conhecido,
que é nobreza de mercê,
mas não é mercê de Christo.

Só se é feita no Calvario,
quando por seus inimigos
rogou ao Eterno Padre
lhe perdoasse os delictos.

Se vossos pais lá se acharam
ajudando ao sacrificio,
intendei que d'ahi nasce
a mercê que em vós advirto.

Só o que d'aqui reparo
é que os vossos serviços
fossem logo despachados
sem ajuntar fé de officios!

Grande valimento tendes!
pois sem haverdes requerido
logo o habito vos deram
tão galante, e tão lindo!

Só por *um quarto* [1] que tendes
sahireis tambem servido;
que fôra se os outros tres
foram do mesmo districto!

Creio, se me não engano,
sahirieis mais *luzido;*
se já não é que um só quarto
vos remonta a ser mais fino.

Boas lettras aprendestes,
vosso estudo é mui subido,
mas a lei interpretastes
tal como o vosso focinho.

Em tantos livros que tinheis
nunca achastes nenhum livro
que vos désse o desengano
se o Messias seria vindo? [2]

Não achastes no Thalmud
nem em os vossos rabinos
que o Messias verdadeiro
foi e é o mesmo Christo?

Dizei, letrado ignorante,
não podieis ter sabido
que a Deus nada se esconde,
nem tambem ao Santo-Officio!

[1] Um *quarto* de judeu.
[2] O poeta ignorava que Jorge Mendes fosse prezo por heresia, e não por judaismo.

Aprendestes o Direito,
e ao torto ieis seguindo;
assim o devieis fazer
ás partes por Jesus-Christo.

Só á nossa Ordenação
sabieis dar mil sentidos,
e nunca déstes nenhum
á Ordenação de Christo!

Que diabo vos metteu
na cabeça ou no juizo,
ou onde achastes ser bom
seguirdes o judaismo?

Pr'a isto com cabelleira
andaveis muito garrido!
tanta fartura no corpo,
e na alma tão faminto!

Eu não sei que ieis fazer
ás egrejas tão contricto,
aonde não escapaveis
dias sanctos nem domingos!

De que ieis a escarnicar
é o que fica entendido!
que alma em corpo de judeu
não é devota de Christo!

Tambem á vossa mulher
fostes dar tão bom ensino!...
Em fim como era da casta
era mui certo seguir-vos.

Em fim, já que cá tornastes
sejais bom christão vos digo,
e não queiraes uzar mal
da piedade de Christo.

Deixai pelo amor de Deus
os erros do judaismo,
olhai, que se os seguirdes,
vereis vosso enterro em vida.

Pois, se a Misericordia
vos ensinar o caminho,
vos aquentareis ao fogo
inda que não faça frio.

E olhai que d'esta sentença
que eu aqui vos prophetiso
não suspende a appellação
nunca no suspensivo.

Nem lá achareis auctor
com texto algum contra isto
ainda que tenha estudado
pelas leis do judaismo.

Com isto, Deus vos guarde
e vos dê tão bom juizo
que, emendando os vossos erros,
não torneis ao Santo Officio.

Raro floreceu advogado illustre sobre quem a inquisição no seculo XVIII não pozesse a mão ardente. Entre todos o mais infeliz e mais talentoso foi Antonio José da Silva. Um famoso jurisconsulto, Francisco Trigueiros de Góes, mencionado na bibliographia do sr. Innocencio F. da Silva, tambem sahiu do sambenito em auto da fé

(1720, conjecturo eu). Ao proposito um dos poetas imeritos e encartados n'estes triumphos da religião, poetou d'esta fórma:

....
Eu o vi com saltimbarca
ir para o auto da fé.
Por certo ia então a pé
chorando peccados seus
por ter offendido a Deus;
mas sempre n'esta contenda
nunca tiveram emenda
os que são finos judeus.

Que sois o Procurador
da mythra diz o povo;
mas, como sois christão novo,
eu não o creio, doutor!
Mas, emfim, seja o que for;
eu direi em cazo tal,
não fallando n'isto mal,
que vossa infame nação
nunca teve estimação
mais que só em Portugal.

Quanto á estimação que logravam os hebreus em Portugal, em abono da asserção do poeta, leia-se o Alvará de 1 de setembro de 1774, onde se affirma muito áquem do numero exacto que desde 1540 até 1732 foram penitenciados em autos publicos 23:068 pessoas, e relaxadas em carne (queimadas) 1454. Aqui não se contam os que morreram nos carceres, nem os que não sahiram nos autos da fé.

Nota 3.ª

O bispo do Pará, D. Fr. João de S. José Queiroz, deixou nas suas *Memorias* mal recatado o segredo da morte de Suppico. O facto era notorio em Portugal; mas quem ousaria estampal-o? O auctor da *Bibliotheca Lusitana*, seu contemporaneo e muito conhecido, menciona-o como escriptor; mas nem lhe diz a naturalidade, nem o anno do nascimento nem o do obito. Preito servil, deferencia ás intrigas sanguinarias que lavravam no gremio realengo.

Escreve, pois, o bispo, a pag. 109 e seguintes das *Memorias*: «PEDRO JOSÉ SUPPICO DE MORAES. Este homem matou tyrannamente uma mulher em o seu estrado no bairro de Mocambo. Escapou de morrer em Bemfica ás mãos do padre frei Estevão Cotrim, monge de S. Bento; porque, estando este padre na quinta de uma cunhada, junto á quinta do celebre Diogo de Mendonça Corte Real, divertindo-se a vêr passar gente, á janella, em companhia da dita dama — espectavel objecto n'aquella idade — passaram um conde e Suppico a cavallo; e, como era menos discreto nos seus bons ditos, invejou a situação do padre, proferindo uma expressão grosseira. Tinha frei Estevão ao pé de si uma espingarda de que se servia no divertimento da caça; promptamente lançou mão d'ella, e os cavalleiros correram á espora fita.

«N'outra occasião correu perigo o Suppico, porque, encontrando-se na varanda dos Caetanos, em Lisboa,

com o senhor de Murça, a quem tinha offendido, este, tão louco como elle, lançou-lhe as mãos ao pescoço, e valeu a ambos o padre Raphael Bluteau e D. José Barbosa, separando este o Suppico, e o outro o senhor de Murça.

Continuou o Suppico nos seus desacertos; e, introduzindo-se com o infante D. Francisco (irmão de D. João V) se presumiu que lhe inspirava sentimentos indignos do nascimento de infante, com infidelidade á corôa, desconfiança que se aggravou com a retirada d'elle para Inglaterra. Lembrou alguem que havia conluio com os inglezes para virem procurar com poderosa armada o infante, e ir coroar-se rei ao Brazil, correndo a negociação entre America e Londres. Não fico por fiador da idéa: direi porém o que se seguiu.

«Soube-se que estava em Bayona de França Pedro José Suppico, e alguem lhe armou o laço pelo modo seguinte: chegára de Moçambique o padre Antonio Serra, religioso dominico, sujeito de quem a sua illustre ordem não fará menção nos seus agiologios nem metterá entre os varões illustres. Este homem, capaz de qualquer empreza, escreveu a Suppico, persuadindo-o ser muito preciso conferirem ambos em Compostella materias gravissimas; e assim dirigisse sua viagem para tal tempo em que elle padre Serra o estaria esperando em designada estalagem da cidade.

«Preparou-se Suppico, e metteu-se a caminho com um criado unicamente. Oito dias antes de chegar a Compostella, appareceu em S. Thiago um moço valente, bem feito, trigueiro, ou baço, sem criado, montado em um forte e ligeiro cavallo, com espada e clavina, pistolas e malêta de veludo.

«Este homem aquartelou-se em casa de um clerigo de Barcellos, exterminado do reino, grande cytharista. Occupou o armado incognito seu tempo em visitar as estalagens, perguntando se chegára algum francez a ellas, chamado João Satur: tal era o nome que devia ter Suppico fóra de França. Até que finalmente chegou uma tarde á hospedaria do ajuste, perguntou por frei Antonio Serra; e, como o não achasse, justou um proprio que immediatamente expediu com carta ao Serra que se achava em Amarante. Deixemos caminhar o proprio.

«Na mesma noite, entra o portuguez da diligencia ponderada; e, dando com João Satur, lhe fallou conforme as instrucções amigavelmente, louvando-lhe muito a sinceridade da gente d'aquella terra. Convidou-o para, emquanto se fazia a ceia, irem ambos a casa de umas senhoras que moravam perto, onde veria dançar e cantar com muito agrado e gosto as *ijas* hespanholas. Suppico desculpou-se com a fadiga; mas a sua fatalidade o conduziu por condescendencia aos importunos rogos do fingido amigo. Fóra dos muros da cidade lhe cravou este um punhal com cabo de prata no alto da cabeça; e, montado a cavallo, se fez na volta de Portugal. O assassino e fatal instrumento d'aquella ruidosa morte era filho do carcereiro de Lisboa, que morreu enforcado por ordem de D. João V.

«Não se explica o horror que similhante facto causou, por ser cousa mui rara o homicidio em Galliza. Soube-se logo que fôra um portuguez o matador. E das camisas e outras cousas do morto inferiam ser pessoa distincta, e erradamente assentaram que era o marquez de Gouveia que tinha fugido com a sr.ª D. Maria da

Penha de França, a qual eu conheci depois recolhida em um convento de Redondella na Galliza. N'esta hypothese lhe fizeram exequias na cathedral com pompa e generosidade de missas geraes como as poderiam fazer a Filippe V seu monarcha. [1]

«Já n'este tempo — continúa o bispo do Pará — estava preso o criado de *Satur* para dizer quem era seu amo; elle, porém, ignorava-o, dizendo que aquelle cavalleiro o convidára para o acompanhar na jornada, visto já ter vindo com elle outra vez a S. Thiago e lhe dava um tanto. Foi solto.

«Chegou emfim de Portugal o proprio (que Suppico mandara ao padre Serra) e logo preso declarou o se-

[1] Podemos com os pormenores que nos dá o bispo determinar o anno e approximadamente o mez em que Suppico foi assassinado. Ácerca do rapto do marquez de Gouveia, traslado a noticia que já dei nas NOUTES DE INSOMNIA n.º 4, pag. 43 e seguintes. «O mordomo mór que fugiu era D. João de Mascarenhas, 4.º marquez de Gouveia, e 7.º conde de Santa Cruz. Tinha 25 annos, e era casado com uma hespanhola chamada D. Thereza de Moscoso e Aragão, filha do 7.º conde de Altamira, principe de Aracina. A senhora que fugiu com elle era D. Maria da Penha de França, tambem casada com seu primo-irmão D. Lourenço de Almada, muito moço. Tinham casado em 1722. Em junho de 1723 deu D. Maria da Penha de França á luz uma menina, que se chamou Violante. E, na noute de 11 de novembro de 1724, a esposa, abandonando marido e filha, fugiu com o marquez, etc.»

Foram presos em Tuy. Elle, desembaraçado facilmente dos esbirros, foi para Londres, e ella entrou no mosteiro ainda em novembro de 1724. Provavelmente, ainda n'este anno foi assassinado o agente do infante D. Francisco que em 1722 D. João V desterrara com outros criados de seu irmão.

guinte: que chegára á portaria de S. Gonçalo de Amarante, e dando a carta ao padre Serra este mostrou affligir-se de não ter cumprido a palavra de encontrar-se com *mr. Satur* em Galliza no tempo destinado; por que estava mal de hemorrodias e sem liteira. Escreveu a Fernando de Magalhães, que lhe mandou dez moedas, as quaes o padre Serra entregou ao proprio, e no dia seguinte resolveu montar a cavallo até Valença do Minho, onde disse ao gallego que não podia continuar a jornada. N'este tempo estava o padre frei Lourenço Brandão, monge benedictino, em companhia dos senhores d'Aguiar, em Compostella; e, voltando para Portugal, na feira da Arrifana se encontrou com Fernando de Magalhães, e este lhe disse: «Já sei que estava em Compostella quando mataram João Satur.» — Sim — disse frei Lourenço — e você me hade dizer quem é João Satur. — Mudou de côr e conversação. Retirou-se, e frei Lourenço o seguiu, e com amisade o apertava; mas o Magalhães lhe pediu que não instasse por que não podia fallar, e n'aquella materia lhe pedia inviolavel segredo.

«Até hoje se ignora em Galliza quem fosse o morto.

«Não sei como ao pensamento me veiu em Lisboa se seria este defuncto o Suppico; e muito casualmente perguntando ao padre D. Celestino Teguineau da Providencia que fim tivera, respondeu-me que ouvira muito em voz baixa dizer que o mataram em Compostella, intervindo um religioso na morte; e, muito apertado por mim, nomeou o padre frei Antonio Serra, acrescentando que Suppico morrera em castigo de maquinar conspirações contra D. João V.»

Nota 4.ª

Diz o bispo do Pará, nas *Memorias*, que o frade, chegando a Hollanda, judaizou, inscrevendo-se na Synagoga; mas, em honra da religião verdadeira e da memoria do capucho, cumpre declarar que elle se fingiu judeu como outros se fingiam catholicos—para não morrer de fome.

A freira fez penitencia lá fóra. O conego D. Joaquim Bernardes viu-a agachada n'um canto da egreja em quinta feira sancta. D. João V mandou-lhes dizer que voltassem, e seriam perdoados. Não acceitaram, e talvez tivessem juizo. Provavelmente, se voltassem para Portugal, entrariam no gremio da egreja pela porta da Inquisição.

Nota 5.ª

A descripção do interior do palacio da freira appareceu em tempo impressa, e novamente a reimprimiu o sr. dr. Ribeiro Guimarães no 2.º tomo da sua estimavel obra chamada *Summario de varia historia*. Diz assim:

«O quarto de cima, onde assistem, tem oito casas, todas de xadrez, e os tectos de entalhados dourados e de boas pinturas, e todos os materiaes com a maior riqueza e perfeição.

«A primeira casa consta de melania com armação côr de fogo, com passamanes côr de ouro, toda a casa em redondo com sanefas de entalhado douradas, duas papeleiras todas de espelhos dourados com relêvos e figuras douradas, e quatro espelhos de toda a parede do mesmo modo com relêvos e figuras douradas; em cada bofete duas serpentinas de prata, com vellas de trez lumes cada uma; uma duzia de cadeiras de veludo côr de fogo, com galões de ouro, com os braços e pés das cadeiras de talha miuda dourada; e nas outras duas paredes oito placas de espelho douradas, quatro em cada uma, tudo posto por cima da armação.

«A segunda casa tem armação de melania verde, com galões de seda crua côr de ouro, com dez portas com sanefas de talha dourada; em uma parede dois espelhos de toda a parede, e com mais singularidade dourados, e dois bofetes tambem dourados e melhores, com duas serpentinas cada um de prata de trez lumes; oito placas de espelhos dourados e um relogio de parede que dá horas e tange minuetes; uma duzia de cadeiras de veludo verde, com galões de ouro todas douradas. E n'esta mesma casa tem uma varanda toda de vidros crystallinos, o chão é de xadrez de pedra, as paredes de talha dourada e as columnas, toda rodeada de pinturas, o tecto de talha dourada e pinturas com cortinas de nobreza brancas com galões de ouro e borlas de fio de ouro, como todas as cortinas das casas, tem requife côr de ouro. E a varanda tem seis tripeças com os pés azues e oiro e o assento de veludo côr de fogo e ouro; dois bofetinhos de charão negro e uma banca de veludo verde com os pés de charão côr de fogo e ouro.

«O oratorio tem em baixo uma tribuna para a egreja, d'onde póde ouvir missa, com cortinas carmezins bordadas de ouro; e em cima o oratorio todo de talha dourada, no meio Nossa Senhora da Graça, e nos lados S. Bernardo e S. Bento, e virando-se o painel se vê o Evangelista com um panno bordado e cortinas bordadas de ouro e borlas de ouro, com duas serpentinas de prata de trez lumes cada uma, com uns poucos de ramos de prata e castiçaes, uma almofada de tissú, coberta com um panno bordado de ouro.

«A casa onde comem é toda armada em redondo de melania amarella, com passamanes e franja côr de perola, e todas as mais armações que tenho dito as tem da mesma côr dos passamanes, uma duzia de tamboretes todos dourados, e os assentos de veludo amarello com passamanes de prata, e oito placas de espelhos dourados, com um bofete de charão negro e ouro.

«O camarim da irmã mais pequena, tem a armação carmezim com franjas e passamanes de seda crua côr de ouro; um leito da moda, com armação da mesma melania carmezim e as mesmas franjas do mesmo, com uma lamina de prata á cabeceira, com um folhão de fita de prata; com lençoes de Hollanda com boas rendas, travesseiro da mesma sorte, cobertor da mesma melania, e o panno de cobrir do mesmo; quatro cadeiras de damasco carmezim com franjas de ouro e pés dourados; duas tripeças do mesmo veludo, com os pés negros e ouro; e em cima de um bofete dois pratos de Allemanha, de prata doirada, com um penteador e uma toalha de cambraia com preciosas rendas bordadas, e um avental da mesma sorte; e uma caixa de lixa en-

carnada com pregaría e fechos de prata que serve de guardar os brincos, e uma arcada de charão doirada, e em cima um espelho com molduras de prata e muita quantidade de brincos e aviamentos, tudo de prata doirada, que não teem numero, prato e jarro, escovas, thesoura, salva, pucaros, campainha, e todos os aviamentos de toucador, de prata; e um espelho de vidros, e dourado, e duas placas, e bispote de prata, mettido em uma arca de crystal, dentro em uma bolsa de veludo.

«A casa, onde dormem Paula e Maria da Luz, tem armação de melania carmezim, com franjas e galões côr de oiro, dois escriptorios de charão negro e oiro, grandes e todos com pés e topetes de talha doirada maravilhosa, sanefa de talha doirada, dois bofetes doirados maravilhosos, dois espelhos de toda a parede; oito placas de espelhos e doirados, um relogio de parede que dá horas e tange minuetes; uma duzia de cadeiras carmezins, com pés e braços de talha dourada e passamanes de oiro. A cama de Paula é de melania carmezim com o sobreceu todo em tomados, com franjas e galões côr de oiro; o leito da moda, com uma lamina de prata doirada, abrindo-se por tres partes, e os santos de oiro macisso em relevos, com um florão de fita de oiro. Os lençoes de hollanda muito boa, com preciosas rendas, e travesseiros do mesmo modo todos crespos: os cobertores da mesma melania e o panno de cobrir. A cama da irmã é d'este mesmo modo, menos a lamina de prata, um bofete á cabeceira de charão doirado, com um panno coberto, em cima um prato de prata grande, de Allemanha, e dois bispotes do

mesmo e nas mesmas caixas de vidros com as mesmas borlas.

«O gabinete, em que se touca Paula, é armado de melania carmezim com franjas e passamanes côr de oiro, duas sanefas de talha doirada, quatro tripeças com pés doirados e azues de charão, com assento de veludo; uma arca de charão azul e oiro, com dois pratos de prata, um com o penteador, outro com o avental e toalha de boas rendas, cobertos com um panno bom; uma arca de lixa negra, toda com pregaria e fechos de prata; um espelho e seis placas de espelho doiradas; um bofete de charão com uma cobertura de cambraia, com rendas de tres palmos de largura; com um espelho com molduras de prata, com todos os aviamentos de prata, caixas, prato, jarro, salva, castiçal, copos, fructeiros, thesouras, campainha, escovas, e tudo que não póde repetir-se, de prata.

«O outro gabinete de Maria da Luz concertado com a mesma armação, com os mesmos adornos, com os mesmos brincos e riquezas, sem differença.

«Entre as camas ha duas pias de prata para agua benta.

«A casa de todo cima que é a ultima e a maior de todas, é toda armada de melania azul com galões e franjas de seda crua côr de oiro; as sanefas de talha azul e oiro, e são doze; dois escriptorios de charão azul e oiro extraordinariamente bons e grandes, com pés, topetes, e ilhargas doiradas de mui miuda talha; oito placas de uma parte, e oito da outra, todas de vidro; uma duzia de cadeiras de veludo azul, com mãos doiradas, com topetes e galões de oiro e prata, e um

relogio de parede que dá horas e tange minuetes; dois espelhos extraordinariamente grandes, com mais perfeição na talha doirada; dois bofetes doirados, com umas tarjas azues e oiro; duas serpentinas em cada bofete, de seis lumes cada uma, de prata, e todos os bofetes teem serpentinas de prata, com pratos e thesouras de prata.

«Pelas escadas e corredores lampeões de crystal, mettidos na parede, com talha doirada, em todas as portas reposteiros de panno berne bordado de côres.

«O quarto de baixo tem sete casas; uma grande está com dezoito caixões de lixa negra com pregaria de prata, e todos cheios de prata, com que fez uma copa e sobejou muita, porque dizem são tres baixelas; e muitas arcas de roupa de cheiro, e dizem que são das fitas, brincos e vestidos; mas isto ainda se não viu.

«Vieram-lhe tres mulatas e duas criadas, e quatro que tinha, são nove.»

Nota 6.ª

A substancia d'este conflicto encontra-se impressa já nos escriptos romanescos referentes a D. João V, já em manuscriptos do tempo, e tambem nos livros historicos, nomeadamente na mui noticiosa *Historia de Portugal*, do sr. Manuel Pinheiro Chagas, tomo 7.º pag. 53. Por motivos mais circumspectos, no mesmo reinado, as freiras de Santa Monica sahiram de cruz alçada e ciriaes,

em 17 de setembro de 1721, cantando o *Miserere*. O motivo da evasão era respeitavel. Tinham fome, e iam pedir ao perdulario João V que lhes mandasse restituir os seus dotes. Chegaram ao Terreiro do Paço, e não entraram no palacio, porque o secretario de estado as impediu, dizendo-lhes que el-rei attenderia ao seu requerimento.

Sobre tal assumpto escreveu o Camões do Rocio as seguintes decimas ineditas em que transluz a muza chocarreira do celebre magistrado:

A ímpulsos da vontade
que abraça o entendimento
as Monicas do convento
foram em communidade
a pedir á Magestade
a ração que lhes faltou,
em cujo acto se achou
o secretario de estado
que as mandou com um mandado
com que a bôcca lhes tapou.

De nescios não se abstêem
os que na côrte julgaram
que as monicas mal andaram
no dia que andaram bem;
porque não dirá ninguem
que os statutos quebraram
das regras que professaram;
que a regra mal não se fez
se em desesete do mez
um ordinario buscaram.

Dizer-se que de Agostinho
as madres não pareceram

filhas, quando se atreveram
a sahir do patrio ninho,
parecem coisas de vinho
estas razões sem razão;
pois, se *as madres vôos dão*
para o paço, aguias se assinam,
porque aos raios se examinam
do Sol El-Rei Dom João.

Com estas e outras lisonjas ao rei Sol—que se desvanecia com o arremêdo de Luiz XIV—grangeou o poeta a confiança absoluta de D. João V, mas decerto não passou do estalão dos mediocres versejadores do seu tempo.

Nota 7.ª

Este fragmento é trasladado das *Memorias da Junta da Companhia do commercio, copiadas dos manuscriptos de Manuel Pereira de Faria.*

O original autographo deve existir na livraria do marquez de Pombal. Faria, em 1769, pediu que a Junta da Companhia se restabelecesse, e a pedido do ministro da marinha, Francisco Xavier de Mendonça, escreveu o *Papel historico*. Morreu n'aquelle anno o ministro, e Faria deu o papel ao marquez, que leu, elogiou grandemente o escripto e nada fez. A respeito d'este negociante lettrado escreve o sr. Innocencio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico,* tom. 6.º, pag. 80: «*Manuel Pareira de Faria,* um dos socios fundadores da

Arcadia Ulyssiponense, com o nome de Silvio Aquacelano. Da particular amisade que existia entre elle e Garção dão testemunho as odes VI e XI d'este poeta. Se devemos fiar-nos no seu appellido arcadico, era natural de Melgaço (*Aquæ celenæ*). Exerceu em Lisboa a profissão de negociante. Em 1761, por occasião da nova organisação do tribunal do Erario Regio, dirigida e effectuada pelo ministro marquez de Pombal, foi nomeado contador de uma das quatro contadorias em que se dividiu aquella repartição com o ordenado de 1:600$000 réis. Morreu a 23 de setembro de 1787. Debalde se procuram as obras d'este que como as de tantos outros consocios na Arcadia não chegaram a gosar do beneficio da imprensa, perdendo-se de todo, ou existindo talvez ignoradas em mãos particulares, incapazes de aprecial-as.»

Nota 8.ª

Do ambar e do rei João V, conta o bispo do Pará o cazo que vem de molde: «João Jacques de Magalhães deu a essencia do ambar ao sr. D. João V, de que resultaram os sabidos effeitos para os quaes o acompanhava um Manuel da Costa. Dizia o doutor Bernardes, seu physico-mór: «Cure-o João Jacques que sabe o que lhe fez, e Manuel da Costa que sabe o que elle fez.» *Memorias*, etc. pag. 151.

Nota 9.ª

Um viajante francez, que escreveu em 1730 o livro

intitulado *Description de la ville de Lisbonne*, etc., falla assim dos medicos portuguezes e do seu patricio Estienne: *Les medecins du pais passent dans l'esprit de la nation pour être fort habiles; cependant ils sont extremement prodigues de sang, et ne connaissent presque d'autre remede que la saignée. Dans les maladies ordinaires ils commencent par ordonner* uma meia duzia de sangrias, *demi douzaine de saignées; et quand le mal se rend opiniatre, ils poussent l'ordonnance jusqu'a quinze et vingt; tellement que ce qui peut arriver de mieux au malade, c'est d'en être quitte pour un épuisement dont il a bien de la peine à se remettre. Au reste, si leurs remedes n'operent pas, et que le malade tombe dans un état désesperé, ils lui ordonnent* agoa do francez *qui veut dire de l'eau du français, et on éprouve souvent que les malades recouvrent leur santé par l'usage de cette eau. Le français qui la débite est un provinçal nommé Estienne etabli à Lisbonne depuis longues années, lequel sans être medecin ni chirurgien, donne pour toutes sortes de maladies cette tisane dont il dit avoir appris la composition en Turquie. Il fait voir des certificats d'une infinité de personnes, qu'il a parfaitemente guéries; et quoiqu'en montrant le crédit de sa tisane ou ses cures merveilleuses, il ait grand soin de garder le silence sur les occasions oú elle a eu l'effet contraire, toutefois il est certain qu'elle lui a procuré de gros biens, et qu'elle conserve toujours sa réputation avec la même force. Mais quelque utile que soit ce remede, il ne saurait réparer le préjudice considérable que ces nombreuses saignées causent aux temperaments; aussi voit-on quantité de jeunes gens qui en éprouvent*

de tristes suites; ayant la vûe si faible, qu'ils sont obligés de porter des lunettes. On attribue encore cette incommodité à la grande clarté qu'a le ciel dans cette partie de notre hemisphere, et à l'incontinence extraordinaire de la nation.»

Todos os forasteiros reparavam na profusão dos oculos em Portugal. D. frei João de S. José Queiroz, bispo do Pará, escreve ao proposito o seguinte: «Os oculos de que usam os portuguezes são objecto de galhofa nos paizes estrangeiros. Mr. de la Brue, na *Viagem a Cacheu* em 1700, pinta um portuguez com um esmerilhão ou bacamarte esperando outro para o matar, pondo primeiramente os oculos, e atacando-os com prisão ás orelhas. O auctor do livro intitulado *Le Voyageur* faz outra reflexão similhante. Algaroti tambem zombeteia dos oculos portuguezes. Que a nação padece falta na vista, é certo, e presumo nascer de ter horisontes muito claros... Os padres benedictinos em Coimbra fazem-se reparaveis por nenhum deixar de trazer oculos: o certo é que argue falta de vista e mortificação... Conheci um monge chamado frei Cyprianno, natural de Miragaya. Foi este condiscipulo do mestre frei Ignacio de Jesus, em Basto, onde lia philosophia o mestre frei Isidoro de Santa Anna. Encontraram-se os condiscipulos em ferias, e, como frei Cyprianno andasse de solidéo e oculos, perguntado para quê, respondeu ao condiscipulo: «Amigo, isto é *propter farsolam*»... Querer parecer douto com os oculos é necedade que se vê atravez dos vidros. Dizia um estudante de Coimbra, grande investidor, a um novato, sustentando por mais authoridade uns oculos no nariz: «Vejo um asno deante de mim.» — Responde o

innocente: «Não é muito que os oculos lhe sirvam de espelho.» Em o livro *Description de Lisbonne* tambem os oculos dos portuguezes veem á dança. Dizia um hespanhol...: *Esto en los portuguezes ó es astro, ó es mania.* Fique-se em problema». [1]

Nota 10.ª

Anna Armanda *du Vergé*, escreve o sr. Pinheiro Chagas com outros historiadores; porém, o visconde de Santarem, trasladando documentos francezes, escreve *Duverger*. A mãe d'esta senhora foi um expeditissimo agente secreto que Luiz XIV teve em Portugal. Ao respeito, escreve o visconde de Santarem: «... Teve sempre esta potencia (a França) em a nossa côrte agentes secretos que a tinham ao corrente de quanto de mais ponderação corria. Um dos que melhor desempenharam esta delicada missão foi uma certa madama Duverger, avó do sr. D. Miguel, legitimado d'El-Rei D. Pedro II. As relações que ella tinha com este soberano, e por conseguinte com grande parte da nobreza, e o bom acolhimento que em todos achava, a punham em estado de informar os ministros de quanto acontecia. Accrescia a isto ter esta senhora um filho que fazia em todo este intervallo as vezes de consul de França, o qual era destrissimo sobre tudo em materias commerciaes sobre as quaes foi

[1] *Memorias* de Fr. João de S. José Queiroz, Porto, 1868.

encarregado pelo governo francez de redigir varias Memorias, cousa que elle desempenhou cabalmente.» *Quadro elementar das Relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo. Tom. V. Introd.*, pag. XIII e XIV.

Anna Armanda Duverger houve dois filhos de D. Pedro II: D. Miguel de Bragança, primeiro duque de Lafões, casado com D. Luiza Casimira de Sousa, herdeira da casa de Arronches. D. Miguel morreu afogado no Tejo em 13 de janeiro de 1724. O outro filho foi arcebispo de Braga, e chamou-se D. José de Bragança.

ERRATAS PRINCIPAES

Pag.	XIII,	linha	8,	*Qual aurora*	emende	Qualquer aurora
»	XXXVI,	»	7,	*Flambert*	»	Flaubert
»	44,	»	20,	*Por onde*	»	Ahi estão
»	45,	»	18,	*Febre*	»	Fibra
»	61,	»	4,	*Figura*	»	Figurava
»	62,	»	29,	*Gonçalves*	»	Guimarães
»	73,	»	25,	*Corregedor*	»	Magistrado
»	106,	»	28,	*Doutor*	»	Doente
»	113,	»	26,	*Dançarina?*	»	Dançarina....
»	123,	»	ult.	*Timpo*	»	Tempo
»	151,	»	7,	*Presistencia*	»	Preexistencia.
»	156,	»	6,	*Segregou-lhe*	»	Segredou-lhe
»	162,	»	1,	*Propriedade*	»	Prosperidade
»	163,	»	6,	*Ses annos*	»	Seis annos
»	186,	»	9,	*Hypocrionda*	»	Hypocondria